

**Universidade de Évora**

**Mestrado em Ciências da Informação e da Documentação**

Área de Especialização: **Bibliotecas**

**Redes de Cooperação entre  
Bibliotecas Públicas e Escolares do Litoral Alentejano**

Volume I

Dissertação elaborada por:

Carla Maria Pereira Gamito Gonçalves Chainho

Orientador:

Professor Doutor Carlos Alberto da Silva

Évora, Junho, 2011

**Universidade de Évora**

**Mestrado em Ciências da Informação e da Documentação**

Área de Especialização: **Bibliotecas**

**Redes de Cooperação entre  
Bibliotecas Públicas e Escolares do Litoral Alentejano**

Volume I

Dissertação elaborada por:

Carla Maria Pereira Gamito Gonçalves Chainho

Orientador:

Professor Doutor Carlos Alberto da Silva

Évora, Junho, 2011

Dissertação apresentada ao Departamento de História à Universidade de Évora para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Informação e da Documentação, na Especialidade de Bibliotecas, sob a orientação do Professor Doutor Carlos Alberto da Silva

## ***Agradecimentos***

Esta tese de mestrado foi elaborada com persistência e esforço, tendo contribuído indubitavelmente para o meu crescimento e desenvolvimento pessoal. Embora tenha sido o fruto de um trabalho individual, não posso deixar de expressar os meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que contribuíram para que a realização desta tese se tornasse uma realidade.

Aos Presidentes dos Conselhos Executivos e aos Coordenadores das Bibliotecas Escolares do 1.º, 2.º e 3.º ciclo e do Ensino Secundário, pela disponibilidade manifestada e pelo inestimável contributo prestado.

Aos Bibliotecários e Técnicos Profissionais das Bibliotecas Municipais, assim como aos eleitos das Câmaras Municipais do Litoral Alentejano, responsáveis pelas referidas infra-estruturas.

A todos aqueles que estiveram sempre presentes e próximos de mim.

Ao meu orientador, Professor Doutor Carlos Alberto da Silva, pela inteira disponibilidade demonstrada e orientação científica prestada.

Ao Professor João Madeira por me ter incentivado na realização deste estudo.

Ao Professor Constantino Piçarra pelo seu apoio permanente e encorajamento na construção e realização desta tese.

Aos meus pais e irmão pela força da sua presença, constante dedicação, motivação e apoio incondicional.

Aos amigos que estiveram presentes no período de realização do trabalho durante os meus piores e melhores momentos.

## **Redes de Cooperação entre as Bibliotecas Públicas e Escolares do Litoral Alentejano**

### **Resumo**

Este trabalho de pesquisa baseia-se num estudo sobre as características das relações existentes entre as bibliotecas escolares e públicas da Região do Litoral Alentejano.

Baseado numa metodologia qualitativa, o presente estudo teve como objectivo a percepção e compreensão dos aspectos que facilitam ou condicionam directa ou indirectamente a cooperação entre estes estabelecimentos. Deste modo foi possível entender as relações que as bibliotecas escolares estabelecem entre si e outras entidades, nomeadamente no que concerne à proximidade e articulação que estabelecem com as bibliotecas municipais, ou se pelo contrário apenas celebram relações pontuais. No fundo, procurámos perceber como isso se reflecte nas instituições e nas próprias relações estabelecidas entre as pessoas destas entidades.

Foi realizado um conjunto de entrevistas semi-estruturadas a 15 coordenadores das bibliotecas escolares e a 4 responsáveis das bibliotecas municipais da Região do Litoral Alentejano, que permitiram compreender o funcionamento das bibliotecas municipais e escolares da área geográfica definida e o seu papel na cooperação e desenvolvimento destes estabelecimentos.

## **Cooperation Network between Public Libraries and School from Litoral Alentejano**

### **Abstract**

This research is based on a study about the relationships between public and school libraries from the Alentejo Coast Region.

Based on qualitative methodology, the aim of the research was to try to perceive and understand the aspects that may act directly or indirectly, that facilitates or constrains cooperation between these institutions. Thus we try to understand the nature of the relations between school libraries, the proximity and connections they establish with the public libraries, or whether it just happen once in a while, to perceive in what way this is reflected in institutions and relationships between these entities' staff.

It was performed a set of semi-structured interviews to 15 school libraries coordinators and four municipal libraries administrators of the Alentejo Coast Region. In essence we tried to understand their perspectives about public and school libraries of the defined geographic area and what is their role in cooperation and development of these institutions.

**Palavras-Chave:**

Rede, Cooperação, Biblioteca Pública, Biblioteca Escolar,  
Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares

## **Lista de Abreviaturas**

BE – Biblioteca Escolar

BE/CRE – Biblioteca Escolar, Centro de Recursos Educativos

BM – Biblioteca Municipal

BP – Biblioteca Pública

DGLB – Direcção Geral do Livro e das Bibliotecas

IFLA – International Federation of Library Associations

IPLB – Instituto Português do Livro e das Bibliotecas

OPAC – Online Public Access Catalog

PAA – Plano Anual de Actividades

PEE – Projecto Educativo da Escola

PNL – Plano Nacional de Leitura

RBE – Rede de Bibliotecas Escolares

RLP – Rede de Leitura Pública

RNBP – Rede Nacional de Bibliotecas Portuguesas

SABE – Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

UNESCO – United Nations Educational Scientific and Cultural Organization

## ÍNDICE GERAL

<b>Introdução</b> .....	12
<b>I PARTE - ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b>	
Capítulo 1 .....	20
1.1. Papel e missão das Bibliotecas Escolares .....	20
1.1.1. A Importância da Biblioteca Escolar .....	21
1.1.2. A Biblioteca Escolar como estrutura de apoio ao currículo e projecto educativo da escola .....	24
1.1.3. O Funcionamento e as Actividades Promovidas pela Biblioteca Escolar.....	27
1.1.4. O papel do Professor Bibliotecário e da equipa da Biblioteca Escolar.....	29
1.1.5. A Rede de Bibliotecas Escolares .....	34
1.1.6. Cooperação entre Bibliotecas Escolares.....	40
Capítulo 2.....	42
2.1. Papel e missão da Biblioteca Municipal .....	42
2.1.1. A Importância da Biblioteca Municipal.....	43
2.1.2. O Papel do Bibliotecário.....	45
2.1.3. Cooperação Interbibliotecas.....	46
<b>II PARTE - ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO</b>	
Capítulo 3.....	51
3.1. Contexto Metodológico da Investigação.....	51
3.2. Propósitos e Objectivos do estudo.....	51
3.3. Pressupostos Metodológicos da Investigação .....	55
3.4. Caracterização e Contexto do Estudo.....	56
3.5. A Entrevista .....	57
3.6. A análise da documentação.....	60

### III PARTE - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Capítulo 4.....	62
4.1. Ponto da situação da cooperação entre bibliotecas escolares e públicas na área geográfica definida: .....	62
4.1.1. Situação actual das bibliotecas escolares;.....	62
4.1.2. Situação actual das bibliotecas públicas; .....	64
4.1.3. Pontos fortes e fracos do estado actual de desempenho das bibliotecas escolares em articulação com as bibliotecas públicas/municipais;.....	67
Capítulo 5.....	69
5.1. Interpretação e Análise dos Resultados.....	69
5.1.1. Fundo Documental.....	69
5.1.2. Recursos Humanos .....	72
5.1.3 Dinamização e Promoção do Livro e da Leitura.....	73
5.1.4. Visão do Trabalho Desenvolvido nas Bibliotecas Escolares.....	77
5.1.5. Conceito e modelo de Cooperação .....	79
5.1.6 Propostas de Intervenção para o Desenvolvimento de um SABE .....	84
<b>Conclusão</b> .....	95
Referências Bibliográficas .....	104

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro I – Tipologia de Escolas por Nível e Dimensão de Escolaridade .....	35
Quadro II– Escolas do 1.º Ciclo Integradas na Rede de Bibliotecas Escolares.....	37
Quadro III– Escolas do 2/3.º Ciclos e Secundárias Integradas na Rede de Bibliotecas Escolares .....	38
Quadro resumo IV– Caracterização da Rede de Bibliotecas Escolares.....	39
Quadro V– Matriz para o Guião da Entrevista .....	59
Quadro VI– Sistema de categorias para a análise de conteúdo das entrevistas.....	60
Quadro VII– Público Infante/Juvenil 2008.....	65
Quadro VIII– Público Infante/Juvenil 2009.....	65
Quadro resumo IX– Categorias de Análise.....	89

---

# Introdução

A realidade da Sociedade da Informação impõe que nos relacionemos desde cedo com uma panóplia diversificada de meios de comunicação (televisão, rádio, computador), um mundo fascinante cujas perspectivas são ainda ignoradas. No entanto, tal como refere, Margarida Bairrão, é “preciso então saber lidar com a informação, gerir essa informação para que esta venha a proporcionar o verdadeiro conhecimento.” (Bairrão, 2007: 25)

Numa sociedade em que a informação é uma constante, torna-se imperativo que as crianças e jovens desenvolvam capacidades de manuseamento de informação.

Numa sociedade democrática que promove a igualdade de oportunidades, compete ao próprio sistema educativo ter à disposição equipamentos e recursos que propiciem o desenvolvimento das capacidades intelectuais dos alunos, o que é indissociável da existência de Bibliotecas Escolares com espaços, recursos humanos e informação em quantidade e qualidade.

Efectivamente, segundo José António Calixto, nos países desenvolvidos, a Biblioteca Escolar constitui um elemento fundamental, tanto para o sistema educativo, como para o sistema bibliotecário, que se articulam com outras unidades documentais, designadamente, as bibliotecas públicas, sejam académicas/universitárias, municipais ou especializadas.

O autor defende que: “ Tanto as crianças, desde a mais tenra idade, isto é desde o jardim infantil, como os jovens, precisam de desenvolver um conjunto de capacidades de manuseamento da informação que lhes permita viver numa Sociedade da Informação em mutação permanente e utilizar eficazmente as diferentes componentes do sistema nacional de informação”. (Calixto, 1994: 57)

A rede de Bibliotecas Públicas foi criada em Portugal em 1987, numa altura em que as Bibliotecas Escolares eram inexistentes. Apenas dez anos mais tarde, em 1997, foi criada a Rede de Bibliotecas Escolares, surgindo como resposta às necessidades sentidas pelas escolas, procurando inovar o processo de ensino aprendizagem, que ainda se encontra em fase de ajustes.

Com a criação da Rede de Bibliotecas Públicas em 1987, começaram a emergir as primeiras bibliotecas públicas. Esta rede teve origem devido à formação de um grupo de trabalho pluridisciplinar, do qual fizeram parte Maria José Moura e Joaquim Figueira Mestre.

O país vive nesta altura um salto qualitativo muito importante no que diz respeito à divulgação do livro, formação de leitores e desenvolvimento de hábitos de leitura, com expressão mais significativa no interior do país.

Durante os últimos anos, verificou-se que de um modo geral por todo o país, particularmente na região do interior do Alentejo, as bibliotecas públicas, através das suas colecções, actividades de animação e dos seus projectos, conseguiram aproximar uma população diversificada, constituída por adultos e crianças. As bibliotecas a partir de um ambiente descolarizado aproximaram os alunos dos livros, dos escritores e da leitura. Desta forma a rede de bibliotecas públicas tornou-se a realidade cultural mais importante no pós 25 de Abril.

Após a análise desta realidade foram retiradas três conclusões:

Primeiro ponto, o trabalho desenvolvido pela rede foi realizado, sobretudo, com a preocupação das bibliotecas públicas chegarem a amplos sectores de público, tendo a seu lado uma escola incapaz de potenciar as actividades da biblioteca pública enquanto espaço de cultura e de fomento das competências ao nível das literacias da leitura e da informação. Até ao lançamento da rede de bibliotecas escolares, 1997, a escola não concretizou o que estava ao seu alcance em aspectos decisivos relacionados com a sociedade de informação: não fez leitores, não divulgou o livro como era suposto e, sobretudo, não desenvolveu projectos interessantes na área da literacia.

Segundo aspecto, todo este trabalho positivo desenvolvido pelas bibliotecas públicas foi liderado por um conjunto de bibliotecários formados para servir os objectivos da rede, realizando reuniões periódicas entre si, por iniciativa do IPLB (Instituto Português do Livro e das Bibliotecas), tendo no terreno técnicos de biblioteca e documentação formados no âmbito das escolas profissionais por estes mesmos bibliotecários. No seu conjunto, constituiu-se um núcleo de recursos humanos com competência para bem desenvolverem a missão da Biblioteca Pública.

Este trabalho esteve associado a um IPLB que fazia pressão junto das autarquias, para que o fundo documental existente e os recursos humanos estivessem de acordo com a missão da biblioteca pública.

Chegados aos primeiros anos do século XXI, todo este trabalho desenvolvido pelas bibliotecas públicas tem tido por base, essencialmente, a quantidade e não a qualidade.

Como tal, é fundamental efectuar uma viragem, isto é, dar primazia aos objectivos de qualidade, sem descurar obviamente as questões de massificação.

Passo a explicar melhor, por força da revolução tecnológica, a informação passou a circular em grande velocidade, chegando em grande quantidade a um grupo cada vez mais alargado de pessoas. A informação democratizou-se e o consumo de informação aumentou exponencialmente. No entanto, esta realidade não se traduziu de forma proporcional num aumento de conhecimento.

Só o conhecimento serve para perceber e explicar o facto de se conseguir transformar, a informação que circula em abundância e como esta deverá ser consumida. Em muitos casos a informação prende-se com a superficialidade dos fenómenos e de entre estes com os que brilham e brilham tanto que nos impedem de ver os outros, os que estão ofuscados por este brilho e que são aqueles que nos ajudam a crescer em dimensão e substância.

No que diz respeito à biblioteca pública, a primeira “batalha”, a batalha da divulgação da informação, relacionada com a quantidade, pôr em contacto amplos sectores de utilizadores com escritores e fazer chegar o livro a um número cada vez mais alargado de pessoas, está ganha em muitas bibliotecas. Foram criadas as condições que permitem ao público o acesso à informação. Contudo, o desafio das bibliotecas públicas é outro, é o de transformar a quantidade em qualidade, isto prende-se com a elevação das competências de leitura nos utilizadores, pelo que é fundamental a concretização das seguintes tarefas:

- a) Constituir grupos de leitores (adultos) debater, conversar, sobre livros, autores, literatura, passando da informação ao conhecimento;
- b) Formar “Ateliers” de leitura e escrita e desenvolver em crianças e jovens competências ao nível da leitura e da escrita;
- c) Juntar pais e filhos na mais tenra idade e desenvolver com estes as suas capacidades cognitivas, sensoriais e sensibilizando e formando os pais para desempenhos correctos em casa.
- d) Desenvolver projectos que possibilitem a aquisição de competências ao nível da pesquisa, selecção, tratamento e divulgação de informação.

Este salto qualitativo que urge dar, confronta-se com uma situação que não só impede este salto, como ameaça fazer regredir a “obra” já feita em termos de formação de leitores, pondo em causa a consolidação do trabalho realizado. São inúmeros os factores de bloqueio, entre os quais se destaca, o papel actual das bibliotecas públicas na concretização do Plano

Nacional de Leitura. De facto, a relação desenvolvida entre a biblioteca pública e a biblioteca escolar não está a favorecer o salto qualitativo que as bibliotecas públicas podem e devem dar.

A biblioteca pública contribui com os livros e com os conhecimentos técnicos de biblioteconomia e a escola contribui com a matéria-prima, que são os professores, para desenvolverem acções no sentido da promoção da leitura e da criação de leitores. A relação entre a biblioteca pública e a biblioteca escolar não pode ser desse tipo.

Nos concelhos do país onde existem bibliotecas públicas, foram sobretudo os técnicos destas bibliotecas que desenvolveram competências e conhecimentos no trabalho ao nível das literacias da leitura e da informação. O que faria sentido, portanto, é que este conhecimento fosse canalizado para a concretização do Plano Nacional de Leitura através do estabelecimento de parcerias Escola/Biblioteca Pública, cabendo também à biblioteca pública um papel importante na concepção e concretização de projectos referentes ao desenvolvimento de competências na área das literacias da leitura e da informação.

Através duma abordagem qualitativa, pretendemos conhecer a orgânica existente nas bibliotecas escolares, não só em termos de actividades desenvolvidas no âmbito da promoção e divulgação do livro e da leitura, como também ao nível da sua organização, tendo em conta o apoio que têm e as condições físicas de que dispõem. Pretendemos igualmente saber qual o trabalho que tem sido desenvolvido nas bibliotecas escolares até ao presente momento, assim como ter a percepção de qual o volume ou dimensão do trabalho que tem vindo a ser desenvolvido nestes últimos anos.

Assim, em termos estritos, através de uma abordagem qualitativa, pretende-se com este trabalho analisar a cooperação entre bibliotecas públicas e escolares, no espaço geográfico considerado, o Alentejo Litoral, de modo a concluir se é algo de efectivo e real. Esta análise permitirá saber de que características se reveste a cooperação estabelecida e se esta está de facto a contribuir para enfrentar com êxito os desafios que hoje a sociedade de informação coloca. Os elementos bloqueadores à concretização duma cooperação visando estes objectivos serão identificados e alvo de reflexão.

Consequentemente, no seguimento, o estudo aborda ainda quais as redes de cooperação existentes entre bibliotecas públicas e escolares do Litoral Alentejano, tentando vislumbrar o real impacto desta cooperação na aquisição de competências ao nível das literacias da leitura e da informação.

Após a exposição e a contextualização geral da investigação em questão é necessário referir o modo como o trabalho se encontra estruturado.

O trabalho encontra-se estruturado em dois volumes e em três partes distintas.

O primeiro volume é constituído pela introdução, desenvolvimento e conclusão do estudo realizado. A componente do desenvolvimento contém uma primeira parte composta pelo enquadramento teórico, uma segunda parte de enquadramento metodológico e uma terceira e última parte onde são apresentados os dados recolhidos, sujeitos a uma análise minuciosa.

O enquadramento teórico é constituído por dois capítulos. No capítulo um referimos qual o papel e missão da Biblioteca Escolar, tendo em conta o papel que esta desempenha como estrutura de apoio ao currículo e projecto educativo da escola, o seu funcionamento, recursos humanos, o papel do professor bibliotecário, as actividades que promove e a relação que estabelece com as outras bibliotecas escolares e a própria Rede de Bibliotecas Escolares.

No capítulo dois descrevemos o papel e a missão da Biblioteca Municipal, nomeadamente, no que concerne à sua importância, o papel do bibliotecário, os projectos desenvolvidos e a dinâmica de cooperação interbibliotecas que porventura possa estabelecer.

Na segunda parte, capítulo três, é feito o enquadramento metodológico da investigação. Para além disso, são traçados os objectivos do estudo e salientados os métodos, técnicas e instrumentos utilizados na recolha de dados.

Na terceira parte do trabalho, capítulo quatro, é analisado o ponto de situação da cooperação existente entre as bibliotecas escolares e públicas da área geográfica definida, assim como as boas práticas e perspectivas de desenvolvimento.

No capítulo 5 procede-se à interpretação e análise dos resultados, através das entrevistas realizadas aos coordenadores das bibliotecas escolares e responsáveis das bibliotecas municipais.

O segundo volume é composto pelos seguintes documentos em anexo:

Anexo 1 – Carta dirigida ao Director do Conselho Executivo;

Anexo 2 – Carta dirigida à chefe de Divisão da Câmara;

Anexo 3 – Guião das entrevistas realizadas às Bibliotecas Escolares;

Anexo 4 - Guião das entrevistas realizadas às Bibliotecas Municipais;

Anexo 5 – Transcrição das quinze entrevistas aos coordenadores das Bibliotecas Escolares;

Anexo 6 - Transcrição das quatro entrevistas aos Bibliotecários e Técnicos das Bibliotecas Municipais;

Anexo 7 – Categorização da Informação através da análise de conteúdo.

# PARTE I

---

## ENQUADRAMENTO TEÓRICO

# Capítulo 1

## 1.1. Papel e missão das Bibliotecas Escolares

A biblioteca escolar tem como principal função disponibilizar serviços de aprendizagem, livros e recursos que possibilitem aos membros da comunidade escolar "... tornarem-se pensadores críticos e utilizadores efectivos da informação em todos os suportes e meios de comunicação. As bibliotecas escolares articulam-se com as redes de informação e de bibliotecas de acordo com os princípios do Manifesto da Biblioteca Escolar da UNESCO"<sup>1</sup> Se houver um trabalho realizado em equipa entre bibliotecários e professores, os alunos terão mais facilidade em atingir níveis elevados de literacia, de leitura e aprendizagem e irão desenvolver mais facilmente as suas competências ao nível das Tecnologias da Informação e Comunicação. O acesso aos fundos documentais deverá ser efectuado livremente, não deverá ser, de forma alguma, sujeito a censura ideológica, política, religiosa ou sofrer pressão de base comercial.

Na verdade, tal como refere Margarida Bairrão, uma das iniciativas a que assistimos em 2007 é a envolvimento que o Ministério da Educação está a ter, articulado com o Ministério da Cultura e de outras parcerias no Plano Nacional de Leitura (cf. Bairrão, 2007). Demonstrando uma preocupação com os níveis de literacia dos jovens, este plano tem como principal objectivo promover uma série de competências no domínio da leitura e da escrita, bem como o aprofundamento e interesse de hábitos de leitura na população escolar. Deverá cooperar com outros sistemas de informação, nomeadamente com as bibliotecas municipais, ao nível da partilha dos recursos da informação, do desenvolvimento das colecções, empréstimo e circulação de documentos, da planificação de actividades de animação de promoção do livro e da leitura, da formação e apoio mútuo a nível técnico-pedagógico. Para além disso, devem ser estabelecidas parcerias próximas e constantes com os Centros de Formação de Professores, em articulação com o plano de formação da escola, de modo a poder dar respostas às necessidades formativas das equipas e dos docentes em geral, em áreas directa ou indirectamente relacionadas com a gestão e utilização das Bibliotecas Escolares.

---

<sup>1</sup> MANIFESTO IFLA/UNESCO PARA BIBLIOTECA ESCOLAR [Em linha]. [Consult. 12 de Jun. 2010]. Disponível em WWW: URL: <http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>

### **1.1.1. A Importância da Biblioteca Escolar**

A UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação) publicou em 1980 um documento “School Library Media Service Manifesto”, em Portugal ficou conhecido por “Manifesto das Mediatecas Escolares”. Este documento defende que as mediatecas são fundamentais para a educação de todas as crianças e adolescentes, tendo em conta que a educação é a causa fundamental para a estabilidade entre os povos e nações. É necessário que os jovens possam efectuar uma constante formação contínua de maneira a desenvolver as suas capacidades básicas e a utilizar uma vasta gama de recursos e serviços.

A questão é, porém, mais complexa, mesmo do ponto de vista da operacionalização dos conceitos. O conceito de Sociedade da Informação está longe de ser consensual, assinala José António Calixto, “É no entanto inquestionável que, seja em situações do dia a dia, seja no desenvolvimento de actividades profissionais, cada vez mais nos encontramos na posição de necessitar de informação, colocando-se a todos nós o problema de como a obter, seleccionar, manusear e produzir, uma vez que a Sociedade da Informação pressupõe a interactividade nas situações comunicacionais” (Calixto, 1994: 58).

Torna-se fundamental avaliar a informação tendo em conta os diversos *media*. Não basta aceder à informação é necessário seleccioná-la, o que implica localizar, sintetizar e utilizá-la de uma forma eficaz; tarefas cuja realização é facilitada através de meios tecnológicos, redes de comunicação e recursos electrónicos disponíveis.

Assim, continuando Calixto, “[...] o grande propósito que se coloca a qualquer sistema educativo é o de preparar cidadãos para esta sociedade de informação, tendo também em atenção as grandes mudanças ocorridas nos últimos anos no campo da educação” (Calixto, 1994: 59).

As mudanças significativas de que o processo de ensino e aprendizagem tem sido alvo fazem com que a escola já não seja encarada como principal centro de aprendizagem das crianças e jovens. Potenciou-se um conceito de educação mais global, que integra outras realidades envolventes. Os contactos com a comunidade, onde o indivíduo se encontra inserido, a comunicação social, os amigos e a família contribuem significativamente para o desenvolvimento das suas capacidades e atitudes, o que não sendo propriamente novo adquire um ritmo e um impacto mediados pela rapidez e pelo carácter quase automático, possibilitado pelos meios de comunicação de massas, onde a Web se instalou poderosamente.

Acentua-se, por isso, tal como é referenciado por José Calixto: “ A relativização do conhecimento científico, [onde se] introduz a incerteza no campo da educação e sublinha o valor da pesquisa individual e do desenvolvimento das capacidades de manuseamento da informação.” (Calixto, 1994: 59)

A aprendizagem de conteúdos através da memorização perde terreno sob a valorização de como encontrar, avaliar e utilizar a informação, recentralizando objectivos como o saber efectuar pesquisas temáticas ou conseguir manusear a informação.

Este conjunto de ideias aponta para uma nova pedagogia, longe da ideia de que o professor é que é o detentor de todo o saber e afirmando-o sobretudo como gestor e produtor de conteúdos.

No ano de 1998, decorreu na cidade de Amesterdão a 64ª conferência da IFLA (Internacional Federation of Library Associations), onde foi apresentado um novo esboço para as bibliotecas escolares a ser aceite pela UNESCO mais completo que o apresentado em 1980. Mais do que dar apoio constante a nível do programa de ensino, é necessário apoiar e dinamizar os objectivos educativos que estão definidos nos programas escolares, assim como criar hábitos de leitura, fomentando o prazer da leitura. Outras das inovações é o facto de se alargar o campo das actividades praticadas, organizando actividades que motivem a consciência social e cultural, apoiadas por recursos humanos, membros da comunidade escolar que ajudem professores, pais e alunos a conseguir alcançar as metas da escola. Outro dos conceitos novos foi a declaração da liberdade intelectual e o acesso sem restrições à informação, essenciais à cidadania, aspecto fundamental para o desenvolvimento da democracia.

Quando se fala de Bibliotecas Escolares temos que considerar como documento de referência, o Manifesto da UNESCO para as Bibliotecas Escolares (1999). Este é um documento base para a investigação na área das Bibliotecas Escolares, sendo detentor de um conjunto de medidas e parâmetros relevantes das Bibliotecas Escolares.

Assim sendo, parece ser consensual que “A biblioteca escolar desenvolve nos alunos competências para a aprendizagem ao longo da vida e estimula a imaginação, permitindo-lhes tornarem-se cidadãos responsáveis” (Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar, 1999). Admite-se que as Bibliotecas têm a capacidade de criar utilizadores efectivos da informação nos vários suportes existentes e outros meios de comunicação. No fundo o seu grande objectivo será poder contribuir para o desenvolvimento de cidadãos responsáveis e despertos para a realidade actual.

António Pina Falcão refere que “ As bibliotecas escolares constituem parte integrante dos sistemas nacionais de informação e podem ser servidas pelas estruturas educativas e culturais, mas devem estar incorporadas na legislação da educação, sendo impensável que pudessem, ser subalternizadas face às bibliotecas públicas ou consideradas meras extensões ou pólos destas” (*in* Cadernos BAD, 1996: 12). Em 1996, o papel das Bibliotecas Escolares já se encontra bem definido, não devendo ser subalternizado em relação à Biblioteca Municipal, pois ambas têm papéis distintos, bem definidos, devendo-se complementar mutuamente.

Segundo a argumentação de Teresa Calçada, “as bibliotecas são lugares de eleição para desenvolver e satisfazer as competências e apetências para a leitura e a escrita.” (*in* VI Congresso BAD, 1998: 192).

Segundo a autora, as bibliotecas têm um papel primordial na aprendizagem e desenvolvimento da escrita e da leitura. Elas devem incutir o prazer de ler que leva à criação de hábitos de leitura, preparar os seus utilizadores para que possam beneficiar e saber trabalhar a informação, de modo a adquirir competências nas diversas áreas do saber. Para isso a biblioteca deverá ser detentora de um espaço adaptado às suas diversas funções, assim como possuir equipamento apropriado, quer a nível do mobiliário, quer a nível informático como audiovisual.

O propósito é sobretudo garantir os requisitos suficientes, que possam permitir que as bibliotecas, sejam activas nas escolas, isto é, que façam parte da dinâmica, daí a necessidade de serem espaços acolhedores e estimulantes, onde possam ser consultados os documentos de diversos suportes, para que possa haver pesquisa, produção de escrita, de modo a elaborar actividades agradáveis e interactivas, que haja incentivos que levem à descoberta e ao gosto de aprender.

Segundo a autora Marta Alves “A biblioteca escolar exerce funções de documentação, produção e animação (Canário e outros<sup>2</sup>, 1994)” (*in* Liberpólis, 1999: 70). A documentação está relacionada com a sua utilidade. É necessário proceder a um trabalho de selecção, aquisição e efectuar o tratamento técnico-documental, para que a informação possa estar acessível a todos. O objectivo é que professores e alunos tenham acesso directo aos fundos documentais da biblioteca, que os usem, que os explorem, sejam estes em qualquer tipo de suporte. Deve sensibilizar-se a classe docente para o uso e divulgação dos materiais existentes.

Marta Alves refere ainda que “Estas funções são na realidade, indissociáveis, podendo, no entanto, verificar-se a acentuação de uma ou de outra, consoante o contexto de cada escola

---

<sup>2</sup> Canário e outros utilizam o “termo mediateca”, mas reconhecem que a pluralidade de designações tem a ver com a mesma realidade (1994:16). Consideramos que tal se adapta à designação relativa à moderna biblioteca escolar.

e respectiva biblioteca escolar” (*in* Liberpólis, 1999: 70). Apesar de existirem realidades diversas, devem de haver normas comuns. Tal como a autora refere “Canário e outros (1994) chamam a atenção para a necessidade de determinados princípios de organização e funcionamento das bibliotecas escolares, fundamentais para o desempenho eficaz das funções que lhes são inerentes” (*in* Liberpólis, 1999: 70). É necessária uniformidade de alguns documentos colocados ao serviço de alunos e docentes, tendo sempre em consideração os respectivos perfis e carências. É fundamental o desenvolvimento e realização de trabalhos que possam trazer novas informações e produção de documentação acrescida.

Em síntese, a Biblioteca Escolar é o espaço indicado para propiciar a toda a comunidade escolar a obtenção de saberes, porque é um subsistema organizacional dotado de um programa e *know how* para cumprir o seu papel e missão, que tem como base fundamental o sistema educativo.

### **1.1.2. A Biblioteca Escolar como estrutura de apoio ao currículo e projecto educativo da escola**

Em 1996, António Pina Falcão menciona que “...o Dec.-lei n.º 286/89, de 29 de Agosto, que estabelece os princípios gerais que ordenam a reestruturação curricular nos Ensinos Básico e Secundário estipula no art.º 12.º também intitulado “recursos educativos”, no n.º 1 que para a realização da reforma curricular, as escolas devem dispor dos recursos educativos necessários, nomeadamente materiais de apoio escrito e audiovisual, bibliotecas...” (*in* Cadernos BAD, 1996: 13). Na altura, os recursos documentais e humanos das bibliotecas escolares eram muito reduzidos e o horário de abertura não servia a maioria dos utilizadores, o que lhes dava uma imagem de meros depósitos de livros, servindo muito poucas vezes de suporte importante de aquisição de conhecimento, nomeadamente de apoio ao currículo. Devido às circunstâncias de funcionamento acabavam assim por ser relegadas como último recurso, quer por parte dos professores quer dos alunos. Contudo, este decreto-lei acaba por dar uma posição de destaque à biblioteca escolar e, igualmente, rentabilizar e civilizar o espaço escolar.

A Biblioteca Escolar deve ser utilizada na formação pessoal e profissional dos seus utilizadores, de modo a que estes possam desenvolver as suas competências pedagógicas e científicas. Se a Biblioteca for utilizada em prol das suas verdadeiras funções, os professores irão motivar e criar necessidades nos alunos que os levem a frequentar a Biblioteca Escolar, nomeadamente, através da sua inclusão nas actividades curriculares e de complemento curricular.

Contudo, é necessário haver promoção e divulgação dos recursos da Biblioteca Escolar junto dos alunos, de modo a que estes possam desenvolver e promover a sua utilização de

uma maneira autónoma e informal. Os professores são imprescindíveis na orientação dos alunos, sobretudo na aquisição de técnicas de pesquisa e elaboração de trabalhos escolares.

A leitura é essencial. Embora simples para quem a consegue dominar, a leitura trata-se de um processo complicado para todos aqueles que não a dominam. Através da leitura o indivíduo tem acesso ao conhecimento, podendo divagar pelo universo da cultura, ciência e fantasia.

Presentemente, a sociedade do conhecimento prefere utilizar o termo literacia. A utilização desta competência permite a todos uma utilização plena da informação escrita. Quando nos referimos aos mais novos o deficiente domínio da leitura poderá ser impeditivo da realização de tarefas escolares, nomeadamente, o não conseguir interpretar textos, descodificar a informação neles contida. Assim sendo, a literacia deverá ser entendida como uma prioridade nacional. É necessário o estudo da iliteracia, tendo em conta as suas múltiplas dimensões, para que consigam implementar programas específicos de incentivo à leitura e à escrita. Essas iniciativas criadas com o intuito de resolver este problema poderão ser criadas por organizações internacionais, pelo governo central, local e pela própria sociedade civil.

Podemos constatar que a literacia é um conjunto de competências que se vão melhorando com o tempo, através da qual os alunos desenvolvem experiência na pesquisa, selecção e avaliação da informação.

Existem exemplos de algumas organizações que oferecem livros às escolas e a crianças de comunidades desfavorecidas, como é o caso do programa nacional SOL em Espanha que comporta entidades públicas e privadas<sup>3</sup>. O mesmo acontece noutros países, como os Estados Unidos da América<sup>4</sup>

Em relação à realidade portuguesa, o site da rede de bibliotecas escolares é elucidativo disso. As bibliotecas escolares têm permitido que as escolas sejam instituições privilegiadas no desenvolvimento das competências de leitura e na promoção do gosto pela leitura. Elas tentam reformular a aprendizagem de leitura e da escrita através de um ambiente mais alargado. Para isso deverão disponibilizar informação actualizada e livros atractivos, tendo em conta a faixa etária dos seus utilizadores. As actividades curriculares efectuadas na biblioteca deverão estimular a frequência da mesma, utilizando as tecnologias da informação e comunicação como um instrumento fundamental das competências leitoras. As experiências com a leitura deverão ser estimulantes, de modo a despertar e reforçar o prazer da leitura nas crianças e jovens.

---

<sup>3</sup>SOL. Servicio de Orientación de Lectura [em linha]. [Consult. a 6 de Abril de 2011]. Disponível em www: URL: <http://www.sol-e.com/index.php>

<sup>4</sup>FIRST BOOK [em linha]. [Consult. a 6 de Abril de 2011]. Disponível em www: URL: <http://www.firstbook.org/index.shtml>

Acresce-se ainda que é fundamental que os professores acompanhem os alunos à Biblioteca Escolar. Toda a comunidade escolar, nomeadamente professores e alunos, deve fazer sugestões, pronunciar-se criticamente e colaborar na avaliação de desempenho da Biblioteca Escolar.

Por outras palavras, professores e alunos devem ter um papel activo e proactivo dentro da comunidade escolar. Sendo parceiros cooperantes, devem organizar conjuntamente actividades de animação pedagógica e usufruir das actividades organizadas por iniciativa da Biblioteca Escolar.

Tal como é referido pelo autor António Pina Falcão, “A biblioteca escolar pode e deve desempenhar um papel central na resposta ao desafio com que a Escola se confronta de forma cada vez mais aguda. Para isso, colocam-se à partida duas condições: plena integração das actividades da biblioteca no curriculum escolar; recursos adequados, documentais e de informação, mas também humanos e financeiros.” (*in* Cadernos BAD, 1996: 11).

A Biblioteca tem a função de reforçar a base dos recursos educativos, como se fosse uma ampliação da sala de aula, de modo a oferecer aos estudantes múltiplas experiências, que os levem a adquirir competências a nível de literacia da informação, desde a pesquisa à localização, análise e síntese, de maneira a lhes possibilitar a aprendizagem ao longo de toda a sua vida, podendo desenvolver a sua capacidade de avaliação e comunicação.

Importa ainda acrescentar que as novas tecnologias têm desempenhado um papel muito importante no desenvolvimento da educação, particularmente na aquisição de competências e conhecimento. Tal como refere Marta Alves “[...] as novas tecnologias de informação são um recurso valioso e não um fim em si.” (*in* Liberpolis, 1999: 74), uma vez que proporcionam oportunidades para que todos possam usufruir das mesmas condições a nível educacional.

Na verdade, as tecnologias da informação são um recurso valioso ao serviço da educação, tendo como principal prioridade atribuir mais qualidade na educação. Contudo, o desenvolvimento das novas tecnologias poderá levar ao analfabetismo funcional. Quem apostar na formação em novas tecnologias terá uma grande vantagem ao nível do emprego e cidadania. Embora elas sirvam sobretudo para agilizar o trabalho, nunca poderão de modo algum substituir os formadores, isto porque o seu principal objectivo é informar e não formar. Esse é o papel dos educadores.

Marta Alves refere que “[...] Grundy (1993) considera que o currículo “não é um conceito, mas uma construção cultural. Isto é não é um conceito abstracto que exista fora da experiência humana, mas um modo de organizar uma série de práticas educativas” (Alves, 2000: 66). Estas práticas educativas estão directamente relacionadas com a aprendizagem e o desenvolvimento intelectual dos alunos. Outros autores consideram inúmeras interpretações ao termo currículo, tal como refere a autora “ plano, planificação, programa, ensino, instrução, processo de ensino-aprendizagem, sistema escolar, educação, saberes organizados sobre educação, pedagogia, didáctica.” (Alves, 2000: 66).

Tal com salienta a autora “A sua aprendizagem pode ser feita na sala de aula ou na biblioteca escolar, pelo professor da disciplina em causa ou pelo professor bibliotecário em relação às necessidades curriculares dos alunos dos diferentes níveis da escola [...]” (*in* Liberpólis, 1999: 79), uma vez que a biblioteca escolar dispõe de uma série de recursos de informação, electrónicos (digitais) e impressos. A biblioteca possibilita o alargamento das competências de leitura, propicia a tomada de notas apontamentos, fomenta a aprendizagem autónoma e directa conseguindo, interligar as competências da informação com as necessidades educativas e sociais.

### **1.1.3. O Funcionamento e as Actividades Promovidas pela Biblioteca Escolar**

A lei de Bases do Sistema Educativo Português prevê nas escolas a utilização de recursos educativos, como meios importantes para o desenvolvimento da actividade educativa. Destes recursos educativos a utilizar, destacam-se sobretudo as mediatecas e as bibliotecas escolares. Tal como refere Marta Alves “ Em 1990 e 1991, na sequência do PRODEP<sup>5</sup> estão abertos concursos destinados a apetrechar as escolas com os equipamentos necessários ao funcionamento de Mediatecas e Centros de Recursos Educativos“ (*in* Liberpólis, 1998: 80) As escolas interessadas efectuavam a sua candidatura através da apresentação de projectos, de acordo com o número de vagas para o efeito, o que significa que se está perante uma política selectiva de recursos, tendo em conta os resultados pedagógicos que no fundo se pretendiam. Em 1996 havia sido criado um grupo de trabalho com a capacidade de avaliar e propor medidas que levassem ao desenvolvimento do incentivo pela leitura e utilização do livro, de forma a fomentar a leitura pública através das bibliotecas escolares.

O grupo de trabalho constituído apresentou um relatório efectuando uma avaliação diagnóstica da situação. Nesse relatório foram apresentadas algumas estratégias para a resolução de situações problemáticas, tendo sempre como ponto de vista uma mediação institucional. Consequentemente, foi criado no Ministério da Educação, um Gabinete das

---

<sup>5</sup> Programa de Desenvolvimento Educativo para Portugal

Bibliotecas Escolares com o intuito de pôr em prática o programa de Lançamento da Rede de Bibliotecas Escolares portuguesas, que conta com a colaboração de diversos parceiros.

O programa da Rede de Bibliotecas Escolares caracteriza-se por estar centralizado nas escolas, tendo em conta que é aí que ocorrem as actividades pedagógicas. O desenvolvimento das actividades pedagógicas ganha eficácia e consistência em termos qualitativos. Os objectivos estratégicos visam sobretudo lançar e promover o Programa da Rede de Bibliotecas Escolares com o objectivo de abarcar todas as escolas do país, de modo a que todas as escolas acabem por efectuar a candidatura para que as suas bibliotecas escolares possam ser redigidas por uma dinâmica própria.

Começa-se a assistir à adopção do termo biblioteca escolar, tendo em conta a concepção do espaço e equipamentos adequados. Encontram-se disponíveis e tratados todos os tipos de documentos que fazem parte do dia-a-dia da escola, das actividades curriculares, assim como de outras não lectivas, ocupação de tempos livres e de lazer.

A biblioteca escolar encontra-se organizada em diversos espaços interligados entre si, que fazem com que a biblioteca se torne um organismo vivo, podendo assim corresponder às necessidades e graus de exigência da Sociedade da Informação onde nos encontramos inseridos.

A autora Margarida Bairrão refere que a estrutura da sua organização, na maior parte dos casos, encontra-se delineada do seguinte modo: serviço de referência, zona de leitura geral, multimédia e de leitura individual. O serviço de recepção reflecte a imagem da biblioteca, uma vez que é o local onde os utilizadores são recebidos, onde são efectuados os empréstimos e onde poderão estar mostras bibliográficas e pequenas exposições temáticas. O utilizador poderá aí ainda ter à disposição um posto para o acesso ao catálogo informatizado. A zona de leitura geral é composta por documentação impressa, organizada por monografias e publicações periódicas e um espaço destinado à informação nouro tipo de suportes. A zona multimédia é composta por material não livro (CD's, DVD's, VHS's e CDROM's). A zona de leitura individual possui mesas de trabalho. (cf. Bairrão, 2007)

Tal como salienta Margarida Bairrão “A biblioteca escolar viva, espaço do imaginário e do fantástico, apela à participação de toda a comunidade escolar, sendo um palco de visitas de escritores e contadores de histórias como complemento da formação escolar [...]” (Bairrão, 2007: 149). A biblioteca escolar desenvolve diversas actividades de promoção do livro e da leitura, assim como de animação. São exemplo disso as exposições temáticas, conferências, espectáculos relacionados com o teatro e literários, hora do conto, feira do livro, concursos mensais e diversas actividades de exploração e pesquisa. A biblioteca é ainda espaço de

desenvolvimento de novas parcerias com o Ministério da Educação e da Cultura, nomeadamente no que concerne ao desenvolvimento e aplicação do Plano Nacional de Leitura, que surgiu na tentativa de colmatar os baixos níveis de literacia existentes nos jovens e população em geral. Os programas implementados pelo Plano Nacional de Leitura são desenvolvidos de forma faseada, permitindo assim abarcar os diferentes sectores da população. Os programas principais têm como base, incutir a leitura diária em jardins-de-infância e escolas do 1.º e 2.º Ciclos dentro da sala de aula, desenvolver a leitura dentro do espaço familiar, nas bibliotecas municipais e noutros contextos sociais. Estes programas preocupam-se com o lançamento de campanhas de sensibilização da opinião pública, centrados no livro e na leitura.

#### **1.1.4. O papel do Professor Bibliotecário e da equipa da Biblioteca Escolar**

Tendo em conta as considerações efectuadas pela Rede de Bibliotecas Escolares através do relatório síntese<sup>6</sup>, o papel do professor bibliotecário encontra-se bem definido. Ao bibliotecário são lhe atribuídas várias funções. Ele tem de gerir, coordenar e planear todo o funcionamento da biblioteca escolar, a nível pedagógico, administrativo e pessoal. Tem igualmente, que estabelecer e definir uma política de aquisição, quer a nível de coordenação como de execução; planear actividades pedagógicas a realizar, tendo em consideração o contexto em que a escola se encontra inserida, utilizando o projecto educativo do estabelecimento de ensino como suporte base. As actividades pedagógicas não devem ser só pensadas tendo em conta o âmbito curricular, mas também a ocupação de tempos livres. As funções da biblioteca devem ser articuladas com os vários Órgãos de Gestão da escola (Conselho Escolar ou Pedagógico; Director ou Conselho Executivo), de maneira a conseguir a interligação com o exterior, sobretudo, com a Rede de Leitura Pública.

O professor bibliotecário terá que garantir a adaptação dos recursos de informação, tendo em conta as necessidades dos utilizadores e os critérios técnicos da biblioteconomia. Tal como é referido no relatório síntese da Rede de Bibliotecas Escolares, o professor bibliotecário terá de contar com o trabalho de professores. Como tal, é necessária a formação de uma equipa educativa que tenha competências diversas para que possam dar apoio aos utilizadores na consulta e produção, nos diversos suportes existentes (escrito, gráfico, audiovisual, informático, fotográfico, etc.).

O despacho n.º 19117/2008 (Diário da República, 2.ª série – N.º 137 – 17 de Julho de 2008) refere que as equipas das bibliotecas escolares deverão ter competências pedagógicas, de gestão de projectos, de gestão da informação e das ciências documentais, cuja composição

---

<sup>6</sup> RELATÓRIO SÍNTESE [Em linha]. Consult. 12 de Jul. 2010]. Disponível em WWW: URL:[http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=relatorio\\_sintese.pdf](http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=relatorio_sintese.pdf)

não deverá ultrapassar os 4 docentes, estando já incluído o próprio coordenador. Nas escolas do 2.º e 3.º Ciclos e do ensino secundário, sempre que não exista um docente com funções de bibliotecário com dispensa total da componente lectiva, é atribuído um crédito horário de 8 ou 11 horas lectivas semanais destinadas ao coordenador da equipa responsável pela BE, tendo em conta o número de alunos da escola:

- a) Escolas com número igual ou inferior a 500 alunos – oito horas;
- b) Escolas com número superior a 500 alunos – onze horas;

Segundo este despacho os professores constituintes da equipa responsável da biblioteca escolar deveriam possuir os seguintes requisitos:

- a) Formação académica na área da gestão da informação/BE;
- b) Formação especializada em ciências documentais;
- c) Formação contínua na área das BE;
- d) Formação em técnico profissional de BAD;
- e) Comprovada experiência na organização e gestão das BE.

Para além destes factores referidos, deverá ser também ponderada a titulariedade de formação que abranja as diferentes áreas do conhecimento de modo a que se verifique uma complementaridade de saberes, com preferência por professores do quadro sem carga horária atribuída. Os professores que façam parte desta equipa deverão ser detentores de um perfil profissional que esteja relacionado com as competências na área de planeamento e gestão (planeamento de actividades, gestão do fundo documental, organização da informação, difusão da informação e marketing, gestão de recursos humanos, materiais e financeiros, competências na área das literacias, desenvolvimento do trabalho em rede, avaliação e em equipa).

Anteriormente, o autor António Calixto referiu, num artigo publicado em 1996 nos Cadernos BAD<sup>7</sup>, a necessidade das bibliotecas escolares terem permanentemente um bibliotecário escolar: “[...] ainda que, mesmo não actuando formalmente numa sala de aula, o bibliotecário escolar é um dos mais importante professores de toda a escola.” ( *in* Cadernos BAD, 1996: 92) Evidenciando a necessidade da dupla qualificação, Ana Pessoa quando advoga que esta função não deverá ser desempenhada por um bibliotecário diplomado, pois existem muitas funções que são da competência dos professores. As próprias linhas orientadoras da Unesco<sup>8</sup> são bastante esclarecedoras quanto a isso: “oferecer oportunidades

---

<sup>7</sup> CALIXTO, José António – O Perfil Profissional e s Educação do Bibliotecário Escolar. *Cadernos de Biblioteconomia Arquivística e Documentação* (2): Lisboa. (1996), p. 91- 99.

<sup>8</sup> MANIFESTO IFLA/UNESCO PARA BIBLIOTECA ESCOLAR [Em linha]. [Consult. 12 de Jun. 2010]. Disponível em WWW: URL: <http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>

de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento; apoiar todos os estudantes na aprendizagem e prática de habilidades para avaliar e usar a informação, em suas variadas formas, suportes ou meios, incluindo a sensibilidade para utilizar adequadamente as formas de comunicação com a comunidade onde estão inseridos [...] Promover o acesso a serviços e à informação a todos os membros da comunidade escolar, e funcionar dentro do contexto da comunidade local, incentivar a cooperação entre professores, gestores experientes na área escolar, administradores, pais, outros bibliotecários e profissionais da informação e grupos interessados da comunidade.” (Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar)

A criação da função de professor bibliotecário aparece regulada na portaria 756/2009 de 14 de Julho (*Diário da República*, 1.<sup>a</sup> série — N.º 134) que define o conteúdo funcional pelo qual o professor bibliotecário se deverá reger. De acordo com esta portaria, o professor bibliotecário deverá: apoiar a sua equipa e garantir a gestão da biblioteca escolar da escola não agrupada ou no conjunto das bibliotecas das escolas do agrupamento. Existem uma série de tarefas que ele tem que garantir e que devem estar definidas no regulamento interno, nomeadamente, o acesso à biblioteca a todos os alunos. O professor bibliotecário deverá promover actividades tendo em conta o projecto educativo da escola e o seu plano curricular, assim como assegurar a gestão dos recursos pedagógicos materiais afectos à biblioteca; apoiar as actividades que desenvolvam competências de leitura, assim como promover actividades livres, extracurriculares que façam parte do plano curricular da escola; estabelecer redes de trabalho cooperativo, desenvolvendo projectos em parceria com as entidades locais; representar a biblioteca escolar no conselho pedagógico, nos termos do regulamento interno.

Segundo o que refere esta portaria, a constituição da equipa da biblioteca escolar deve ser feita de forma ponderada, tendo em conta a titularidade e a formação base que deverá abarcar as diversas áreas de conhecimento, de modo a que se verifique uma complementaridade de saberes.

“O coordenador da equipa da biblioteca escolar é designado pelo director de entre os professores bibliotecários.” (portaria 756/2009 de 14 de Julho - *Diário da República*, 1.<sup>a</sup> série — N.º 134). Para além deste coordenador, existe ainda o interconcelhio que estabelece a ligação entre as bibliotecas escolares da zona geográfica a que pertencem e a Rede de Bibliotecas Escolares.

O relatório apresentado pela Rede de Bibliotecas Escolares<sup>9</sup> tem como principal objectivo delinear as tarefas do professor bibliotecário que têm vindo a ser apresentadas e

---

<sup>9</sup> RELATÓRIO SÍNTESE [Em linha]. Consult. 12 de Jul. 2010]. Disponível em WWW: URL:[http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=relatorio\\_sintese.pdf](http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=relatorio_sintese.pdf)

tratadas sobretudo desde a década de noventa, época em que a maioria das bibliotecas escolares eram muito vagas e escassas.

O estudo efectuado pelo Programa da Rede de Bibliotecas Escolares revela que as bibliotecas escolares existentes não cumpriam a sua função, nomeadamente, devido à disponibilidade pontual de funcionários, que não tinham qualquer tipo de formação nesta área e na elaboração de tarefas específicas relacionadas com a biblioteconomia.

Claro que há que sublinhar ainda o facto de não ser atribuído à biblioteca escolar qualquer tipo de orçamento, que faça com que a biblioteca possa efectuar um plano de actividades exequível. Tal como refere a autora Marta Alves “ Podemos, portanto, concluir que as bibliotecas escolares não têm recebido da parte das entidades competentes as atenções necessárias para que possam responder às exigências educacionais deste fim de século” (*in* Liberpólis, 1998: 82), sobretudo no que diz respeito à falta de recursos humanos qualificados e à não existência de orçamento, verba para a realização do plano de actividades, compra, aquisição de material livro e não livro, fundamental para o desenvolvimento da acção que deve ser prestada pelas bibliotecas escolares a toda a comunidade escolar.

O bibliotecário escolar assume um papel muito importante. Ele é portador de conhecimentos em três áreas específicas: educação, gestão e informação, tendo como principal função dinamizar a biblioteca escolar, assim como envolver a comunidade escolar nas várias actividades que vão sendo desenvolvidas e que estão directamente relacionadas com a formação dos indivíduos.

Margarida Bairrão alarga a questão a aspectos materiais e humanos: “ Deve-se privilegiar o investimento na Gestão de Recursos Humanos, nos protocolos de cooperação e parcerias e nos equipamentos multimédia, pois são estes meios que vão medir o grau de eficácia e qualidade dos Serviços de Referência” (Bairrão, 2007: 146). Ou seja, o que se pretende e bem, é que haja uma optimização de recursos e competências, que versem a favor da dinamização e promoção do livro e da leitura.

Tal como é referido pelas *Directrizes da IFLA para Bibliotecas Escolares 2002*, os recursos da biblioteca escolar estão intimamente ligados aos recursos humanos, que estão disponíveis dentro da biblioteca escolar e para lá dela. É necessário que as pessoas que pertencem à biblioteca estejam altamente motivadas e tenham formação para que possam desempenhar o seu trabalho com qualidade, devendo ser o número de funcionários adequado às necessidades particulares da biblioteca escolar. “O termo “equipa” significa, neste contexto bibliotecários qualificados e auxiliares de biblioteca” (Vitorino, 2002: 11). É imprescindível que os técnicos existentes nas bibliotecas escolares tenham formação específica para que possam

desempenhar as suas tarefas adequadamente. Os bibliotecários escolares deverão ter formação suplementar em teoria educativa e metodologias da aprendizagem.

Deverá existir planeamento na gestão de pessoal para que todos os membros que pertencem à equipa tenham um bom relacionamento entre si e se consiga estabelecer uma boa política de serviços da biblioteca, onde os deveres e as responsabilidades estejam bem definidas e regulamentadas de maneira adequada. As remunerações deverão ser competitivas, de modo a reproduzir o profissionalismo das funções. Os voluntários não podem substituir o pessoal remunerado, devem trabalhar no envolvimento de actividades que estejam relacionadas com a biblioteca escolar.

Os auxiliares existentes na biblioteca devem prestar contas ao bibliotecário e apoiá-lo nas suas tarefas. Este papel exige que o auxiliar seja detentor de competências tecnológicas e em tarefas de carácter geral, sendo necessário ter alguma formação na área das bibliotecas, nomeadamente em organização da documentação, empréstimo e circulação, devolução e tratamento documental.

O bibliotecário, por sua vez, deverá contribuir para o desenvolvimento da missão e objectivos pelos quais a biblioteca se deverá empenhar dentro da escola onde se encontra inserida. O bibliotecário escolar tem o dever de se empenhar no planeamento e gestão da biblioteca. Deve estar rodeado de uma equipa apropriada, trabalhando em grupo com todos os intervenientes da comunidade escolar, tendo como preocupação manter a proximidade com as bibliotecas públicas, estabelecendo parcerias com entidades locais. O bibliotecário desempenha um papel fundamental na construção da programação para o desenvolvimento curricular, em conjunto com os gestores e os professores da escola. Tal como refere Artur Dagge “ A formação na área da gestão implica a responsabilização do bibliotecário escolar simultaneamente na realização das operações diárias da biblioteca escolar e na administração de elementos a ela afectos, assegurando que os recursos materiais reflectam as necessidades de aprendizagem da comunidade escolar e as prioridades educativas da escola” (Dagge, 2004: 74). O bibliotecário é detentor das competências relacionadas com a obtenção da informação, é gestor do conhecimento e utiliza todas as fontes do conhecimento, quer sejam impressas ou electrónicas. As suas tarefas vão ao encontro de uma comunidade escolar específica, daí a necessidade de promover junto da comunidade escolar campanhas de leitura, onde se encontre envolvida toda a comunidade escolar. O bibliotecário deve possuir o discernimento de proporcionar um ambiente de lazer e de aprendizagem, deve ter a capacidade criativa de tornar o espaço biblioteca num local atractivo, acolhedor e de fácil acesso a todos, “[...] o Processo de ensino-aprendizagem é indissociável do conceito de biblioteca que ensina e não de um redutor modelo de biblioteca que se limita a servir de apoio: às actividades lectivas, à promoção da leitura, à pesquisa de tratamento da informação.” (Dagge, 2004: 74)

O bibliotecário escolar, sendo detentor de formação especializada, tem como principal objectivo desempenhar um papel dinâmico na educação dos alunos. Tal como já foi referido anteriormente, é necessário que haja um trabalho colaborativo entre o bibliotecário e os professores.

### **1.1.5. A Rede de Bibliotecas Escolares**

Existe uma multiplicidade de noções de «redes». Tal como refere o autor Joaquim Fialho, a diversidade de conceitos “torna complexa a tarefa de encontrar o mais abrangente e que melhor represente a filosofia de rede...” (Fialho, 2007: 115). O trabalho em rede é cada vez mais necessário e diversificado. As organizações, nomeadamente as bibliotecas escolares e municipais, têm o dever de trabalhar em rede. De acordo com o autor supramencionado, “este processo, que se pode denominar de «dependência mútua» ou interdependência, constitui a base para a cooperação.

O termo rede é utilizado em múltiplas áreas do conhecimento e tem implícitas inúmeras concepções e apreciações complementares, dicotómicas e contrárias. “As redes que implicam a produção conjunta implicam enormes níveis de cooperação [...] desenvolvem uma maior cooperação e caminham para uma maior estabilidade” (Fialho, 2007: 142), tornando o seu trabalho mais estável, credível e, no caso das bibliotecas, facilitando a normalização das tarefas a desempenhar.

A gestão da relação entre a organização e o ambiente pressupõe a sobrevivência da organização no contexto em que se insere. Por isso, será fundamental perceber as necessidades do ambiente de forma múltipla e complexa. Esta foi uma das propostas que o projecto da Rede de Bibliotecas Escolares tentou efectuar, de modo a averiguar as necessidades prementes da própria Rede de Bibliotecas Escolares, com o intuito de traçar as linhas orientadoras deste mesmo projecto que teve início no ano lectivo 1996/1997.

O projecto da Rede de Bibliotecas Escolares – *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares* teve início no ano lectivo 1996/1997, sendo constituído pelo grupo de trabalho criado pelos despachos conjuntos n.º 43/ME/MC/95 de 29 de Dezembro e n.º 5/ME/MC/96, de 9 de Janeiro, que procurou reflectir sobre a situação das Bibliotecas Escolares, nomeadamente, acerca das suas funções, diagnóstico actual e sua situação. Este projecto, teve como principal objectivo estudar e propor medidas, determinar princípios e estabelecer linhas directivas. Pretendia-se que este projecto fosse o lançamento da rede de bibliotecas nos estabelecimentos de ensino portugueses.

As linhas de orientação técnica e funcionais definidas pelo grupo de trabalho criado pelos despachos conjuntos n.º 43/ME/MC/95 de 29 de Dezembro e n.º 5/ME/MC/96 (Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares, 1996) sugeriu que a população escolar determinasse a dimensão requerida pelas bibliotecas. No que diz respeito a recursos humanos e materiais, apresentamos o seguinte quadro:

#### Quadro I<sup>10</sup> – Tipologia de Escolas, por Dimensão e Níveis de Escolaridade

Níveis de Escolaridade Número de alunos	1.º Ciclo	2.º Ciclo	2.º e 3.º Ciclos	Secundário	TOTAL
< 200	8 703	10	12	2	8727
201-500	536	80	87	21	724
501-1000	19	76	196	110	401
> 1000	1	24	79	226	370
<b>TOTAL</b>	<b>9 259</b>	<b>190</b>	<b>374</b>	<b>399</b>	<b>10 222</b>

Tendo por base este quadro, criou-se quatro tipologias de referência para as bibliotecas escolares (BE<sub>1</sub>, BE<sub>2</sub>, BE<sub>3</sub>, BE<sub>4</sub>). Cada uma delas no seu processo de desenvolvimento terá metas a atingir. É referido ainda que no caso das escolas de menor dimensão, o seu contexto específico merece ser analisado, uma vez que há uma grande multiplicidade de situações e a sua dispersão também é elevada.

Esta necessidade de criar em 1997 a Rede de Bibliotecas Escolares, tal como refere Margarida Bairrão, “[...] vem de encontro às necessidades sentidas nas escolas com o intuito de inovar no processo ensino/aprendizagem. Vem assim uma necessidade de inovar e de certa forma cooperar em termos de acesso à informação.” (Bairrão, 2007: 77)

Este grupo de trabalho deu origem à criação da Rede de Bibliotecas Escolares. O programa da Rede de Bibliotecas Escolares procurou, como ponto de partida, clarificar na prática o conceito de Biblioteca Escolar, tendo em conta o mundo tecnológico e da informação onde nos encontramos, o conhecimento científico e a propagação de obras literárias, indicações básicas indispensáveis para a instalação das bibliotecas nas escolas, assim como normas, procedimentos orientadores a nível técnico e funcional que fossem comuns a todas as bibliotecas e modalidades de aplicação conforme o tipo de escola. Estes elementos foram fundamentais para o planeamento do desenvolvimento das bibliotecas e serviram como estratégia de lançamento do programa lançado em 1996/1997. Efectivamente já o assinalámos, a rede de bibliotecas escolares só irá ser constituída em 1997.

<sup>10</sup> Quadro retirado da publicação do Ministério da Educação, *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares*, 1996.

Não existiam fundos documentais actualizados e organizados, as bibliotecas escolares estavam votadas ao abandono e o Ministério da Educação era confrontado com esta situação por parte de professores e técnicos de bibliotecas.

A “Rede de Bibliotecas Escolares”<sup>11</sup>, assumida como uma política articulada pelos Ministérios da Educação e da Cultura”, vai tentar dar resposta às necessidades que vão sendo sentidas pelas escolas, principalmente através da biblioteca escolar, tentando contribuir para a aprendizagem da leitura, fomentando as competências da literacia, motivando ao prazer e hábitos de leitura, incutindo métodos de estudo, tendo um papel activo perante a quantidade de informação que nos dias presentes são postos à disposição dos utilizadores, de modo a que os seus utilizadores sejam capazes de expressar as suas opiniões acompanhando as mudanças existentes, tornando-se cidadãos activos e participativos na comunidade onde se encontram inseridos.

Tal como é referido no relatório síntese que se encontra disponível na Rede de Bibliotecas Escolares, cada biblioteca deverá ser um centro de recursos multimédia de livre acesso que se encontra inserida na vida pedagógica da escola e aberta à comunidade local, de modo a que cada biblioteca se torne “[...] um núcleo da vida da escola, atraente, acolhedor e estimulante.”, onde os alunos possam adquirir competências, tenham acesso ao conhecimento e produzam documentos em suportes diversificados, tenham condições para desenvolver os seus trabalhos, onde encontrem facilmente as fontes documentais que necessitam, possam descobrir livros interessantes e que os estimulem à leitura . Não obstante a biblioteca deverá ser igualmente um recurso importante para que os professores possam desenvolver o seu trabalho de docentes.

Para que todo este desempenho seja possível “[...] as bibliotecas de diferentes estabelecimentos de ensino de uma mesma localidade.” devem articular-se em rede rentabilizando recursos e actividades de uma maneira integrada. Para além disso, “nesta ligação a outros equipamentos sociais é de privilegiar a biblioteca pública, que deve incluir uma função de «serviço de apoio às bibliotecas escolares».”

Através dos quadros abaixo indicados, verificamos que o número de escolas que integram a rede de bibliotecas escolares se alargou progressivamente:

---

<sup>11</sup> RELATÓRIO SÍNTESE [Em linha]. Consult. 12 de Jul. 2010]. Disponível em WWW: URL: [http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=relatorio\\_sintese.pdf](http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=relatorio_sintese.pdf)

**Quadro II<sup>12</sup> – Escolas do 1.º Ciclo Integradas na Rede de Bibliotecas Escolares**

	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2009	TOTAL
DREN	19	30	25	21	23	33	63	9	17	35	21	29	325
DREC	5	13	19	18	9	17	42	3	31	11	11	13	192
DREL	16	16	31	36	29	23	32	5	23	26	18	34	289
DREA	6	7	6	4	3	10	26	7	59	1	10	3	142
DREALG	3	6	4	7	5	4	10	2	13	5	2	9	70
<b>TOTAL</b>	<b>49</b>	<b>72</b>	<b>85</b>	<b>86</b>	<b>69</b>	<b>87</b>	<b>173</b>	<b>26</b>	<b>143</b>	<b>78</b>	<b>62</b>	<b>88</b>	<b>1018</b>

O quadro II apresenta os diversos ritmos de alargamento da rede. Tal como se pode observar os anos de 2003 e 2005 são os mais significativos na integração de escolas do 1.º Ciclo na Rede de Bibliotecas Escolares, principalmente na Direcção Regional de Educação do Norte e Alentejo. No ano de 2009, o número de escolas do 1.º Ciclo que entrou para a Rede de Bibliotecas Escolares foi superior ao número de escolas do 2/3.º Ciclos (ver quadro III, pág.35).

O ritmo de alargamento teve momentos diferentes dos que se registam em relação às escolas do 1.º ciclo do Ensino Básico. Há uma entrada de escolas integradas da rede de bibliotecas escolares significativa no ano de 2000, uma quebra em 2004, voltando a aumentar significativamente em 2003.

Contudo, muitas destas bibliotecas estão inseridas em espaços pouco apropriados, instalando-se em antigas salas de aula, que não foram adaptadas para o efeito, ou mesmo nalguns casos em pequenos pavilhões pré-fabricados com poucas condições físicas para receber os alunos.

No que se refere às escolas dos 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico e do Ensino Secundário, o alargamento da rede de bibliotecas escolares foi o seguinte:

<sup>12</sup> Elaborado com dados recolhidos a partir do site: <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/40.html>

### Quadro III<sup>13</sup> – Escolas dos 2/3.º Ciclos e Secundárias integradas na Rede de Bibliotecas Escolares

	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2009	TOTAL
DREN	19	22	34	42	22	43	68	15	32	12	26	21	<b>356</b>
DREC	12	12	14	24	11	32	29	12	14	13	24	15	<b>212</b>
DREL	27	30	24	58	22	34	47	8	17	9	16	12	<b>304</b>
DREA	5	8	9	5	4	12	17	1	6	3	6	2	<b>78</b>
DREALG	5	6	6	3	5	8	18	3	5		1	1	<b>61</b>
<b>TOTAL</b>	<b>68</b>	<b>78</b>	<b>87</b>	<b>132</b>	<b>64</b>	<b>129</b>	<b>179</b>	<b>39</b>	<b>74</b>	<b>37</b>	<b>73</b>	<b>51</b>	<b>1011</b>

A salientar, no entanto, que as bibliotecas escolares dos 2.º e 3.º ciclos e secundárias foram criadas em espaços apropriados, em escolas construídas de raiz e prevendo, por isso mesmo, um espaço com características diferentes das de simples salas de aula.

Em ambos os quadros elaborados (quadro II e III) verificamos que no ano de 2008 não ocorreu a entrada de nenhuma escola na Rede de Bibliotecas Escolares.

De notar que “ [...] cada biblioteca deverá tornar-se um núcleo da vida da escola, atraente, acolhedor e estimulante [...] ” (Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares, 1996: 34). Os livros e a informação devem ser considerados pelos alunos como algo necessário ao seu dia-a-dia e como fontes de prazer e de desenvolvimento pessoal. As Bibliotecas permitirão aos alunos adquirir competências ao nível da selecção e organização da informação e proporcionar-lhes, igualmente, alguma destreza e autonomia no domínio da informação escrita, digital e multimédia, de modo a conseguirem criar documentos em suporte e linguagens diversificadas.

Todavia, vários são os investimentos que deverão continuar a ser feitos nesta área. A Sociedade da Informação está em constante mutação, tanto a nível de hábitos de trabalho como na maneira de ser e estar na Sociedade, devendo o espólio documental da Biblioteca Escolar contribuir para o desenvolvimento da Sociedade do Conhecimento.

A rede de bibliotecas escolares disponibiliza uma série de recursos que têm como objectivo responder às necessidades das bibliotecas escolares e colmatar dúvidas que surjam por parte da equipa de trabalho. A rede também promove e divulga os projectos referentes ao Plano Nacional de Leitura, tais como: aLeR+, Ler é para já! e outros mais disponíveis no site do PNL.

<sup>13</sup> Ibidem

Segue-se a apresentação de um quadro resumo que tenta caracterizar de uma maneira geral o trabalho realizado pela Rede de Bibliotecas Escolares:

#### QUADRO RESUMO IV- Caracterização da Rede de Bibliotecas Escolares

ESTRUTURA RBE	CONTEÚDOS	APRECIÇÕES
<b>Formação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Práticas e modelos na auto-avaliação das BE's;</li> <li>- Lista de cursos superiores na área das ciências documentais e bibliotecas;</li> <li>- Prioridades de formação contínua;</li> <li>- Plano de formação RBE;</li> <li>- Formação contínua;</li> <li>- Bolsa de formadores;</li> <li>- Perfil de competências;</li> </ul>	<p>Foram criados modelos de auto-avaliação das bibliotecas escolares, de modo a apreciar as condições existentes nas bibliotecas escolares, com o intuito de definir planos de actuação e colmatando os pontos fracos e com o objectivo de reforçar os pontos fortes;</p> <p>A formação contínua existente nos centros de formação das associações de escolas é muito pontual, isto é, a formação disponível é escassa. O plano de formação existente reporta-se a 2007 e 2008, quando a formação deverá ser de carácter contínuo.</p> <p>A rede possui uma bolsa de formadores nas várias áreas de actuação: Papel e missão das bibliotecas escolares, processo de ensino aprendizagem, organização e gestão, tratamento documental, gestão da colecção, ambientes digitais, leituras e literacias<sup>14</sup></p>
<b>Boas Práticas</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Candidaturas de mérito;</li> <li>- Literacia da Informação;</li> <li>- Promoção da leitura;</li> <li>- Boletins</li> <li>- Outros temas</li> </ul>	<p>As boas práticas reflectem as actividades e programas referentes ao ano de 2008 que têm tido sucesso nalguns dos estabelecimentos de ensino que fazem parte da Rede de Bibliotecas Escolares. A promoção da leitura é feita de uma maneira escolarizada, tendo sempre as fichas de leitura como base de suporte.</p>
<b>Difusão de Informação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Lista de distribuição;</li> <li>- Blogue RBE;</li> <li>- Newsletter;</li> </ul>	<p>Divulgação geral de encontros, comemorações, actividades ligadas à promoção do livro e da leitura;</p>
<b>Recursos Documentais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Biblioteca digital;</li> <li>- Recursos internet;</li> <li>- Bibliografia;</li> </ul>	<p>Encontram-se disponíveis vários documentos orientadores e directrizes acerca das bibliotecas escolares clarificando como deverá consistir o seu desenvolvimento enquanto entidade aglutinadora das bibliotecas escolares existentes no país. Encontram-se igualmente disponíveis recursos educativos e recursos para professores bibliotecários.</p>
<b>Catálogos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Catálogos colectivos;</li>   <li>- Catálogos de escolas;</li> </ul>	<p>No total são dezassete concelhos que fazem parte do catálogo colectivo da Rede de Bibliotecas Escolares.</p> <p>No que diz respeito ao catálogo de escolas, este encontra-se subdividido por Direcções Regionais de Educação. No que se refere à área geográfica estudada, Litoral Alentejano, encontramos presentes nesse mesmo catálogo 13 escolas.</p>

<sup>14</sup> REDE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES [em linha]. [Consult. 13 de Mar. 2011]. Disponível em WWW: URL: <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/82.html>

### **1.1.6. Cooperação entre Bibliotecas Escolares**

A cooperação entre as bibliotecas Escolares é fundamental. Elas não devem assumir uma postura de egoísmo organizacional, pois se for esta a atitude terão certamente bastantes constrangimentos no desenvolvimento dos seus objectivos e missão.

Tal como refere o autor Joaquim Fialho “ a cooperação nas organizações pode ser considerada um destino inelutável. Se a coordenação geral de actividades que ocorre nos contextos organizacionais não pudesse contar com a cooperação dos que neles participam, as finalidades organizacionais ficariam irremediavelmente comprometidas.” (Fialho, 2007: 132) A cooperação está intimamente relacionada com a natureza humana, daí que as bibliotecas escolares também não sejam excepção, é necessário que haja cooperação entre elas para que o seu trabalho possa ser sobrevalorizado e venham a ter um impacto cada vez maior na comunidade escolar.

No despacho conjunto n.º 43/ME/MC/95, de 29 de Dezembro, tal como refere Elsa Conde no seu artigo sobre a “Rede de Bibliotecas Escolares: perspectivas e potencialidades de utilização da Internet” (apresentado no 6.º congresso Nacional de Bibliotecários e Arquivistas e Documentalistas – Maio de 1998), os Ministérios da Educação e da Cultura admitem que as bibliotecas escolares se devem encontrar integradas em Rede e devem promover o incentivo à Leitura Pública. “ [...] No conjunto de princípios e linhas de orientação incluídos no Relatório “Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares [...] criado pelo mesmo despacho” (*in VI Congresso BAD, 1998: 563*) é referido que a Rede é cada vez mais importante nos sistemas de informação, assim sendo cada biblioteca deve ser um ponto de acesso ao sistema e todos os recursos de informação deverão estar disponíveis em todos os pontos de acesso. Todavia, este conceito não deveria ser alargado somente às bibliotecas escolares, mas também às públicas e do ensino superior. Assim sendo, a internet desempenhará um papel fulcral no desenvolvimento das Bibliotecas em Rede, de modo a estabelecer a ligação de Redes virtuais e distribuídas a todas as escolas. Tal como refere Elsa Conde “ É importante que se diga que a instalação de um único computador para a Internet não impede a ligação em rede a este computador de outros que multipliquem o número de postos de acesso.” (*in VI Congresso BAD, 1998: 564*)

O Programa “Rede de Bibliotecas Escolares” foi criado com essa finalidade, tendo como principal objectivo a organização e gestão do funcionamento das bibliotecas em Rede, de modo a que haja uma ligação directa entre as estruturas de apoio – central, regionais e locais. Este processo deverá obedecer à aplicação de técnicas de gestão biblioteconómica, devido às diversas situações às quais se terá que adaptar, nomeadamente, Catalogação, OPAC,

Aquisições, Periódicos, Empréstimos, Estatística e Gestão, entre outros. Tal como refere a autora “Se o estabelecimento de um sistema de gestão documental para as bibliotecas escolares não é fácil, a definição de um sistema global de informação escolar ainda o é menos.” (in VI Congresso BAD, 1998: 566).

O sistema de informação deve desenvolver a cooperação de maneira a limitar as tarefas repetitivas, tirar partido dos recursos existentes e conseguir fomentar sinergias. A autora refere que o livro verde para a Sociedade da Informação em Portugal salienta a importância das sinergias que deverão existir entre as várias instituições, devendo esta ser aprofundada “ [...] Refira-se o projecto do Ministério da Educação para dinamização das bibliotecas escolares, onde o Ministério da Cultura está empenhado em estabelecer a ligação da Biblioteca Nacional e das Bibliotecas Municipais e o Ministério da Ciência e da Tecnologia em disponibilizar as infraestruturas de acesso. Deste modo afirmar-se-ão redes de bibliotecas conduzindo à criação de uma biblioteca virtual alargada com suporte telemático.” (in VI Congresso BAD, 1998: 567).

O actual plano tecnológico aprovado em 2007, publicado em Diário da República no despacho n.º 142/2008, de 3 de Janeiro de 2008, implementado nas escolas e bibliotecas escolares portuguesas, tem como principais objectivos a ligação à Internet em banda larga de alta velocidade e o aumento do número de alunos por computador com ligação à internet, de modo que haja cada vez um maior acesso à informação, tentando que esta seja acessível de igual modo a todos.

-----

Em síntese, podemos referir que o manifesto das Bibliotecas Públicas IFLA/UNESCO tem como principal objectivo garantir o livre acesso aos fundos documentais para que os indivíduos se possam tornar livres pensadores e utilizadores efectivos da informação.

O Ministério da Educação em 2007 trabalha em articulação com o Ministério da Cultura e outros parceiros, nomeadamente, com as Câmaras Municipais na implementação do Plano Nacional de Leitura.

O “Manifesto das Mediatecas Escolares” defende que as mediatecas são cruciais para a educação das crianças e dos adolescentes. Podemos referir que há um consenso geral em relação ao papel fundamental da informação para o desenvolvimento das actividades profissionais. Há que saber manuseá-la e produzi-la. O sistema educativo deve preparar os cidadãos para a sociedade da informação. É importante estimular a pesquisa individual e do desenvolvimento das capacidades de manuseamento da informação. A Biblioteca Escolar deve desenvolver nos alunos competências para a aprendizagem ao longo da vida, estimular a imaginação, fazendo com que estes se tornem cidadãos responsáveis.

## Capítulo 2

### 2.1. Papel e missão da Biblioteca Municipal

A biblioteca pública é um local de informação. O acesso é igual para todos independentemente da raça, sexo, idade, religião. A informação e os serviços são prestados de igual modo a todos. Este é um dos principais objectivos da biblioteca pública: o acesso à informação é para todos, directrizes referidas pelo Manifesto da IFLA/UNESCO sobre Bibliotecas Públicas, 1994.

“Os serviços da biblioteca pública devem ser oferecidos com base na igualdade de acesso para todos, sem distinção de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua ou condição social. Serviços e materiais específicos devem ser postos à disposição dos utilizadores que, por qualquer razão, não possam usar os serviços e os materiais correntes, como por exemplo minorias linguísticas, pessoas com deficiências, hospitalizadas ou reclusas.” (Manifesto da IFLA/UNESCO sobre as Bibliotecas Públicas, 1994)

As bibliotecas públicas devem desenvolver os hábitos de leitura desde a primeira infância; estimular a criatividade, a imaginação e o espírito crítico, de modo a que todos os cidadãos possam participar activamente na sociedade onde se encontram inseridos; promover o acesso às diversas formas culturais, fomentando o diálogo-intercultural e artes do espectáculo; garantir o acesso à informação a todos os cidadãos e criar meios para utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação.

O trabalho efectuado pelas bibliotecas municipais deve ser desenvolvido em cooperação. “Deve ser assegurada a cooperação com parceiros relevantes, por exemplo, grupos de utilizadores e outros profissionais a nível local, regional, nacional e internacional” (Manifesto da IFLA/UNESCO sobre as Bibliotecas Públicas, 1994). Os serviços devem ser acessíveis a toda a população, assumindo o bibliotecário um papel de intermediário fundamental e imprescindível entre os utilizadores e os recursos, meios disponíveis, de modo a que estes possam beneficiar e usufruir de todos os suportes documentais de forma equitativa, daí a importância no desenvolvimento e implantação de práticas de formação na óptica do utilizador.

“A biblioteca pública – porta de acesso local ao conhecimento – fornece as condições básicas para uma aprendizagem contínua, para uma tomada de decisão independente e para o

desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais” (Os Serviços da biblioteca Pública: Directrizes da IFLA/UNESCO, 2003: 117). A biblioteca pública deverá promover a cultura e a informação. Enquanto força activa para o desenvolvimento da cultura, educação e da informação a biblioteca pública é um agente fundamental para a promoção da paz e do bem-estar de homens e mulheres.

As bibliotecas municipais estão organizadas segundo tipologias. O tipo de biblioteca é determinado tendo em conta o número de habitantes do concelho. Em Portugal continental as bibliotecas estão definidas por BM 1 quando se trata de uma biblioteca que tem uma população até 20.000 habitantes, BM 2 entre 20.000 e 50.000 habitantes e BM 3 quando se trata de uma Biblioteca que está inserida num concelho com mais de 50.000 habitantes.

Tal como é referido no *Relatório sobre as Bibliotecas Públicas em Portugal, 1996* “A emergência da sociedade da informação terá um profundo impacto no futuro das bibliotecas [...] podem detectar-se algumas grandes linhas que irão marcar a evolução a curto e médio prazo. Em primeiro lugar a tendência para a digitalização da informação e para a informação multimédia. A crescente produção de novos materiais de formatos digitais, e mesmo a digitalização de documentos já existentes noutros suportes, bem como o recurso alargado a ligações hiper textuais e a técnicas de interactividade, irão alterar profundamente, o tipo de informação e de documentos que estarão disponíveis nos próximos anos.” Este acaba por ser o novo conceito da sociedade de informação, altera as funções da biblioteca municipal, mostramos o caminhar para os recursos digitais e para a sua importância crescente na sociedade onde nos encontramos inseridos.

### **2.1.1. A Importância da Biblioteca Municipal**

A criação da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, em 1987, tinha precisamente como principal objectivo alterar o panorama existente em Portugal ao nível da leitura pública, tendo em conta a situação nos outros países. Porém, um manifesto de 1983 incidindo sobre a situação concreta existente, referia já o interesse e a relevância das bibliotecas escolares na sua ligação com as bibliotecas públicas.

Para além da Biblioteca Escolar ser considerada por muitos países como uma peça fundamental no Sistema de Ensino, era simultaneamente imprescindível para a preparação de futuros leitores das bibliotecas municipais, daí a necessidade de lhe atribuir importância.

Claro que, nesta perspectiva, o funcionamento da biblioteca escolar exigia outros procedimentos, designadamente ao nível da formação de professores na área da documentação com vista ao desenvolvimento de uma pedagogia da documentação.

Calixto reconhece-o claramente:

As dificuldades das bibliotecas públicas não são hoje o de falta de utilizadores motivada pela falta da sua formação nas escolas. O risco que se corre é de as bibliotecas Públicas simplesmente se transformarem em bibliotecas escolares devido à ausência destas. De facto, informações que nos chegam de diversas fontes indiciam que crianças e jovens se sentem muitíssimo atraídos pela biblioteca Pública, que a vêem como um espaço atraente e desejável, e que tendem a utilizá-la da forma que se lhes afigura mais útil, substituindo os espaços que a escola não lhes oferece” (cf. Calixto, 1996).

O investimento público no apoio à instalação/renovação de bibliotecas escolares é um contributo de base verdadeiramente decisivo para a melhoria das condições e funcionamento das bibliotecas escolares, tanto ao nível do alargamento dos acervos bibliográficos como ao nível dos recursos humanos e da sua formação, designadamente no desenvolvimento de formações na área dos recursos humanos e tratamento técnico documental, assim como no apoio técnico às escolas.

A maioria dos alunos que procuram a biblioteca municipal acaba por utilizá-la para estudar, fazer trabalhos individuais ou em grupo. Todavia, por vezes têm algumas dificuldades em aproveitar e seleccionar a informação que lhes é relevante, daí a necessidade de orientá-los para a autonomia, processo que se constrói enquanto acto educativo.

A biblioteca pública, por sua vez, tem o dever de agradar à população em geral, e naturalmente, aos alunos dos diferentes níveis etários, servindo, como acrescenta Calixto, ” [...] de complemento, alargamento e aprofundamento dos fundos documentais das bibliotecas escolares, permitindo o acesso a outras fontes de informação, servindo de elo de ligação entre as bibliotecas escolares e o sistema bibliotecário nacional e internacional” (*in* Cadernos BAD, 1994: 63).

Não se excluindo e antes interagindo, a biblioteca pública não substitui a biblioteca escolar. O desenvolvimento da biblioteca pública passa aliás pelo alargamento da Rede de Bibliotecas Escolares já que a sua ausência pode prejudicar a própria missão plena das bibliotecas públicas, nomeadamente no que diz respeito ao cumprimento dos seus objectivos,

afogando-se numa torrente de públicos – o escolar - que está com o dever de constituir o seu único público ou mesmo público básico.

Segundo o Relatório sobre as Bibliotecas Públicas em Portugal, 1996, os serviços das bibliotecas públicas são cada vez mais diversificados e os utilizadores esperam sempre mais, tendo em conta o desenvolvimento da sociedade da informação. Este relatório faz referência à organização da biblioteca, salientando documentos internos de identificação dos espaços, regulamento interno, meios de pesquisa (consulta do catálogo da biblioteca) para que o utilizador possa ter uma percepção acerca do fundo documental pelo qual é composta. A biblioteca oferecerá a possibilidade de trabalhar a informação obtida, através da digitalização de documentos. Ela funcionará igualmente como espaço de lazer, disponibilizando acesso à internet, dado o seu potencial de informação e comunicação. A biblioteca também poderá ser um espaço para debater assuntos em comum, de troca de ideias entre os utilizadores. São múltiplas as suas funções.

### **2.1.2. O Papel do Bibliotecário**

O bibliotecário é um profissional com formação em ciências documentais. “As suas funções incluem a concepção, planeamento, organização, execução, gestão e avaliação dos serviços e sistemas de biblioteca e de informação de modo a satisfazer as necessidades dos utilizadores dos serviços de biblioteca e de informação da comunidade.” (Os Serviços da biblioteca Pública: Directrizes da IFLA/UNESCO, 2003: 89). O seu trabalho implica a gestão da colecção, consiste na organização e rentabilização de recursos, prestação de serviços aos utilizadores, nomeadamente, serviço de referência sempre que estes o solicitem, com o objectivo de obterem a informação de que necessitam.

“Os bibliotecários deverão ter contactos regulares com os membros da comunidade que servem” (Os Serviços da biblioteca Pública: Directrizes da IFLA UNESCO, 2003: 89). De maneira a cumprir as suas funções, a biblioteca deverá ter uma equipa de pessoal especializado em diversas áreas, tais como a informática, referência e infantil. O papel do bibliotecário é bastante diversificado e polivalente, deverá ter capacidade para remodelar e desenvolver novos serviços, averiguar quais as necessidades de recursos de informação da comunidade, assim como apoiar os utilizadores nos recursos da biblioteca e busca da informação, desenvolver serviços para satisfazer necessidades de grupos especiais, como é por exemplo o caso do público infantil. É necessária a manutenção de bases de dados, assim como a criação de serviços com o objectivo de colmatar as necessidades do público, a gestão de sistemas de biblioteca e informação, o tratamento documental, a avaliação, selecção,

gestão e formação de pessoal, a gestão e planeamento estratégico do orçamento. O bibliotecário tem um papel activo na remodelação de bibliotecas existentes e na criação de novas bibliotecas inclusive nas itinerantes. A actualização permanente no que concerne ao uso de novas tecnologias relevantes, quer ao nível do tratamento documental, quer ao nível do desenvolvimento e projecção dos serviços prestados pela biblioteca municipal está a seu cargo. O bibliotecário deverá promover a formação contínua de toda a sua equipa profissional e manter um processo pessoal de formação permanente para que não haja desactualização de conhecimentos.

Os bibliotecários devem manter uma estreita ligação com as escolas de biblioteconomia do seu país, de modo a garantir a actualização permanente na formação contínua, quer a nível formal quer a nível informal, eles devem participar em palestras, assim como em formas activas e apropriadas de cooperação.

### **2.1.3. Cooperação Interbibliotecas**

Do corrente funcionamento da biblioteca pública/municipal verifica-se um aproximar da comunidade escolar à biblioteca municipal. A autora Marta Alves refere que “ A maioria dos utilizadores são estudantes que aí procuram satisfazer as suas necessidades de informação. Da praxis dos profissionais das bibliotecas resultou a constatação de um fenómeno de “escolarização” do novo espaço comunitário” (*in* Liberpólis, 1998: 84). Nesta altura eram poucas as bibliotecas escolares disponíveis ao serviço dos utilizadores escolares. Nessa altura as bibliotecas municipais/públicas já se encontram com um sistema de livre acesso e com documentação disponível e actualizada sobre diversas temáticas.

Esta situação, leva a reflectir sobre a inadequação e ausência de verdadeiras bibliotecas escolares, onde também se manifesta a falta de capacidades para o manuseamento da informação notória quando é efectuada a pesquisa. Daí a importância que a biblioteca municipal/pública desempenha na construção da Rede de Bibliotecas Escolares. Tal como refere por Marta Alves “Essa ideia prepassa por Calixto quando este afirma: “é hoje claro que é muito próxima a relação entre as bibliotecas públicas e a biblioteca escolar por todo o mundo, embora de forma diferente, o desenvolvimento de umas está intimamente relacionado com o das outras”. (*in* Liberpólis, 1998: 84). Isto significa que se estabeleceram relações de cooperação entre bibliotecários e professores, que lançaram temas de debate e colheram os seus frutos. São exemplo disso muitas das bibliotecas existentes antes do lançamento da Rede de Bibliotecas Escolares.

Essa cooperação resultou da criação de empatias que ajudaram ao nascimento do SABE – Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares. Marta Alves salienta que o SABE é “Entendido como um recurso técnico inserido na biblioteca municipal que fará o planeamento e a gestão dos recursos (físicos, documentais, materiais e humanos) a afectar o desenvolvimento da Rede de Bibliotecas Escolares. “ (*in* Liberpólis, 1998: 84). A autora faz o estabelecimento da ligação entre a biblioteca municipal e a biblioteca escolar, promovendo actividades em conjunto e cooperando entre si também no aspecto técnico.

Para além da cooperação interbibliotecas, também deverão ser estabelecidas parcerias e elos de ligação com as instituições locais. Tal como refere a autora Maria Teresa Cravo, “Da mesma forma que a Biblioteca Escolar se afirma como uma estrutura determinante no seio da comunidade educativa, é necessário que se verifiquem parcerias com outras instituições locais, designadamente, com outras Bibliotecas Escolares, Associações Sócio-Culturais, Jornais Locais, Autarquia Local e Bibliotecas Municipais”. (Cravo, 2007: 89), o trabalho deve ser desenvolvido em conjunto para que os resultados sejam profícuos, trabalhar isoladamente só retarda os resultados e diminui o desempenho que se pretende para as bibliotecas escolares.

A autora Maria Teresa Cravo alerta para a necessidade do desenvolvimento de projectos em comum que envolvam parcerias entre a biblioteca escolar e as outras instituições envolventes, que ” [...] permitirão aos docentes a diversificação de metodologias de ensino, nomeadamente, através da utilização de vários meios, aos alunos, o acesso a informação mais rica, potenciadora de aprendizagens mais significativas e à demais comunidade educativa, a participação nas actividades da BE/CRE” (Cravo, 2007: 89). Ao desenvolver este trabalho de cooperação, a comunidade educativa tornar-se-á mais enriquecedora, acabando por existir uma maior articulação entre as entidades, podendo isso contribuir para a elaboração de novos projectos em conjunto, daí a necessidade de fortalecer as relações entre as diversas entidades da comunidade local. Todavia, esta relação só será fortalecida após o envolvimento de todas as bibliotecas locais (municipal e escolares), através da criação do Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares.

As competências do SABE são posteriormente evidenciadas, mas de uma maneira subtil nos pactos de cooperação entre o Ministério da Educação, através das Direcções Regionais de Educação e dos municípios sob a figura da biblioteca municipal. Para o Ministério da Educação, a colaboração está intimamente relacionada com a mudança e desenvolvimento da biblioteca escolar. A sua ligação em rede é fundamental e oferece um caminho diversificado de estímulos provenientes do exterior, da parte do Ministério da Educação, o que implica a adopção de uma metodologia semelhante para a Rede Nacional de Bibliotecas Escolares.

Com o lançamento da Rede de Bibliotecas Escolares encontrou-se na administração local a base ideal para a implementação do projecto. Os acordos de cooperação com as Direcções Regionais de Educação seriam no sentido de estas disponibilizarem vários tipos de recursos, nomeadamente, físicos, financeiros e humanos, de modo a ampliar a rede de bibliotecas escolares num quadro de cooperação com a rede de leitura pública ligada ao Ministério da Cultura. Os municípios devem adquirir os meios através das bibliotecas municipais, para poderem articular-se com as bibliotecas escolares, de modo a potenciar e rentabilizar os recursos documentais a nível local, criar serviços que possam prestar apoio técnico às bibliotecas escolares, efectuar formação contínua para os funcionários das bibliotecas escolares, reforçar as tecnologias de informação que são um acesso privilegiado ao conhecimento de todos. Contudo, as tecnologias nunca foram reforçadas e nunca se conseguiu saber o motivo de tal facto.

Reforçando a ideia acima descrita, é fundamental que exista articulação em rede com outras bibliotecas escolares e municipais. A autora Maria Teresa Cravo cita I. Veiga *et al.* “O Conceito de rede de bibliotecas escolares assenta no pressuposto que cada escola deve dispor de uma biblioteca. As bibliotecas de diferentes escolas de uma determinada área geográfica devem estar articuladas em rede para permuta de documentos e actividades conjuntas de animação. O mesmo deve acontecer com a ligação com as bibliotecas escolares e as bibliotecas públicas, principalmente, para recurso a serviços de apoio técnico especializado” (Cravo, 2007: 90).

A articulação entre bibliotecas escolares e as entidades locais é fundamental para que possa existir um trabalho cooperativo e de partilha de saberes e de recursos, crucial para o desenvolvimento da Sociedade do Conhecimento e da Informação.

---

Em síntese, as bibliotecas públicas devem ser locais de acesso livre de conhecimento a todos os seus utilizadores e potenciais utilizadores, independentemente da raça, sexo, idade, religião, ou condição social. Há unanimidade quando se defende que as bibliotecas municipais, à semelhança das bibliotecas escolares, também devem estimular o prazer e o gosto pela leitura, o espírito crítico, proporcionando o acesso à informação e às tecnologias da informação e comunicação.

O manifesto sobre as bibliotecas públicas refere que o trabalho desenvolvido pelas bibliotecas públicas deve ser feito em cooperação, sendo o bibliotecário um intermediário imprescindível entre os utilizadores e os recursos.

A rede de bibliotecas municipais, criada em 1987, antes da rede de bibliotecas escolares (1997), acabou nessa altura, por tentar colmatar a falta de bibliotecas escolares. Os alunos utilizavam-nas para a realização de trabalhos e busca de informação. No entanto, em momento algum a biblioteca pública substitui a biblioteca escolar. A biblioteca pública tem um papel mais amplo, um público mais vasto, o seu objectivo é agradar a população em geral.

O papel dos bibliotecários é sobretudo rentabilizar recursos e fazer uma gestão equitativa e equilibrada do fundo documental. As suas funções são diversificadas e polivalentes. Os bibliotecários devem ser promotores da formação contínua para que haja uma constante actualização dos conhecimentos, participando activamente em palestras e estabelecendo certas ligações apropriadas de cooperação.

A criação de empatias é fundamental, nomeadamente no que concerne à relação que se pode estabelecer entre as bibliotecas municipais e as bibliotecas escolares, promovendo actividades em conjunto, cooperando entre si também, através da troca de experiências e documentação, criando fortes elos de ligação.

## **PARTE II**

---

# **ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO**

## Capítulo 3

### 3.1. Contexto Metodológico da Investigação

A relação entre as bibliotecas municipais/públicas e as bibliotecas escolares trata-se de uma temática ainda pouco estudada na Região Alentejo, razão pela qual se torna pertinente o seu estudo. Salvo melhor opinião, tais infra-estruturas são fundamentais para o desenvolvimento da leitura e da literacia, a sua interligação e cooperação deverá ser uma constante. É pela consideração da importância desta problemática que se focalizou o ponto de partida para este estudo. No entanto, consciente da complexidade da questão, que de certo modo está directa ou indirectamente relacionada com as ligações sociais que as instituições e as pessoas estabelecem entre si, aceitámos o desafio de pesquisar tal problemática.

### 3.2. Propósitos e Objectivos do estudo

Tal como foi referido anteriormente, a Rede de Bibliotecas Escolares foi constituída formalmente no ano de 1997 com o intuito de desenvolver os meios disponíveis de acesso à informação na escola, bem como a capacidade de alunos e professores a utilizarem com fins educativos, e que deve ser vista sempre como uma inovação pedagógica à escala de todo o estabelecimento de ensino (cf. Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares, 1996). Tendo em conta estes pressupostos tornou-se pertinente verificar e analisar o trabalho que tem sido desenvolvido ao longo destes 14 anos de existência das Bibliotecas Escolares, sobretudo no que diz respeito às relações de cooperação que têm vindo a estabelecer entre si e as próprias Bibliotecas Municipais/ Públicas, que foram primordiais em todo este processo, uma vez que a sua constituição remonta ao ano de 1986.

O objectivo deste estudo incide sobre as redes de cooperação e as características das relações existentes entre as Bibliotecas Públicas e Escolares da Região do Litoral Alentejano.

Com o lançamento da Rede de Bibliotecas Escolares, as primeiras Bibliotecas Escolares da rede surgem nos concelhos onde já existiam Bibliotecas Municipais. Este foi um dos critérios tido em conta no surgimento das Bibliotecas Escolares. Estas, assim sendo, poderiam contar com apoio de fundo bibliográfico e recursos humanos por parte da Biblioteca Municipal. Tendo em conta os cinco concelhos que fazem parte da base do estudo, as datas das Escolas Integradas na Rede de Bibliotecas Escolares do Litoral Alentejano vão desde 1998

a 2007, a maioria foi integrada nos anos de 2002, 2003 e 2005. Assim sendo, pode-se deduzir que a maior parte das Bibliotecas Escolares desta área geográfica foi formada recentemente, tendo entre 6 a 9 anos de existência.

A maioria dos recursos humanos existentes nas Bibliotecas Escolares são flutuantes, a maior parte das escolas não têm recursos humanos com formação na área da biblioteconomia, embora nos dois últimos anos alguns professores tenham investido na sua formação na área das bibliotecas. Alguns encontram-se a frequentar o *Curso de Formação Especializada em Comunicação Educacional e Gestão da Informação - Bibliotecas Escolares* da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Beja. Contudo, o pessoal auxiliar na sua grande maioria investe pouco na formação, ou porque esta é inexistente ou devido à pouca disponibilidade que possuem para poderem frequentar cursos de formação, uma vez que o pessoal auxiliar tem vindo a ser reduzido com o passar dos anos. Na maior parte dos casos as Bibliotecas Municipais também não têm capacidade para disponibilizar recursos humanos que possam fazer face às necessidades das Bibliotecas Escolares.

No entanto, devemos salientar o contributo, durante os últimos anos, dos Centros de Formação de Professores, pois têm desenvolvido algumas acções de formação para pessoal docente e não docente na área da biblioteconomia, quer ao nível do tratamento documental, quer da própria organização das Bibliotecas Escolares.

Tal como refere a autora Conceição Couvaneiro: “ Através da cooperação, as pessoas são socialmente levadas a porem a sua criatividade, exercida de maneira autónoma e responsável, ao serviço do bem comum [...] A comunicação aberta e o diálogo participativo, práticas características do modelo cooperativo, conduzem a maior participação pessoal no seio do grupo de trabalho, mas também o ambiente social, ao desenvolvimento do espírito crítico e ao aumento da capacidade reflexiva.” (Couvaneiro, 2004: 26) Isto leva a uma maior abertura das práticas sociais que se estabelecem. O sistema cooperativo tem como objectivos satisfazer as necessidades dos indivíduos. Ele faz como que haja uma democracia mais participativa, a informação é partilhada, há uma valorização e aumento da auto-estima nas pessoas, o que contribui para o desenvolvimento do indivíduo e do grupo.

Ao nível da cooperação interbibliotecas existe um grande manancial de possibilidades a explorar. Tal como sublinha Calixto, as Bibliotecas em Portugal por norma não estabelecem cooperação entre si, acaba por não existir uma rede eficaz para a cooperação entre bibliotecas nem uma política definida para efectuar empréstimos interbibliotecas ou um esquema de especialização temática.

Isto remete-nos para dimensões múltiplas de estudo como:

- cooperação entre Bibliotecas Públicas;
- cooperação entre Bibliotecas Escolares;
- cooperação das bibliotecas Públicas e Escolares;
- cooperação das Bibliotecas Públicas com outras Instituições;

A cooperação pode ser vista sob muitas perspectivas. “ A cooperação, como é referido por Thun (1997), «significa a partilha de trabalho, de competências e de dinheiro.»” (Calixto, 2005: 83), podendo ser encarada como um investimento. É fundamental ressaltar que tem que existir recursos financeiros adequados pelos cooperantes.

Segundo Calixto, Thun (1999) apresenta várias vertentes onde a cooperação pode ser estabelecida, cooperação esta que acaba por estar facilitada pelas TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação). Deste ponto de vista e no caso específico das Bibliotecas Escolares, José António Calixto destaca as seguintes dimensões de cooperação:

“ Estabelecimento de um esquema regional de catalogação ou uma rede regional de bibliotecas de diferentes concelhos; Expansão dos OPAC's, integrando fontes especiais com o catálogo; Ligação dos OPAC's de diferentes bibliotecas a uma rede local; Trabalho em parceria no estabelecimento de bases de dados a nível local ou regional; Desenvolvimento cooperativo e partilhado das colecções.” (Calixto, 2005: 83)

Contudo, há que salientar o esforço que tem havido por parte do IPLB, actual DGLB, que tem estimulado o trabalho conjunto entre as bibliotecas Públicas/Municipais.

As Bibliotecas Públicas e Escolares, detentoras de planos de actividades, têm o dever de prestar um contributo relevante na promoção do livro e da leitura em Portugal.

A criação de Serviços de Apoio às Bibliotecas Escolares têm como princípios efectivos estabelecer a cooperação entre as Bibliotecas Públicas e Escolares, juntamente com outros parceiros, tais como: Estabelecimentos de ensino, Associações, Empresas, Universidades, Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares, Direcção Geral do Livro e das Bibliotecas, Rede de Conhecimento das Bibliotecas Públicas.

O SABE deve ser visto com o espaço onde é possível articular esforços, facilitador da implementação de projectos, fazendo com que as bibliotecas saiam da inércia, isto é, onde se impulsionem ideias e novas práticas nas Bibliotecas Escolares, sendo necessário que este trabalho seja continuado e sistemático.

De um modo geral os objectivos do SABE devem ser os seguintes:

- Apoiar a criação e o desenvolvimento das Bibliotecas Escolares;

- Promover boas práticas de cooperação, de partilha entre as várias entidades que possam vir a estabelecer articulação com os SABE;
- Fornecer aos professores e colaboradores a informação e formação adequadas;

É necessário referir que todas as bibliotecas da região do Alentejo, cerca de 27 Bibliotecas, nomeadamente, as que fazem parte da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas prestam serviço de apoio às bibliotecas escolares aos concelhos a que pertencem. A maioria destas bibliotecas, cerca de 20 bibliotecas municipais, presta este serviço de modo informal, sem que esteja instituído nenhum protocolo estabelecido entre a Câmara Municipal, Biblioteca Municipal e os Agrupamentos de Escolas do Concelho. Sempre que é solicitado apoio por parte das bibliotecas escolares à biblioteca municipal, esta disponibiliza-se para ajudar dentro do que lhe é possível, uma vez que não tem adstrito a este serviço um grupo de trabalho de carácter permanente.

Apenas 6 bibliotecas da região Alentejo prestam este serviço de modo formal, através da celebração de protocolo entre as Câmaras Municipais, Bibliotecas Municipais e Agrupamentos de Escolas do concelho. No caso particular da Biblioteca Municipal de Beja esta estabeleceu um protocolo juntamente com a Direcção Regional de Educação do Alentejo. Este serviço foi formalizado, na maior parte dos casos, há menos de um ano. Trata-se de algo muito recente.

É necessário salientar que a cooperação entre as bibliotecas precisa de ser sistematizada e não tem tido o devido estímulo por parte do Estado, ao contrário do que se vê noutros países.

A cooperação acaba por ser um dos grandes desafios das bibliotecas públicas em Portugal, o que é igualmente reconhecido no relatório de 1996 (cf. Moura, 1996) que a vê como algo indispensável «que progressivamente assuma a gestão da rede do ponto de vista técnico e financeiro e a represente em instâncias nacionais e internacionais», tal como refere Calixto: “Uma cooperação sistemática e estruturada permitiria um melhor e mais racional aproveitamento dos recursos, a melhoria substancial dos serviços prestados, nomeadamente através das TIC[...]” (Calixto, 2005: 84)

Tudo isto permitiria uma aprendizagem contínua dos bibliotecários e técnicos profissionais de biblioteca e, ao mesmo tempo, possibilitaria uma evolução qualitativa e continuada por parte das bibliotecas.

Através das *Redes de Cooperação entre Bibliotecas Públicas e Escolares do Litoral Alentejano* tentamos perceber até que ponto existe cooperação entre bibliotecas Municipais e Escolares e como essa mesma cooperação efectivamente se realiza, quer em termos de apoio

do fundo documental e organização da própria Biblioteca Escolar, quer ao nível da promoção de actividades ligadas à promoção do livro e da leitura, com o objectivo de proporcionar um desenvolvimento a nível da Literacia da Leitura e da Informação.

Este estudo é composto por vários objectivos e propósitos de investigação e tenta responder a algumas questões, que do ponto de vista educacional, social e cultural são fundamentais para o desenvolvimento do papel do indivíduo na sociedade, própria comunidade local onde se encontra inserido.

No seguimento do conjunto de ideias que se acabou de mencionar, a problemática deste estudo centra-se em volta da seguinte questão:

Quais as características da rede de cooperação entre Bibliotecas Públicas e Escolares e outras entidades envolvidas na Região do Litoral Alentejano?

Com a realização deste trabalho pretende-se concretizar os seguintes objectivos:

- Caracterizar o papel e a missão da Biblioteca Municipal e Escolar;
- Identificar as características da cooperação existente entre as Bibliotecas Públicas e Escolares da área geográfica definida;
- Identificar se as Bibliotecas do Litoral Alentejano estão organizadas de modo a prestar serviços de cooperação em Rede entre as Bibliotecas Públicas, Escolares e outras entidades envolvidas;
- Conhecer as perspectivas desenvolvimento das Bibliotecas em questão;

### **3.3. Pressupostos Metodológicos da Investigação**

A investigação na actualidade é uma forma de aprender, de conhecer e de até participar activamente na realidade, é aplicada em diversos campos e exigida como aptidão fundamental num grande e crescente número de áreas. Tal como refere José Augusto Pacheco, gradualmente, com o progressivo avanço de uma sociedade em que a informação se transformou num bem central e essencial à vida de cada um, a relação dos indivíduos com o conhecimento tem vindo a mudar. (cf. Pacheco, 2006)

Para efectuar a investigação é necessário recorrer a métodos e técnicas de investigação, nos quais existe uma enorme diversidade de definições. A autora Madeleine Grawitz explica os métodos como um conjunto concertado de operações que são realizadas para atingir um ou mais objectivos, um corpo de princípios que presidem a toda a investigação

organizada, um conjunto de normas que permitem seleccionar e coordenar as técnicas (cf. Grawitz, 1993)

### 3.4. Caracterização e Contexto do Estudo

Este trabalho tem como principal objectivo estudar a ligação existente entre as bibliotecas municipais e escolares do Litoral Alentejano, nomeadamente a relação existente entre elas. Os motivos que levaram à escolha deste tema foi sobretudo a sua pertinência, devido ao facto de não existir nenhum trabalho até então realizado sobre as bibliotecas pertencentes aos concelhos do Litoral Alentejano.

As três bibliotecas escolares do Agrupamento de Sines<sup>15</sup> que se encontram no concelho de Sines fazem parte da Rede de Bibliotecas Escolares do Ministério da Educação<sup>16</sup>, as escolas participam com muita frequência na “Hora do Conto” e noutras actividades desenvolvidas no serviço educativo pela Biblioteca Municipal do Centro de Artes de Sines.

O concelho de Grândola também se preocupa com o desenvolvimento de actividades pedagógicas e de ligação com a escola ao meio onde esta se encontra inserida, organizando actividades permanentes com as escolas e jardins-de-infância, do agrupamento de escolas de Grândola.

A rede educativa do concelho de Alcácer do Sal é constituída por dois agrupamentos de escolas (Alcácer do Sal e Torrão). Os planos e estratégias de acção desenvolvidos no ano lectivo 2006/2007<sup>17</sup> vão ao encontro das actividades desenvolvidas pelo Plano Nacional de Leitura tais como: “animação de leitura, comemoração de datas relativas à temática, arraial com livros, feira do livro, dinamização de bibliotecas escolares, acções conjuntas com a biblioteca municipal”, envolvendo especialmente os alunos do pré-escolar, 1.º e 2.º Ciclos assim como o plano TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação), promovendo o incentivo da utilização das TIC’s, nas diversas áreas curriculares.

O concelho de Odemira, composto por cinco agrupamentos de escolas (Sabóia, S. Teotónio, Odemira, Colos e Vila Nova de Milfontes/S. Luís), através da sua carta educativa<sup>18</sup> demonstra que pretende criar uma proximidade entre a escola e a comunidade envolvente, dando um enfoque especial à importância da comunidade escolar e sociedade educativa.

---

<sup>15</sup> DIRECÇÃO REGIONAL DO ALENTEJO [Em linha]. [Consult. 28 SET. 2010]. Disponível em WWW:< URL: <http://drealentejo.pt/querys/enderecos.asp?distrito=Set%FABal&saida=HTML>

<sup>16</sup> Carta Educativa do Município de Sines, 2007.

<sup>17</sup> Carta Educativa do Município de Alcácer do sal 2008.

<sup>18</sup> Carta Educativa do Município de Odemira 2006.

O concelho de Santiago do Cacém encontra-se subdividido em quatro Agrupamentos de Escolas: os agrupamentos de Alvalade, Cercal, Santiago do Cacém e Santo André. Este concelho conta com a Biblioteca Municipal com sede em Santiago do Cacém e um pólo em Vila Nova de Santo André. Estas bibliotecas preocupam-se sobretudo com a educação, informação, cultura e lazer, de modo a promover o conhecimento pessoal do indivíduo, a prestação de informação actualizada, desenvolvendo sempre em paralelo um serviço à comunidade escolar, com a preocupação do desenvolvimento de hábitos de leitura desde a primeira infância e ao longo da vida, procurando estabelecer com as escolas actividades de parceria, tendo em conta os diversos graus de ensino. As bibliotecas municipais desenvolvem projectos de continuidade: A Hora do Conto, Os Ateliers de Verão, Biblioteca na Aldeia, A Sacola Vai à Escola e as Mostras bibliográficas e Documentais<sup>19</sup>. O município de Santiago do Cacém conta com 10 Bibliotecas Escolares integradas na Rede de Bibliotecas Escolares.

### **3.5. A Entrevista**

Tendo em consideração os objectivos de investigação propostos, optou-se pela estratégia metodológica de estudo de caso exploratório de natureza descritiva, recorrendo como técnica privilegiada de recolha de informação entrevistas a actores-chave.

A entrevista encontra-se relacionada com a capacidade de comunicação e de interacção humana, os quais dão a possibilidade ao investigador de extrair das entrevistas informações e dados de reflexão ricos. A entrevista caracteriza-se pelo acto directo entre o entrevistador e o entrevistado. “Instaura-se, assim, em princípio, uma verdadeira troca, durante a qual o interlocutor do investigador exprime as suas percepções de um acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações ou as suas experiências, ao passo que, através das suas perguntas abertas e das suas reacções, o investigador facilita essa expressão, evita que ela se afaste dos objectivos da investigação e permite que o interlocutor aceda a um grau máximo de autenticidade e de profundidade.” (Quivy, 2005: 192)

A entrevista é considerada como o primeiro método de recolha de informações, contudo o espírito teórico do investigador deve estar permanentemente atento, de maneira a que as suas intervenções possam recolher elementos de análise o mais fecundos possível.

Assim sendo, foram aplicadas entrevistas baseadas num guião, que condensa o conjunto de dimensões e questões a serem tratadas e onde estão explanados os tópicos de

---

<sup>19</sup> Carta Educativa do Município de Santiago do Cacém 2006 (não se encontra disponível online)

orientação aos quais o interlocutor deve recorrer na condução da mesma <sup>20</sup>. Para além da entrevista aos bibliotecários e coordenadores das bibliotecas escolares do Alentejo Litoral, serão também aplicadas entrevistas a profissionais com autoridade reconhecida no âmbito do tópico de investigação em questão. O número máximo de entrevistas realizadas foi sendo definido e ajustado no decurso do desenvolvimento da investigação e segundo o critério de saturação de informação. As entrevistas foram gravadas e reproduzidas na sua totalidade, para subsequente análise de conteúdos do *corpus* recolhido.

De notar que, quando se trabalha em investigação social, o método das entrevistas está intimamente relacionado a um método de análise de conteúdo. Durante as entrevistas trata-se, de facto, de fazer aparecer o máximo possível de elementos de informação e reflexão, que servirão de materiais para uma análise sistemática de conteúdo que corresponda, por seu lado, às exigências de explicitação, de estabilidade e de intersubjectividade dos processos. (cf. Quivy, 2005)

É ainda de acrescentar que as entrevistas foram (re)verificadas quanto à sua validade de conteúdo das questões do guião, tendo sido primeiro aplicado um guião-piloto de entrevista, no sentido da sua validação e aferição da linguagem e perceptividade, junto dum actor do terreno e da área das bibliotecas.

O tratamento das entrevistas passou pela análise exaustiva do seu conteúdo dividindo as palavras, frases e ideias em categorias de codificação. Este processo, de tratamento e manipulação dos dados, foi efectuado manualmente, embora possa ser elaborado através da utilização de um *software* especializado na análise de dados qualitativos (cf. Bogdan, 1994).

Tendo em consideração que “A finalidade da análise de conteúdo será pois efectuar inferências, com base numa lógica explicitada, sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas.” (Vala, apud Silva (org.), 2007), a análise de conteúdo do *corpus* das entrevistas realizadas permitiu retirar ilações sobre a fonte e compreender as diferentes facetas do objecto de estudo, tendo sempre em consideração a situação em que esta produziu o material de análise.

---

<sup>20</sup> No fundo, espera-se, através deste tipo de entrevista, um contributo do próprio entrevistado na compreensão dos fenómenos abordados. Entretanto, as questões do entrevistador vão surgindo, de modo tão natural quanto possível, com precisão e sentido de oportunidade. A intervenção do entrevistador tem como finalidade encaminhar a comunicação para os objectivos da entrevista, sempre que o discurso se desvie das intenções da investigação, suscitando o aprofundamento da informação requerida, apelando a elementos compreensivos que, naturalmente, o entrevistado deixa escapar. Após a transcrição das entrevistas inicia-se a tarefa de análise dos dados, esta reveste-se de especial importância uma vez que é através da mesma que se processa, segundo (Bogdan, 1994), a busca e organização dos dados recolhidos e permite ao investigador compreender e dar a conhecer os resultados da sua pesquisa.

**Quadro V – Matriz para o Guião da Entrevista**

Situação da Investigação	Operação da Investigação	Problemática	Referentes	Origem dos Referentes	Instrumento
Redes de Cooperação entre Bibliotecas Públicas e Escolares do Litoral Alentejano	<p>Caracterização das actividades desenvolvidas pela Biblioteca Municipal e Escolar</p> <p>Investigar através dos coordenadores de bibliotecas qual a opinião que os professores têm acerca do trabalho desenvolvido pela Biblioteca Escolar</p> <p>Conhecer a orgânica existente nas Bibliotecas Escolares quer em termos de actividades desenvolvidas como em relação à organização da documentação e do espaço que dispõem</p>	<p>Qual a importância que o órgão de gestão atribui à Biblioteca Escolar?</p> <p>Para o coordenador que importância tem a Biblioteca Escolar?</p> <p>Caracterize a Organização da Biblioteca Escolar</p> <p>Qual o relevo do fundo documental existente na Biblioteca Escolar?</p> <p>Qual o número de elementos da equipa da Biblioteca escolar?</p> <p>Que tipo de actividades têm sido realizadas nos últimos anos na Biblioteca Escolar?</p>	<p>Programa da RBE</p> <p>Relatórios das Bibliotecas Públicas/Municipais 1986 e 1994</p> <p>Manifesto das Bibliotecas Escolares – IFLA UNESCO</p> <p>Manifesto das Bibliotecas Públicas – IFLA UNESCO</p>	Institucional	Entrevista
Redes de Cooperação entre Bibliotecas Públicas e Escolares do Litoral Alentejano		<p>A Biblioteca Municipal costuma promover actividades para o público escolar?</p> <p>No projecto educativo da escola, há algum objecto relacionado com a Biblioteca Escolar?</p> <p>No projecto curricular que importância tem a Biblioteca Escolar?</p> <p>Existe orçamento/verba disponível para a Biblioteca Escolar?</p> <p>Qual a percepção que os professores coordenadores têm de um serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares?</p> <p>Como se desenvolve essa cooperação?</p>			Entrevista

Como podemos constatar através da análise do quadro V, a matriz que serviu de base ao guião da entrevista organiza-se em torno dos seguintes itens: (1) situação da investigação; (2) operação da investigação; (3) problemática; (4) referentes, (5) origem dos referentes; e (6) instrumentos.

### 3.6. A análise da documentação

**Quadro VI – Sistema de categorias e subcategorias para a análise de conteúdo das entrevistas**

Dimensão Funcionamento das Bibliotecas		Dimensão Actividades Desenvolvidas			Dimensão da Cooperação Estabelecida		
Categoria	Categoria	Categoria	Categoria	Categoria	Categoria	Categoria	Categoria
Fundo Documental	Recursos Humanos	Dinamização e Promoção do Livro e da Leitura	Projectos e Orçamentos	Visão do Trabalho Desenvolvido nas Bibliotecas Escolares	Modelo de Cooperação	Conceito de cooperação com outras entidades	Propostas de Intervenção para o Desenvolvimento de um SABE

Através deste quadro VI – Sistemas de categorias e subcategorias para análise de conteúdo das entrevistas tendo em conta as categorias acima descritas neste quadro. Este sistema de categorias é definido tendo em consideração as unidades de registo da melhor maneira possível. As categorias foram definidas tendo por base a bibliografia consultada, os objectivos da investigação, a matriz para o guião de entrevista e a conformidade das categorias tendo em consideração o conteúdo das mesmas, através das quais se desenvolveu o próprio trabalho exploratório de dados.

## **PARTE III**

---

# **APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

## Capítulo 4

### 4.1. Ponto da situação da cooperação entre bibliotecas escolares e públicas na área geográfica definida:

#### 4.1.1. Situação actual das bibliotecas escolares

As bibliotecas escolares, recursos fundamentais para as escolas, desempenham um papel imprescindível, nomeadamente na educação e formação dos alunos, e são suportes documentais necessários para os professores. Como tal, devem fomentar o desenvolvimento multidisciplinar e as competências de literacia no público escolar, de modo a promover a informação na sociedade do conhecimento, tendo como objectivo primordial “[...] formular necessidades de informação, pesquisar, seleccionar, organizar, produzir e saberem problematizar, usar e apresentar a informação”<sup>21</sup>.

Os coordenadores das bibliotecas escolares desempenham um papel fulcral no desenvolvimento dos estabelecimentos de ensino do Litoral Alentejano. É necessário referir que o espaço biblioteca se encontra mencionado nos regulamentos internos das escolas, embora não tenham o destaque pretendido. No entanto, no caso da Biblioteca Escolar 5, o seu regulamento interno (2009/2013)<sup>22</sup> salienta a sua definição, missão, objectivos, bibliotecas escolares do agrupamento, equipa, funções do professor coordenador, funcionários, funcionamento, recursos documentais, tratamento documental, orçamento (artigo 165º) “[...] depende do Orçamento Geral do Estado previsto para cada ano lectivo” não especificando assim qual o seu montante, sublinha ainda a importância em manter parcerias de cooperação com o exterior [...] “ nos domínios da gestão da informação, da formação, da animação pedagógica e cultural e da promoção da leitura e das literacias”. O projecto curricular de agrupamento também faz referência breve à biblioteca escolar. O Plano Anual de Actividades do Agrupamento de Escolas tem incorporadas as actividades realizadas na biblioteca escolar, situação que se verifica na maior parte das bibliotecas escolares. A Biblioteca Escolar 6 possui um regulamento de 2007/2008, onde se encontram definidos os espaços, objectivos da BE/CRE<sup>23</sup>, organização, normas de funcionamento/serviços prestados e avaliação, tendo como objectivo avaliar o desempenho de toda a actividade prestada pela biblioteca escolar.

---

<sup>21</sup> Bibliotecas Escolares: um projecto a (A) Creditar, Cláudia Brites, Vera Silva

<sup>22</sup> URL: [http://ebpedronunes.website.online.pt/joomla15/images/stories/documentos\\_escola/regulamento\\_interno\\_2009\\_2013.pdf](http://ebpedronunes.website.online.pt/joomla15/images/stories/documentos_escola/regulamento_interno_2009_2013.pdf)

<sup>23</sup> Biblioteca Escolar/Centro de Recursos Educativos

A maior parte dos coordenadores das Bibliotecas do Litoral Alentejano são unânimes a salientar que a Biblioteca Escolar é sem dúvida um recurso fundamental no ensino aprendizagem e uma ferramenta essencial ao auxílio do grupo docente. Contudo, a maior parte das Bibliotecas não possui um orçamento próprio que lhes permita actualizar a fundo documental existente. O fundo documental das bibliotecas escolares é composto sobretudo por livros de literatura, sendo necessário um maior investimento sobretudo em áreas técnicas, de modo a actualizar o fundo documental existente.

Relativamente à organização e pesquisa, a maior parte das bibliotecas que possui guiões de pesquisa de informação são as do 1.º Ciclo e algumas do 2.º e 3.º Ciclos do ensino básico. Os professores responsáveis pelas bibliotecas do Litoral Alentejano salientam a importância cada vez maior que a biblioteca tem, sobretudo a nível de apoio aos alunos nomeadamente no plano curricular de turma e de escola, articulando sempre este trabalho através da cooperação com o grupo docente, sendo esta fundamental para melhorar o desempenho dos alunos. No que diz respeito aos recursos humanos, na maioria dos casos são bastante voláteis, verificando-se assim pouca estabilidade e sequência no trabalho desenvolvido pela maioria das Bibliotecas Escolares. Tem havido uma aposta pessoal na formação por parte dos responsáveis pelas bibliotecas escolares, sobretudo ao nível da formação específica na área das bibliotecas. No entanto, para o pessoal não docente tem havido pouca ou quase nenhuma formação por parte do Centro de Formação de Professores do Alentejo Litoral na área das Bibliotecas Escolares, verificando-se o mesmo através da Rede de Bibliotecas Escolares.

Relativamente às actividades desenvolvidas pelas bibliotecas escolares, estas são uma constante preocupação por parte da equipa da biblioteca escolar que tenta coordenar as mesmas mediante a disponibilidade dos docentes que integram o corpo docente do estabelecimento de ensino, conseguindo nalguns casos motivá-los de modo a criarem actividades em parceria e em cooperação com a biblioteca escolar.

Para além das actividades desenvolvidas pela biblioteca escolar, esta tem desempenhado nos últimos tempos um papel importante no que diz respeito à elaboração de guiões de pesquisa, de modo a que os alunos possuam linhas orientadoras para a elaboração de trabalhos curriculares que facilitem a pesquisa e recolha de informação, e os ajudem na apresentação do trabalho.

Algumas destas bibliotecas escolares contam com o apoio pontual das bibliotecas municipais, no entanto, há que salientar o facto das bibliotecas municipais do Litoral Alentejano não terem instituído formalmente o SABE (Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares). Apenas

um dos responsáveis entrevistados sente necessidade de criar este serviço, de modo a que existam regras previamente estabelecidas que ajudem a uniformizar não só documentos, mas também procedimentos práticos de trabalho.

A maioria dos coordenadores das Bibliotecas Escolares refere que não existe cooperação entre as bibliotecas escolares e municipais, esta apenas é assumida de modo pontual, havendo também uma certa inconstância por parte de duas das autarquias do Litoral Alentejano, uma vez que não têm mantido o técnico responsável pela biblioteca municipal. Esta situação acaba por criar instabilidade no trabalho dos técnicos que fazem parte das bibliotecas municipais, assim como nos próprios coordenadores responsáveis pelas bibliotecas escolares que nunca sabem a quem se dirigir quando têm dificuldades e dúvidas. O mesmo se verifica em relação às bibliotecas escolares entre si, excepto alguns casos de cooperação existentes entre as bibliotecas do 1.º Ciclo e as do 2.º e 3.º Ciclos, uma vez que vão passar a existir as bibliotecas de agrupamento que incluem os três Ciclos de escolaridade.

Os responsáveis pelas bibliotecas escolares sentem a necessidade de uma maior “política colaborativa” entre as bibliotecas escolares e as municipais, sendo esta fundamental para o desenvolvimento das instituições, é imprescindível que haja partilha de conhecimentos, experiências e recursos assim como a criação de documentos e planos de actividades comuns, de modo a rentabilizar recursos (financeiros e humanos), agilizar processos existindo uma cooperação efectiva entre as diversas instituições.

#### **4.1.2. Situação actual das bibliotecas públicas**

##### **- Utilizadores na faixa etária dos 6 aos 18 anos de idade;**

Os quadros VII e VIII foram elaborados tendo em conta os dados fornecidos pelas Bibliotecas Municipais do Litoral Alentejano e estão organizados sob os seguintes parâmetros: (1) empréstimo domiciliário efectuado por utilizadores e por género/tipo documental, (2) material não livro, consultas, (3) leitura de presenças, documentos, (4) internet, consulta efectuada pelos utilizadores.

Ao analisarmos os quadros VII e VIII verificamos que a maior parte das Bibliotecas Municipais do Litoral Alentejano apenas se preocupa com a recolha de dados estatísticos acerca do número de utilizadores que efectua empréstimos domiciliários de livros, não havendo assim dados estatísticos acerca dos empréstimos domiciliários de material não livro como é o caso da BM 2, 3, 4 e 5. Em relação aos documentos consultados apenas duas das bibliotecas se preocupam com o registo destes dados, é o caso da BM 3 e 5, alegando os outros

responsáveis que se trata de uma recolha de dados pouco fidedigna, uma vez que os utilizadores podem apenas retirar os documentos da estante e nem sequer chegar a consultá-los. Em relação aos empréstimos domiciliários, a BM 5 apresenta no ano de 2008 dados gerais, enquanto que as restantes nos apresentam dados específicos referentes ao público Infante/Juvenil, dando-nos qual a percepção de crianças e jovens que requisitaram livros durante os anos de 2008 e 2009.

### Quadros VII e VIII – Público Infante/Juvenil<sup>24</sup>

Quadro VII- 2008								
	Empréstimo Domiciliário					Material Não Livro	Leitura de Presença	Internet
	Utilizadores	Livros	CD's	DVD's	VHS	Consultas	Documentos	Utilizadores
BM 1	8352	1507	1979 (a)	27795(a)	0	(b)	(b)	(b)
BM 2	1075	2238	(b)	(b)	(b)	(b)	(b)	(b)
BM 3	439	662	(b)	(b)	(b)	(b)	7582	4423
BM 4	1760	(b)	(b)	(b)	(b)	(b)	(b)	2872
BM 5	17795(a)	1823	(b)			1685(a)	9283	136

Quadro VIII- 2009								
	Empréstimo Domiciliário					Material Não Livro	Leitura de Presença	Internet
	Utilizadores	Livros	CD's	DVD's	VHS	Consultas	Documentos	Utilizadores
BM 1	7377	1228	1408	18341	0	(b)	(b)	(b)
BM 2	1049	2181	(b)	(b)	(b)	(b)	(b)	(b)
BM 3	381	1001	(b)	(b)	(b)	(b)	(b)	(b)
BM 4	1453	(b)	(b)	(b)	(b)	(b)	(b)	2151
BM 5	422	1528	(b)			1487(a)	8387	4260

Legenda: (a) Dados - Público em Geral

(b) Não se verifica

Comparando os dois quadros (2008 e 2009), verificamos que o número de empréstimos domiciliários de livros por utilizador decresceu de 2008 para 2009, excepto no caso da BM 3 em que o número de empréstimos de livros aumentou.

<sup>24</sup> Recolha de dados estatísticos referentes às Bibliotecas Municipais do Litoral Alentejano obtidos através dos seus responsáveis.

### **- Actividades desenvolvidas nas bibliotecas públicas;**

Apenas duas das Bibliotecas Municipais do Litoral Alentejano, BM 4 e 5, fazem a estatística acerca das actividades realizadas nas bibliotecas.

A Biblioteca Municipal 5 <sup>25</sup>acaba por promover a “biblioteca fora de portas” através da consulta de livros e revistas na biblioteca de praia em duas das praias do seu concelho. A praia A durante os dois meses de verão (Julho e Agosto) registou um total de 439 consultas, enquanto na praia B foram consultados apenas 230 documentos durante o ano de 2008. No mesmo período, em 2009, verifica-se uma quebra nas consultas, uma vez que apenas são consultados cerca de 154 documentos na praia A e na praia B são consultados mais 12 documentos que no ano anterior, fazendo um total de 242 consultas. No que diz respeito ao número de utilizadores, no ano de 2008 na praia A foram 387 utilizadores a realizar consultas e tendo em 2009 o número diminuindo para 287. Em relação à praia B verificamos o oposto, enquanto em 2008 tinha tido 150 utilizadores no ano seguinte aumentou o seu número para 249.

Para além da biblioteca de praia, é também realizada a biblioteca no jardim que teve uma aderência maior no ano de 2008 com a presença de 637 utilizadores, decrescendo, no ano seguinte (2009) o seu número para 486.

Em relação à BM 4 foram fornecidos dados estatísticos relativos a algumas actividades efectuadas para as escolas e público infanto/juvenil em geral. A hora do conto é uma das actividades realizadas com maior predominância onde se verifica a participação de um número alargado de escolas, tendo sempre uma grande afluência por parte destas e dos jardins-de-infância que fazem parte do respectivo concelho em questão.

Existindo depois em paralelo outros projectos relacionados com a promoção e divulgação do livro e da leitura: Inaugurações de exposições, “ À conversa com [...]”, apresentação de livros infantis, assim como a realização de uma feira de livro infantil, espectáculos de marionetas, participação na estafeta de contos assim como as restantes bibliotecas municipais do Litoral Alentejano, actividade esta promovida anualmente pela Biblioteca Municipal de Beja através das “*Palavras Andarilhas*”.

Contudo, apesar de apenas nos terem sido apresentados dados estatísticos da BM 4, as restantes bibliotecas também promovem actividades para o público infanto/juvenil. Todas a

---

<sup>25</sup> Dados Estatísticos fornecidos pela Bibliotecária responsável da BM5

bibliotecas municipais são unânimes quanto à realização das horas do conto direccionadas para as escolas.

A BM 2 refere ainda que desenvolve projectos de exploração e promove a ida de escritores às escolas a responsável refere ainda que:

“Com as bibliotecas escolares temos projectos de cooperação com elas específicas conforme os níveis de ensino.” (BM 2)

E desenvolve uma actividade que são os “Contos Malteses” quando o técnico da biblioteca municipal se desloca à escola para realizar a *Hora do Conto*. Refere ainda a responsável que as actividades planeadas são sempre articuladas com as escolas:

“O trabalho faz-se através de planificações por ano lectivo, no final de um ano lectivo começa-se a planear o próximo, os professores são auscultados...” (BM 2)

Na altura da Páscoa organiza também *Kit's* de Leitura para as férias, sacos com livros para que sejam distribuídos pelos alunos.

O bibliotecário responsável pela BM 3 menciona que começam a ter actividades que despertam a leitura nos mais novos, havendo também um investimento no desenvolvimento de competências dos educadores, professores, encarregados de educação e bibliotecários.

#### **4.1.3. Pontos fortes e fracos do estado actual de desempenho das bibliotecas escolares em articulação com as bibliotecas públicas/municipais;**

Nas primeiras bibliotecas onde foi implementado, este sistema de cooperação consistiu sobretudo na criação de um serviço SABE (Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares), permitindo um desenvolvimento de aspectos positivos, nomeadamente um bom relacionamento entre equipas técnicas de bibliotecas municipais e as equipas responsáveis pelas bibliotecas escolares. Há um alargamento da importância do papel das bibliotecas escolares no sistema educativo.

Os pontos fracos encontrados são sobretudo a escassez de formação que existe nas equipas responsáveis, a crescente necessidade de apoio por parte das bibliotecas municipais às bibliotecas escolares, uma vez que isso acarreta implicações no funcionamento das bibliotecas municipais.

Segundo Marta Alves: “No projecto em causa podem ser melhoradas as seguintes vertentes: A definição de coordenação local do projecto, a formação das equipas responsáveis e a criação do SABE” (*in* Liberpólis, 1998). Todos estes pontos referidos acabam por

mencionar o triângulo e a articulação que terá de existir entre Ministério, Escola e Município para que tudo isto possa funcionar. Há que salientar também que a própria biblioteca municipal actualmente é vista como sendo também como uma inovação organizacional na macroestrutura municipal. Isto significa que ainda não se encontra nesta altura estruturada solidamente no que diz respeito à sua missão e serviços bibliotecários.

No que concerne à importância, a biblioteca escolar deverá ser vista pela gestão da escola como algo prioritário, assim como por alguns organismos pertencentes à administração central. A biblioteca escolar deverá rentabilizar as suas capacidades didáctico-pedagógicas, investindo em programas de formação inicial e contínua de professores. Os problemas das bibliotecas escolares portuguesas têm a ver sobretudo com dissonâncias e anacronismos do próprio sistema educativo português.

## Capítulo 5

### 5.1. Interpretação e Análise dos Resultados

É importante neste momento conhecer as opiniões dos vários professores, coordenadores de bibliotecas escolares, assim como as dos bibliotecários municipais e outros implicados neste trabalho. Tendo em conta os públicos em questão, e no caso específico dos coordenadores das bibliotecas escolares, é igualmente importante saber qual é o papel que atribuem ao projecto educativo e regulamento interno da escola, se as actividades realizadas nas bibliotecas vão ao encontro dos objectivos curriculares da escola, se os professores utilizam a biblioteca escolar como uma referência e um recurso importante para a realização das suas actividades, se há interacção entre professores alunos e os técnicos da biblioteca municipal, saber até que ponto é feita a interligação entre bibliotecas escolares e públicas, quais os elos de ligação que estabelecem entre si. Em relação às bibliotecas municipais, urge saber qual o tipo de apoio que dão às bibliotecas escolares, como é que é efectuado esse mesmo apoio, se têm constituído um SABE (Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares), caso não tenham este serviço disponível saber o porquê e se o pretendem constituir, assim como saber quais os projectos em que se encontram envolvidas e se nesses projectos estão implicadas as bibliotecas escolares.

É necessário salientar que para a elaboração deste pequeno capítulo, não estão incluídas praticamente as opiniões de autores.

A organização e apresentação deste capítulo foi efectuada em torno das seguintes categorias de análise: (i) fundo documental; (ii) recursos humanos; (iii) dinamização e promoção do livro e da leitura; (iv) visão do trabalho desenvolvido nas bibliotecas escolares; (v) conceito e modelo de cooperação; (vi) desenvolvimento de um SABE.

#### 5.1.1. Fundo Documental

Para a análise do fundo documental recorreu-se às declarações proferidas pelos professores, coordenadores das bibliotecas escolares, sobretudo tendo em conta aspectos técnicos relacionados com o próprio tratamento documental, tais como base de dados e o tipo de pesquisa efectuado por todos os agentes da comunidade educativa (alunos e professores).

Cerca de metade dos coordenadores entrevistados afirmam que não têm ainda o catálogo informatizado, as restantes bibliotecas encontram-se num processo de construção do catálogo.

As bibliotecas escolares que disponibilizam o catálogo, admitem que o catálogo que se encontra online está desactualizado, possuem já um número muito superior de registos catalogados na base.

Este processo não é estanque, o catálogo está em constante actualização, pois pressupõe-se que as aquisições sejam permanentes, a maior das bibliotecas escolares constrói o seu fundo documental através de verbas libertadas pelo Plano Nacional de Leitura referente ao acordo estabelecido entre este e as Câmaras Municipais do Litoral Alentejano que assinaram no ano de 2007 um protocolo com o Plano Nacional de Leitura, onde estão envolvidas nomeadamente outras entidades ligadas a todo este processo, as escolas e agrupamentos, a Direcção Regional de Educação do Alentejo e o próprio Ministério da Educação.

Todos os coordenadores das bibliotecas escolares são unânimes quando referem que esta é um recurso fundamental no processo de ensino/aprendizagem dos alunos e auxilia o trabalho dos professores:

“A Biblioteca Escolar é o centro da aprendizagem dentro de uma escola, .....trabalha em parceria com os professores, apoia no currículo e se houver uma boa interligação entre professores e biblioteca escolar, acho que os alunos, vão conseguir desenvolver muitas competências sobretudo ao nível da literacia.” (BE 4)

A biblioteca escolar deverá também ser sobretudo um espaço multifacetado (atendendo à variedade de suportes onde a informação se encontra armazenada), virado para as novas tecnologias. Para que se torne funcional deve ser um centro de recursos multimédia de livre acesso, destinado à consulta e produção de documentos em diferentes suportes.

“Este espaço tem como função reunir, pesquisar, tratar e difundir os livros e outros documentos de acordo com os objectivos de informação, educação, cultura e lazer de toda a comunidade escolar.” (BE 15)

No que diz respeito às aquisições, a falta de verbas é geral, a maior parte das bibliotecas escolares não possui um orçamento próprio, está dependente da “boa vontade” do executivo da escola e das verbas atribuídas pelo PNL e Câmara Municipal do Concelho:

“ [...] tentamos de um modo geral, ir a todos os grupos. Depois temos o fundo normalmente anual do PNL [Plano Nacional de Leitura], aí só podemos comprar material livro do PNL [...]” (BE 1)

De uma maneira geral as bibliotecas possuem um fundo documental com mais literatura do que propriamente livros informativos e/ou técnicos que digam respeito a outras áreas do conhecimento.

Em relação às pesquisas documentais, a maior parte é efectuada pelos alunos e não pelos professores. Algumas das bibliotecas têm construído guiões de pesquisa, de modo a facilitar o trabalho dos alunos, ajudando-os a direccionar a sua pesquisa para a informação que necessitam:

“ [...] Foi criado um guião de pesquisa e os alunos utilizam, foi apresentado a partir de uma história onde se falava de alguns animais, depois foram pedidos aos meninos que fossem divididos em grupos e que fizessem pesquisas sobre esses animais [...] ” (BE 4)

É necessário salientar que as bibliotecas do 1.º ciclo e 2.º e 3.º Ciclos são as que têm mais guiões de pesquisa, isso já não se verifica nas bibliotecas do ensino secundário onde não deixaria de ser também certamente uma ferramenta imprescindível para os alunos.

A maior parte dos coordenadores entrevistados é unânime em afirmar que a biblioteca escolar é encarada cada vez mais como uma estrutura fundamental na escola, um grande apoio na formação dos alunos e a sua função é sobretudo cooperar a nível curricular, a sua importância deve ser vista sobretudo do ponto de vista de concretização do plano curricular e como um dos suportes fundamentais para desenvolvimento do projecto educativo da escola.

“ [...] tem a ver com a formação e acho que o caminho das bibliotecas é mesmo o apoio ao currículo, o apoio às aprendizagens de aula, tem de ser por aí porque até aqui as bibliotecas têm sido muito um espaço de tempo livre. A Biblioteca é a leitura por lazer, é o espaço onde eles jogam vão à internet mas não se tem feito a ligação da biblioteca ao currículo e aos resultados dos alunos em termos escolares eu acho que é por aí [...] a grande importância da biblioteca escolar é por aí.” (BE2)

Uma das coordenadoras entrevistadas vai ainda mais longe, considera a biblioteca um ponto nevrálgico da escola e do próprio agrupamento:

“ [...] as Bibliotecas [...] são neste momento a nível do agrupamento um centro nevrálgico, porquê? Porque nós Bibliotecas, articulamos com o currículo, fazemos exactamente a articulação do desenvolvimento curricular de forma que nós trabalhamos tendo como referência o projecto educativo, o regulamento interno, os projectos curriculares de turma [PCT's], o projecto curricular de Escola e este ano temos assento no Conselho Pedagógico, portanto, consideramos que somos dentro desta grande instituição, uma instituição proeminente. Os nossos colegas procuram-nos, os docentes, os nossos alunos estão sempre nas nossas Bibliotecas, não só no âmbito da promoção do livro e da leitura que é a actividade mais tradicional nas nossas bibliotecas, mas também na parte digital, nos novos suportes, nos novos recursos que temos agora [...] ” (BE 6)

Este excerto revela sobretudo a importância que as bibliotecas tendem a ter dentro da escola. Elas configuram-se como ponto fulcral do saber dentro da instituição, estando directamente relacionadas com o desenvolvimento das capacidades cognitivas dos alunos.

### **5.1.2. Recursos Humanos**

Esta categoria de análise é bastante “delicada”, os recursos humanos na maior parte dos casos são escassos e com um número de horas insuficiente afectas à biblioteca, verificando-se quebras significativas no trabalho desenvolvido na biblioteca escolar.

“Somos 4, comigo, as outras pessoas só têm 90 minutos por semana, A coordenadora é coordenadora a tempo inteiro e tem 15 tempos lectivos de 45 m na biblioteca, mas tem outras funções, ou seja, as outras pessoas têm 2 tempos lectivos ou seja, 90 m por semana, que tiram da sua componente não lectiva. Pessoal não docente em princípio é preciso estar aqui duas funcionárias, só quando falta alguma aqui em algum lado, mais a jeito de vir buscar funcionárias é à biblioteca.” (BE 2)

“Neste momento sou eu e mais duas colegas [3 elementos], com poucas horas. Eu estou a tempo inteiro, só que este ano ainda deram opção de ficar com uma turma e acontece que eu tinha uma turma do ano passado de 5.º ano e quis concluir com eles o 2.º ciclo, uma vez que sou efectiva na escola achei que devia dar o 6.º ano, portanto, estou com uma turma este ano, logo, as 28 horas que tenho para a biblioteca são 24 horas, porque 4 horas são para a turma.” (BE 5)

“ [...] tenho depois uma colega que faz três, quatro horas que é á quinta-feira e tenho outra colega que faz á segunda e terça-feira, duas horas num dia e uma hora noutra dia, o que é um bocado complicado trabalhar assim, para além das colegas serem coordenadoras e titulares, têm um trabalho imenso, como a gente sabe as coisas têm-se complicado [...] ” (BE 5)

O número de colaboradores adstrito, referido pelos coordenadores entrevistados, varia entre os 3 e os 9 elementos. Deveria de existir um número de recursos humanos afectos apenas à biblioteca escolar, uma vez que estes são deslocados para outro tipo de serviços, sempre que é necessário. O horário da maioria das equipas constituintes das bibliotecas escolares é bastante espartilhado, levando a uma quebra do ritmo de trabalho significativa no desenvolvimento da biblioteca escolar dentro do estabelecimento de ensino.

A maior parte dos responsáveis/coordenadores das Bibliotecas Escolares já têm formação na área através da formação contínua de professores e nalguns casos já concluíram ou encontram-se a efectuar formação superior na área, pós-graduação, mestrado em bibliotecas escolares. É necessário salientar que esta é uma aposta que os professores coordenadores das bibliotecas estão a fazer, havendo uma preocupação crescente no papel que desempenham dentro das Bibliotecas Escolares, função de professor bibliotecário. A aposta torna-se mais incipiente por parte do pessoal auxiliar, para além da pouca ou quase nenhuma formação existente ao nível da própria Rede de Bibliotecas Escolares para pessoal auxiliar, os recursos humanos que dão apoio às bibliotecas escolares também não apostam em

formação profissional e pessoal nesta área. Normalmente os restantes membros da equipa da biblioteca escolar têm conhecimentos na área das Tecnologias da Informação e Comunicação, sendo esta também uma área muito importante e sempre a ter em conta dentro das Bibliotecas Escolares, uma vez que as novas tecnologias se encontram constantemente presentes neste meio.

### 5.1.3 Dinamização e Promoção do Livro e da Leitura

Esta categoria de análise contém os testemunhos assumidos pelos professores/coordenadores e responsáveis das bibliotecas escolares e pelas bibliotecas municipais, relativamente à literacia da informação, à literacia da leitura e às actividades desenvolvidas no seio da comunidade escolar, o modo como estas se efectuaram e decorreram na prática.

As bibliotecas escolares desenvolvem diversas actividades para o público escolar:

“Este ano criámos um atelier que é “*Leitura na minha escola*” dinamizado pela equipa da biblioteca..... tenta cobrir os alunos todos desde o 5.º ano ao 9.º ano.” (BE 1)

Há uma preocupação por parte das equipas das bibliotecas escolares em criar actividades para o público escolar, desenvolvendo e apostando em actividades amplas que possam abarcar diversos níveis de escolaridade. Estas actividades têm como principal objectivo tentar inculcar e desenvolver competências no âmbito da leitura e da escrita e procuram dinamizar a promoção do livro e da leitura, estando muitas delas ligadas ao PNL (Plano nacional de Leitura):

“ [...] o 4.º ano a dinamização do livro *Uma Aventura na Escola* no âmbito do PNL, com todos os capítulos em PowerPoint e com ficha de leitura em que os meninos na sala de aula liam os capítulos, em casa voltavam a reler os capítulos [...] muito interventivos, muita pergunta e no final uma ficha de leitura [...]” acerca desses capítulos [...]” (BE 1)

“Este ano fizemos pela **primeira vez a semana da leitura**, fizemos o **contador de histórias**, fizemos um **peddy book com os livros abordados que tivemos que trabalhar com eles no Plano Nacional de Leitura**, um **concurso de slogan para a leitura**, portanto todas as turmas fizeram um *slogan* depois foi a concurso elegemos os melhores slogans [...]” (BE 5)

As leituras partilhadas também são sessões em que alunos, professores e convidados podem trocar experiências de leitura entre si. Através dos concursos literários, as feiras do livro, a hora do conto, os encontros com escritores e ilustradores, sessões de poesia, a comemoração de dias mundiais e efemérides os alunos poderão ter contacto directo com a diversidade editorial existente.

“ [...] se houver uma boa interligação entre professores e biblioteca escolar, acho que os alunos, vão conseguir desenvolver muitas competências sobretudo ao nível da literacia.”  
(BE 4)

As actividades desenvolvidas pelas bibliotecas escolares são bastante diversificadas, criam-se parcerias entre as bibliotecas escolares e os professores das diversas áreas curriculares, nalguns casos foram solicitados apoios/patrocínios a entidades exteriores:

“ [...] o **Amar a Biblioteca** foi um subprojecto, uma actividade que nós desenvolvemos na área do voluntariado e do mecenato, que voluntariado é este? São as pessoas nossas amigas, são os professores que estão aposentados, são os encarregados de educação, são os avós, são os Presidentes da Junta, são a Caixa Agrícola, são os empresários, portanto, toda a gente procurou, a mais ou a menos, a NOBRE, muito importante dizer a NOBRE, que nos tem dado tantas coisinhas para os nossos alunos [...]” (BE 6)

Alguns coordenadores acham importante apostar na dinamização de actividades diferentes, utilizando o marketing e aproveitando-o para promover a biblioteca escolar, trabalhando em parceria com o exterior, nomeadamente, centros de dia, empresas, criando elos de ligação fortes dentro da própria escola, através da angariação de patrocínios e do voluntariado.

Dois dos coordenadores entrevistados referem o empenho demonstrado pelos professores de língua portuguesa na elaboração de actividades em conjunto com a biblioteca escolar como propósito de incentivar e promover a leitura autónoma:

“ [...] temos um projecto que funciona já foi o 3.º ano que funcionou de **promoção da leitura em colaboração com os professores de língua portuguesa**, mas na área de estudo acompanhado para incentivar à leitura autónoma, portanto que elas próprias ajudam a fazer, vêm com os alunos aconselham livros depois com eles na aula falam sobre os livros [...]” (BE 8)

Outra das referências feitas pelos coordenadores é o facto dos professores disponibilizarem o seu empenho na preparação de outras actividades orientadas e apoiadas pelo departamento de línguas:

“Actividades [...] pronto, **as actividades de leitura daqui da Biblioteca têm sido muito orientadas e apoiadas pelo departamento de Língua Portuguesa** do qual eu faço parte, aliás, agora já não se chama Língua Portuguesa ah [...] pronto, **Sessões de Leitura, temos realizado sessões de leitura com pessoas, com convidados fora da escola**, temos contado com o apoio do dinamizador [...] da Biblioteca Municipal [...]”  
(BE 10)

Para além das diversas actividades desenvolvidas pelas Bibliotecas Escolares, que já foram referidas, existem outras como exposições, encontros com escritores, oficinas de escrita criativa, feiras do livro, horas do conto, semana da leitura – Ler + Escolas (actividade

promovida no âmbito do plano nacional de leitura), destaques de livros, autor do mês. As Bibliotecas Escolares assumem para além de um papel primordial na literacia da leitura, outras vertentes fundamentais ligadas ao apoio na orientação de pesquisas para trabalhos, ajudando os utilizadores a seleccionarem as suas escolhas, outra das suas funções é a nível da construção de trabalhos, podendo desempenhar um papel fundamental na organização de trabalhos através da ajuda de guiões de pesquisa com o propósito de ajudar para o efeito. O tratamento da informação requer a delineação de várias etapas de pesquisa documental:

“ [...] **a nível da elaboração de trabalho, das várias fases da pesquisa**, porque não sabem, portanto há um conjunto de fases em que têm mesmo que ser orientados, porque não conseguem, têm o grande hábito de copiar tudo, não sabem seleccionar, passar para outras palavras, construir um texto seu, não sabem tratar a informação. E já começaram a perceber que nem tudo o que aparece na internet é fiável [...] **Temos dois aspectos a focar, por um lado encontram informações nos livros que está desajustada, por outro lado, temos a informação da internet que não é fiável**, não é verdadeira, não é totalmente verdadeira, portanto **temos que chegar ali a um equilíbrio.**” (BE 1)

Alguns dos coordenadores referem ainda que na maioria dos casos os alunos aparecem na biblioteca escolar com trabalhos para elaborarem, mas com poucas orientações por parte dos professores que os mandam preparar os trabalhos, isto é, sem um guião de pesquisa através do qual possam seguir um raciocínio sequencial e lógico sobre o trabalho que pretendem fazer.

“Os miúdos vêm muito à biblioteca para fazer trabalhos, trabalhos que são extra, trabalhos que não são feitos na aula e vêm perdidos. Os professores mandam fazer um trabalho, não trazem, nenhum guião de pesquisa, falta muito trabalho aí e eu sozinha sinto-me um bocadinho perdida a fazer esse trabalho [...]” (BE 2)

Há casos em que os próprios coordenadores já verificaram que é necessário e bastante útil a utilização de guiões de pesquisa daí que tenham procedido à sua elaboração:

“**Temos que ser nós a ajudá-los** porque de facto **eles** depois **têm dificuldades. Mas quando vêm com um guião**, não são muitos os casos, mas quando vêm com um guião, **mais ou menos sabem onde dirigir-se, mas de facto vêm muito da sala de aula “olhe a minha professora pediu-me para me dar o livro sobre este tema ou sobre aquele”.** (BE 5)

Existem guiões de pesquisa elaborados através dos quais os coordenadores das bibliotecas escolares construíram os seus próprios modelos:

“ [...] **temos guiões de pesquisa**, temos também através do “Big Six”, temos portanto impressos nas nossas bancadas e **procuramos que eles sigam exactamente aquelas linhas orientadoras**, obviamente que eu não posso estar lá sempre ao pé deles é impossível, os recursos humanos não me possibilitam isso, tentamos sempre dar uma olhadela até porque depois vamos ser nós a imprimir o documento de forma que **antes de imprimirmos o documento fazemos a tal vigilância e vemos mesmo a nível da Bibliografia [...]**” (BE 6)

Há por parte do responsável da Biblioteca Escolar a preocupação em verificar o trabalho que está a ser realizado pelos alunos, o que faz com que estes possam contar com a opinião de um professor que serve como orientador desse mesmo trabalho, de maneira a que o aluno não se sinta “perdido” na elaboração do trabalho que se encontra a desenvolver, isto leva a uma maior segurança por parte do aluno uma vez que está com alguém que o pode ajudar no desenvolvimento do seu trabalho.

Os guiões de pesquisa são muito importantes, ajudam os alunos a procurar a informação pretendida, podendo sempre contar com o auxílio de quem se encontra na Biblioteca Escolar. Através dos guiões de pesquisa, os alunos têm linhas orientadoras com o intuito de os ajudar na pesquisa da informação, mas também há a preocupação por parte de algumas bibliotecas escolares em construir guiões de pesquisa sobre a organização física do trabalho, quais as partes pelo qual este deve ser constituído:

“Temos também **guiões de pesquisa para elaboração de trabalhos**, vou reconhecer que é mais uma luta a realizarmos com os docentes integrar isso na sua prática lectiva porque às vezes nós **temos em suporte papel um dossier só de guiões de leitura e guiões de pesquisa**, desde o consultar [...] **o próprio guião de realização de trabalho, saber organizar um trabalho pelas partes de pesquisa como é que se faz a pesquisa , como é que organizou o trabalho [...]**” (BE 7)

Uma das coordenadoras das Bibliotecas Escolares desenvolveu esta questão de uma maneira mais elaborada, fazendo um plano de acção para Literacia da Informação, aproveitando este plano para a formação de professores nesta área, assim como aproveitando temáticas relacionadas como a área projecto e o estudo acompanhado aos alunos, de modo a uniformizar procedimentos em conjunto com o grupo de professores existente na escola:

“ [...] **Plano de Acção para a Literacia da Informação** aqui na escola, este plano de acção englobava desde **formação de professores, aulas de “literacia” aproveitando a área projecto ou o estudo acompanhado aos alunos e uniformizarmos procedimentos**, ou seja, por exemplo não só nós temos na Biblioteca como temos guiões, mas depois não são usados porque nem os professores os encaminham para cá porque se calhar também não concordam muito com eles porque fomos nós que fizemos, Biblioteca, e nem os conhecem bem e depois é preciso fazer um trabalho [...] ” (BE 8)

Para além destes dois tipos de guiões mencionados (pesquisa e orientação física do trabalho), um dos professores responsáveis por uma das bibliotecas escolares refere ainda outro tipo de guião para trabalhar os aspectos relacionados com a cidadania e guiões para exploração de filmes:

“**Eu tenho um projecto** para este ano que é exactamente começar a ser a Mediateca, a despoletar isso, alguém tem que fazer isso, **que é preparar algumas coisas à priori, para actividades gerais, área de projecto, coisas gerais-cidadania, esses temas assim, guiões para exploração de filmes etc.** (BE 13)

Há uma necessidade de normalizar o processo de recolha de informação, de modo a que os alunos não se sintam dispersos no meio de tanta informação. Esta informação pode ser adquirida de diversos modos, tanto através do material livro (livros, publicações periódicas) como material não livro (CD's, DVD's e Internet).

#### 5.1.4. Visão do Trabalho Desenvolvido nas Bibliotecas Escolares

Esta categoria reúne as declarações referentes a quatro Bibliotecas Municipais do Litoral Alentejano, mais especificamente de dois Bibliotecários, uma Chefe de Divisão, três técnicos superiores de animação cultural e de um técnico profissional de BAD (Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas).

A visão do trabalho desenvolvido nas Bibliotecas Escolares incide sobre os seguintes aspectos: condições físicas (espaço), actividades de promoção do livro e da leitura, organização do fundo documental e a sua constituição.

Em relação à organização do fundo documental, esta é feita à imagem e semelhança das Bibliotecas Municipais. As bibliotecas municipais auxiliam na maior parte das vezes as bibliotecas escolares a nível de tratamento documental:

“ [...] estão bem organizadas, a nível documental, é feito à nossa semelhança, nós **damos o apoio, eles utilizam a CDU** [tabela de classificação Decimal Universal].”  
(BM 1)

Muitas vezes quando a Biblioteca Municipal tem uma localização próxima da escola acaba por ser mais aliciante, pois a diversidade do fundo documental das bibliotecas municipais é superior ao fundo documental de qualquer biblioteca escolar:

“ [...] **eu tenho ideia que os miúdos vêm mais aqui à Biblioteca Municipal, há pouca informação**, por um lado temos um fundo grande e não tem nada a ver com a Biblioteca Escolar, mas mesmo a nível de internet, eles lá têm, mas acho que procuram mais aqui do que nas Bibliotecas Escolares.” (BM 1)

De uma maneira em geral, os Bibliotecários são unânimes em considerar que as Bibliotecas Escolares são recursos documentais muito importantes dentro das escolas:

“**Eu acho que a Biblioteca Escolar tem um papel muito importante no apoio documental [...] é um centro de recursos dentro de cada escola.**” (BM 1)

No que diz respeito ao espaço físico da Biblioteca e sua organização, a maior parte das bibliotecas escolares do 1.º Ciclo estão instaladas em antigas salas de aulas ou refeitórios que se encontram inactivos e de momento estão disponíveis para efeito, são raras as que estão em edifícios construídos de raiz.

**“ [...] do ponto de vista da dinamização e da vontade temos boa opinião. O espaço existente é o ideal, normalmente, as Bibliotecas Escolares estão situadas em antigas salas de aula ou em antigos refeitórios, mas o espaço foi tão bem aproveitado e está tão bem organizado que funciona mesmo muito bem. É um espaço muito acolhedor.” (BM 2)**

O serviço de apoio às Bibliotecas Escolares, formalmente não se encontra implementado em nenhuma das bibliotecas Municipais do Litoral Alentejano, apenas existe de maneira informal. As Bibliotecas Municipais do Litoral Alentejano apenas formalizaram protocolo com a comissão do Plano Nacional de Leitura e com o Ministério da Educação, tendo em conta a cooperação com o referido PNL.

**“O Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares ainda não está formalmente instituído, portanto a Biblioteca Municipal o que está a fazer é respeitar o protocolo que tem com o PNL (Plano Nacional de Leitura), para além disso, digamos, poderíamos quase dizer isto, informalmente já está a trabalhar, o SABE [...]” (BM 3)**

Ao respeitar o protocolo com o PNL, uma pequena parte do SABE passa a ser assegurada, a ligação entre Biblioteca Municipal e Escolar está estabelecida. Há preocupação por parte dos responsáveis das Bibliotecas Municipais em estabelecer uma relação próxima entre as bibliotecas escolares do seu concelho.

Um dos bibliotecários entrevistados refere que as coordenadoras existentes nas bibliotecas escolares do seu concelho estão bastante motivadas e têm noção do que é uma biblioteca escolar, estão a par das novidades existentes e têm alguma formação na área, estão a par das novidades e preocupam-se com a constituição do fundo documental da Biblioteca Escolar.

**“ [...] acho que se deve muito ao dinamismo, mais do que da Biblioteca Municipal neste caso até mesmo da própria Rede de Bibliotecas Escolares, porque a pessoa chega aqui fala com as Bibliotecárias pela primeira vez e apercebe-se que elas têm ido a formações, que tentam estar a par das novidades estar a par da colecção, tudo isso [...]” (BM 3)**

O bibliotecário da Biblioteca Municipal 3 refere o empenho e dinamismo das coordenadoras responsáveis pelas Bibliotecas Escolares do seu concelho. Há vontade em desenvolver actividades e o trabalho realizado é visível. A coordenação das bibliotecas escolares com a Rede de Bibliotecas Escolares é evidente.

A maior parte das crianças interessa-se em estar na Biblioteca, procurando estar em contacto com as Tecnologias da Informação e Comunicação, e realizar os trabalhos que têm que desenvolver no âmbito escolar.

**“Eu penso que têm uma importância muito grande porque eu tenho conhecimento nas visitas que de vez em quando faço aos agrupamentos, às escolas, há vontade das crianças em estarem no espaço Biblioteca não só por os computadores mas também por causa dos trabalhos [...]”** (BM 4)

Os responsáveis pela Biblioteca Municipal 4 sentem que os alunos necessitam de efectuar trabalhos com qualidade, pois não só se interessam em retirar informação da internet, como revelam preocupação em confrontar essa mesma informação com material livro (revistas, livros).

O Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares formalmente não se encontra instituído em nenhuma das Bibliotecas Municipais de Litoral Alentejano. O protocolo existente apenas foi efectuado entre o Plano Nacional de Leitura e as Câmaras Municipais do Litoral Alentejano, estando bem explícita a parceria estabelecida com o Ministério da Educação.

#### **5.1.5. Conceito e “modelo” de Cooperação**

Esta categoria compreende as posições dos responsáveis pelas Bibliotecas Escolares e Bibliotecas Municipais sobre o conceito de cooperação.

Tendo em consideração a opinião dos coordenadores de Bibliotecas Escolares, a sua maioria assume a não existência de cooperação entre as Bibliotecas Escolares e as Bibliotecas Municipais do Litoral Alentejano, existindo apenas pequenas cooperações pontuais.

**“A Cooperação não existe [...] Quando havia bibliotecária, nós fizemos uma formação depois ela veio aqui dizer-me o que é que achava que eu devia mudar, pronto, mas isso foi no âmbito da formação, podia ser o início de uma Cooperação, mas entretanto isso Perdeu-se. Cooperação não há.”** (BE 2)

Um dos aspectos que o responsável da Biblioteca Escolar 2 referiu é que não há seguimento do Bibliotecário, não se podendo desenvolver assim um trabalho de continuidade. O que se passa é que sempre que surgem dúvidas, por exemplo, a nível do tratamento documental, o coordenador sente-se à vontade para perguntar, no entanto, não existe um apoio que seja sequencial e contínuo:

**“Não, o que acontece é que eu às vezes tenho dúvidas e vou à Biblioteca e chego lá e pergunto e as pessoas são simpáticas, pronto, agora a haver apoio, não, não há.”** (BE 2)

No caso da BE 3, o seu responsável refere que a Biblioteca Municipal se disponibilizou para realizar o tratamento técnico documental de modo a libertar a biblioteca escolar desta tarefa, uma vez que iria ficar com pouco tempo disponível para a preparação de actividades de promoção e divulgação do livro e da leitura:

“ [...] **a Biblioteca Municipal disponibilizou-se para fazer o tratamento documental**, uma vez que eu ia ficar com pouco tempo para dar apoio aos miúdos e estes por sua vez ficariam prejudicados.” (BE 3)

“Essa **cooperação é fundamental**, porque **vamo-nos complementando**, eu vou falar neste caso concreto porque eu **dinamizei actividades com todas as escolas da periferia e com as escolas aqui do centro da vila com o animador da Biblioteca Municipal** [...]” (BE 3)

Neste caso específico há cooperação e articulação entre as actividades desenvolvidas pela Biblioteca Escolar e Biblioteca Municipal, que têm projectos em comum sempre com o objectivo principal de dinamizar e promover o livro e a leitura. Estes projectos são elaborados em conjunto de modo a desenvolver uma série de competências nos alunos, onde todas as escolas do concelho participaram de um modo activo:

“ [...] **e de facto foi notório a motivação, a sensibilidade por parte de todos e a partir daí ainda começaram a requisitar mais os serviços da Biblioteca e a requisitar mais livros e a ter um olhar diferente sobre as coisas** e a própria colaboração foi muito saudável e era bem vista por todos também.” (BE 3)

Deste modo se conseguem cativar públicos e adquirir utilizadores quer para a biblioteca escolar como para a biblioteca municipal, os próprios alunos começam a prestar mais atenção ao trabalho desenvolvido nas bibliotecas, o número de requisições acaba por aumentar e começam a sentir aquele espaço como sendo seu, a biblioteca começa a ser vista como um espaço imprescindível na aquisição de conhecimentos sobre as diversas áreas do saber.

O responsável pela Biblioteca Escolar 4 refere que no ano transacto não recebeu qualquer apoio devido ao período de ausência de bibliotecário:

“No ano transacto não, **há três anos atrás tivemos um excelente apoio, este ano já estamos a ser apoiados** novamente, mais a nível de **desenvolvimento de actividades** [...]” (BE 4)

Mas sempre houve apoio por parte da biblioteca municipal:

“Eu penso que para nós biblioteca do 1.º ciclo a **Biblioteca Municipal** tem funcionado como um SABE. **Tem prestado imenso apoio**. Mas no meu ver, acho que deveria haver um **protocolo assinado entre o agrupamento e a autarquia**, porque há sempre aquelas situações [...] “não é da nossa competência” e se estiver escrito é diferente.” (BE 4)

No entanto, o responsável da biblioteca escolar sublinha a necessidade de oficializar este apoio através da assinatura de um protocolo a estabelecer entre a biblioteca escolar e a biblioteca municipal, apesar de existir boa vontade em cooperar e realizar actividades em conjunto, não deixa de ser importante a formalização de um protocolo entre a escola e a autarquia para que haja uma base de fundamentação, para que os objectivos e tarefas, como a construção de um catálogo colectivo, uma política de colecção e um manual de procedimentos comum sejam cumpridos na prática. Estes foram os principais pontos focados pelo coordenador da biblioteca escolar 4, de modo a que haja uma maior articulação entre estas instituições.

O coordenador da biblioteca escolar 5 refere ainda a necessidade de elaborar um pré-plano de actividades onde estejam incluídas e articuladas as actividades a promover pela biblioteca escolar e biblioteca municipal, para que não se verifiquem sobreposições de actividades e haja uma coerência lógica na proposta das mesmas.

Tendo em conta a opinião do coordenador da biblioteca escolar 6, esta deverá chegar mais perto da população, está a cerca de 30 kms da sede do concelho e deve procurar desenvolver estratégias de modo a cativar e formar públicos criando assim “uma melhor **política colaborativa...**” (BE 6)

Seria proveitoso criar um catálogo colectivo. A biblioteca municipal, por vezes, traz à biblioteca escolar escritores, de modo a sensibilizar as crianças para o livro e para a leitura, promovendo actividades em torno do escritor que vão ter presente. No entanto, o coordenador da biblioteca escolar 6 considera que deveria existir uma maior abertura e proximidade entre a biblioteca escolar e a municipal. Ele refere mesmo que a própria autarquia deveria ter uma maior abertura em relação às bibliotecas escolares.

O responsável da biblioteca escolar 7 refere que nunca teve apoio na construção do catálogo da biblioteca, no entanto, salienta que tem a preocupação de reunir com a biblioteca municipal, de modo a delinear novas actividades a desenvolver. Essas actividades tanto podem ser desenvolvidas na biblioteca escolar como na biblioteca municipal. Neste aspecto considera a cooperação existente como bastante positiva:

**“Muito positiva nos últimos dois anos, começou com a outra técnica foi de facto a pessoa com quem conseguimos sentar para planear actividades ao longo do ano lectivo, vinha já com a proposta “ Um Leitor um Amigo”, trouxe cá o Fanha depois ela saiu desse sector ficou outra técnica durante uns meses e agora com a nova técnica **de facto tem sido um trabalho, em crescendo e tem dado muitos bons resultados [...]**”** (BE 7)

O coordenador da biblioteca escolar 8 refere que apenas tem havido **“Cooperação pontual.”** Esta deveria ser mais sistematizada e planeada assim faria mais sentido, contudo nota que há vontade por parte da biblioteca municipal em tentar inverter esta situação.

No caso da biblioteca escolar 9, o seu coordenador foca que as bases de cooperação estão lançadas, apesar de não haver um bibliotecário na biblioteca municipal, quando é solicitada informação técnica os técnicos da biblioteca municipal tentam dar resposta, dão apoio dentro do que lhes é possível, trata-se de uma cooperação mais vasta:

**“ [...] está inserido numa cooperação mais vasta com a Câmara, quer dizer tem sido razoável, ou seja, quando pedimos transporte eles dão, as pessoas da Biblioteca responde muito bem sempre, sempre que são solicitados são óptimos e portanto, as bases estão lançadas se houvesse uma planificação por parte da Biblioteca Municipal que é o nosso parceiro privilegiado, uma clarificação sobre a sua chefia, se calhar as coisa melhoravam muito, mas não há, nós não sabemos, dirigimo-nos a quem exactamente!”** (BE 9)

Um dos problemas referidos pelo responsável da biblioteca escolar é que muitas vezes não sabe a quem se há-de dirigir para solicitar auxílio, sendo a biblioteca municipal um parceiro privilegiado e com o qual deverá existir uma articulação e colaboração permanente.

O coordenador da biblioteca escolar 10 refere que sempre teve apoio por parte da biblioteca municipal, sempre houve diálogo, apoio técnico a nível de recursos humanos, o catálogo está automatizado devido a essa ajuda:

**“Tem sido uma cooperação [...] essa colaboração sempre se tem verificado, a Biblioteca a nível do fundo documental está organizada de acordo com as regras estabelecidas na Biblioteca Municipal isso já feito pela antiga coordenadora que estava aqui, claro que depois o fundo documental foi aumentando, passou-se de um programa informático [...] passou-se para o PORBASE [...] os técnicos e as pessoas da biblioteca Municipal foram sempre acompanhando esta evolução.”** (BE 10)

O coordenador da biblioteca escolar diz que nunca se sente sozinho, há partilha de recursos entre a biblioteca municipal e a biblioteca escolar, estão sempre disponíveis a ajudar e a partilhar material livro e não livro.

Contudo, as opiniões dos coordenadores das bibliotecas escolares 12 e 13 são diferentes, salientam a pouca cooperação existente **“Há pouca cooperação.”** (BE 12) ou praticamente inexistente:

**“A cooperação foi reduzida a estas actividades de animação deste ano só, foi uma actividade [...]”** (BE 13)

O responsável pela biblioteca escolar 14 refere a cooperação como algo de fundamental e importante, no entanto, a ausência de bibliotecário é um factor que leva à falta de continuidade de trabalho entre a biblioteca escolar e a biblioteca municipal.

**“Eu acho que é positiva, todos temos a ganhar. O principal problema que tenho visto até agora tem sido exactamente a falta de continuidade de bibliotecário nesta biblioteca municipal.”** (BE 14)

“ [...] com a **coordenadora da Rede de Bibliotecas Escolares** aqui da zona, portanto, **combinámos logo aqui no nosso horário, ficamos com a terça-feira disponível para podermos reunir mensalmente e reunimos enquanto houve bibliotecário e não houve não reunimos e nessas reuniões haverá a possibilidade de planificarmos alguma coisa em conjunto.** Realmente isto é uma situação com certeza um bocado pontual, mas aqui essa cooperação tem sido inviabilizada por aquela situação [falta constante da presença de um bibliotecário].” (BE 14)

Relativamente à cooperação entre as bibliotecas escolares também é praticamente inexistente, apesar de ser unânime por parte dos coordenadores das bibliotecas escolares a necessidade de existir cooperação entre os vários estabelecimentos de ensino de modo a rentabilizar recursos, promover a troca de ideias, assim como efectuar empréstimos interbibliotecas, quer de material livro quer de material não livro.

Segundo os responsáveis das bibliotecas escolares, a colaboração entre bibliotecas será sempre vantajosa, tendo em conta a opinião do coordenador da biblioteca escolar 5:

**“É sempre vantajoso, não consigo encontrar desvantagens [...] A nível da promoção da leitura é extremamente vantajoso podermos contar com as outras bibliotecas,** ao nível da promoção das literacias, **porque de facto temos já ao nosso dispor um fundo documental que se calhar poderá ir ao encontro de todas as situações necessárias para o sucesso escolar dos nossos alunos.** Ao nível do catálogo concelhio que estamos agora também a trabalhar nesse sentido [...]” (BE 5)

Esta colaboração poderá ser estabelecida com a comunidade e com os agentes educativos, há que promover actividades que envolvam os encarregados de educação da escola de modo a desenvolver “políticas colaborativas” activas.

O coordenador da biblioteca escolar 7 refere ainda que:

**“Mais vantagens, sem dúvida se trabalharmos todos para um projecto comum e se pusermos de facto todos, o saber de todos e os catálogos de todos articularmos bem as possibilidades** quer em termos de escrita, formação da escrita, formação na leitura, bem articulada por todos, será sempre muito mais rentabilizada [...]” (BE 7)

Podemos referir que todos os coordenadores das bibliotecas escolares consideram que a existência de cooperação é fundamental para o desenvolvimento das instituições, é imprescindível a partilha de conhecimentos, experiências, recursos quer sejam humanos ou materiais, assim como a elaboração de ferramentas de trabalho em conjunto (manuais de procedimentos, catálogos colectivos) e outros instrumentos de trabalho que se verifiquem

importantes, tais como construção de um plano de actividades em conjunto, de modo a que estes se desenvolvam de uma maneira articulada e dentro de objectivos comuns das bibliotecas escolares e municipais.

### **5.1.6 Propostas de Intervenção para o Desenvolvimento de um SABE**

Esta categoria engloba as opiniões dos professores coordenadores de Bibliotecas Escolares, nomeadamente no que concerne ao funcionamento de um serviço deste tipo, ao que deve ser feito nos casos de inexistência deste serviço, à importância do desenvolvimento do Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares.

Tendo em conta a opinião do responsável da biblioteca escolar 4:

“Eu penso que para nós biblioteca do 1.º ciclo a **Biblioteca Municipal** tem funcionado como um SABE. **Tem prestado imenso apoio**. Mas no meu ver, acho que deveria haver um **protocolo assinado entre o agrupamento e a autarquia**, porque há sempre aquelas situações [...] “não é da nossa competência” e se estiver escrito é diferente.”  
(BE 4)

As vantagens deste serviço são inúmeras, desde a cooperação através da constituição do catálogo colectivo interconcelhio, apoio ao nível do tratamento documental, cooperação a nível de actividades de dinamização do livro e da leitura, desenvolvimento de projectos em comum como o do Plano Nacional de Leitura, porventura até auxílio através de recursos humanos.

Este coordenador refere que há muito boa vontade, no entanto, este apoio prestado deveria estar formalizado através de um protocolo entre a autarquia (Biblioteca Municipal) e agrupamento de escolas (Biblioteca Escolar).

A assinatura de um protocolo faz com que a responsabilidade de cumprimento das tarefas acordadas seja acrescida e, por outro lado, o próprio bibliotecário passe a ter um documento base de fundamentação sustentada perante a autarquia.

“ [...] Assinatura do protocolo da rede concelhia de Bibliotecas, criar institucionalmente um Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares, se tiver escrito toda a gente sabe o que tem fazer e os passos que tem que seguir.” (BE 4)

Através de um Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares, a colaboração estabelecida entre Biblioteca Municipal e Biblioteca Escolar torna-se muito mais coesa, nomeadamente, no que diz respeito ao planeamento de actividades:

“ [...] **pretendíamos já agora na altura que vamos apresentar a nossa proposta de plano de actividades, tentar reunir já com eles e fazer um pré plano, porque eles depois também planificam por ano civil, nós planificamos por ano lectivo e estas coisas têm de ser bem acordadas [...]** ” (BE 5)

Deve ser realizado um plano de actividades em conjunto, de modo a haver uma maior articulação e colaboração entre ambas as partes, estabelecendo uma “política colaborativa”.

Segundo a opinião do responsável da Biblioteca Escolar 8, a criação de um SABLE<sup>26</sup> seria óptimo, de modo a haver uma maior ligação entre as bibliotecas escolares e municipal. Tal como refere seria proveitoso que:

“ [...] pensássemos todos em conjunto o que é que poderíamos fazer com isso eu acho que [...] **já reunimos mais [entre nós, Bibliotecas Escolares] costumávamos reunir, mas vezes do que o fazemos agora, pronto, começámos com uma tentativa e por culpa minha também [...]. Começámos com uma tentativa de plataforma online, pronto, nunca funcionou muito bem e eu digo com culpa minha porque também não me dedico muito tempo a ela, mas mesmo independentemente dessa plataforma conseguimos reunir 3, 4 vezes por ano, e este ano por exemplo não reunimos nenhuma [...]** ” (BE 8)

Por vezes, a falta de tempo é um factor condicionante para que haja uma ligação mais próxima, sobretudo entre as bibliotecas escolares. Este ano apenas se estabeleceu um elo de ligação com a Biblioteca Municipal, a nível concelhio foi efectuada uma reunião a fim de averiguar qual o balanço das actividades efectuadas com as escolas:

“ [...] **constrangedor porque na altura era para fazer o balanço das actividades que eram feitas com as escolas e eu tive que dizer que não podia fazer balanço nenhum porque não tinha havido trabalho nenhum até ao momento com a nossa escola e foi constrangedor** isso à frente da vereadora.” (BE 8)

Revela falta de articulação entre a biblioteca escolar e a própria biblioteca municipal, que acaba por não conseguir corresponder de igual modo a todas as bibliotecas do seu concelho.

Quando confrontei o responsável da biblioteca 9 com o desenvolvimento de um serviço deste tipo ficou admirado porque desconhecia a possibilidade de existência deste serviço, claro que se trata de um coordenador que apenas tem alguma formação pontual na área e a que possui está relacionada com o desenvolvimento do tratamento técnico documental no software PORBASE.

“ [...] **Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares** [...] Nunca ouvi falar desse serviço. **Um serviço desses eu acho que seria muito útil e aí poder-se-ia aprofundar este trabalho.** (BE 8)

Certamente que a concretização deste serviço seria uma ajuda para estabelecer parcerias com as outras bibliotecas escolares existentes no concelho, quer em termos de iniciativas, quer até de apoios (financeiros, de recursos humanos, troca de ideias e esclarecimento de dúvidas).

---

<sup>26</sup> Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares

Os restantes responsáveis das bibliotecas escolares não se manifestaram em relação ao desenvolvimento de um SABE, alegando que devido à inexistência deste não teriam qualquer motivo para se manifestar em relação ao desenvolvimento de um serviço deste género.

Nenhum dos responsáveis das bibliotecas municipais em estudo tem este tipo de Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares formalizado, o que acontece é que, na maioria dos casos, acaba por prestá-lo de uma maneira informal.

Tendo em conta o responsável da biblioteca municipal 1, existe apoio técnico por parte da biblioteca municipal às bibliotecas escolares do concelho, sobretudo ao nível do tratamento documental:

**“Damos o apoio todo aos professores, desde que eles nos peçam. As bases de dados, por exemplo, na secundária fomos nós que avançámos com quase 200 livros e dávamos imenso apoio, nós é que classificámos os livros todos, foi a primeira que pediu, depois a partir daí eles têm tido pernas para andar e quando têm dúvidas vem cá a professora e coloca ou vem alguém [...] (BM 1)**

São poucos os meios atribuídos à biblioteca escolar para que o seu responsável possa desenvolver o trabalho de uma maneira mais eficaz e os resultados sejam imediatos, tal como refere o técnico responsável pela biblioteca municipal, não existe SABE e nem menciona que a sua criação seja necessária na biblioteca municipal como elo de ligação ou uma ajuda fundamental para o desempenho das bibliotecas escolares.

**“ [...] eu tenho ideia que os miúdos vêm mais aqui à Biblioteca Municipal, há pouca informação, por um lado temos um fundo grande e não tem nada a ver com a Biblioteca Escolar, mas mesmo a nível de internet, eles lá têm, mas acho que procuram mais aqui do que nas Bibliotecas Escolares.” (BM 1)**

Há um certo distanciamento por parte do técnico da biblioteca municipal, ele deixa bem explícito que a biblioteca municipal possui mais meios do que a biblioteca escolar e que os próprios alunos dão preferência à biblioteca municipal e sobretudo esta tenta concentrar o maior de actividades desenvolvidas para a comunidade escolar no seu espaço físico.

**“Há situações em que temos mesmo levado os contadores lá, noventa e tal por cento dos casos é sempre na biblioteca [Municipal] [...]” (BM 1)**

No caso específico do responsável da biblioteca municipal 2, este afirma que não é necessário um SABE, tendo em conta a orgânica da autarquia, só se as bibliotecas estiverem referidas no organograma da câmara como uma divisão. Neste momento existe apenas a denominação de “Serviço de Bibliotecas”, assim sendo, não faz sentido a criação de outro serviço:

“ [...] não faz sentido estar a criar um outro serviço mais pequenino para as Bibliotecas.”  
(BM 2)

O responsável refere que:

“O nosso objectivo é que o nosso trabalho se enquadre e encaixe nos planos deles e que resulte nalguma coisa que seja positiva. Números e metas a nós satisfaz-nos o que a eles os satisfaça. Confiamos nas metas deles e os objectivos têm de ser muito traçados por eles.” (BM 2)

A sua função é sobretudo disponibilizar ajuda à comunidade escolar de modo a que os agentes educativos possam cumprir as metas e objectivos que lhes estão estipulados. Há uma submissão de metas por parte da biblioteca municipal. Por outro lado, o responsável pela biblioteca municipal não encara o SABE como um serviço onde haja a possibilidade de organizar e sistematizar internamente a biblioteca escolar. No fundo há disponibilidade para trabalhar em conjunto, mas não é possível progredir sem existir sistematização de regras e definição de objectivos comuns entre biblioteca escolar e municipal, onde se possa proporcionar uma maior partilha de saberes e formar grupos mistos de trabalho coesos. A isto sucede-se apenas uma cooperação pontual e pouco linear.

O coordenador da biblioteca municipal 3 tem uma visão diferente dos responsáveis anteriores. Tendo uma visão mais ampla sobre o Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares, o coordenador encara o serviço como sendo fundamental para o desenvolvimento quer das bibliotecas escolares quer da própria biblioteca municipal, salientando que este ainda não se encontra formalmente criado, mas que se está a trabalhar nesse sentido:

**“O serviço de Apoio às Bibliotecas ainda não está formalmente instituído, portanto a Biblioteca Municipal o que está a fazer é respeitar o protocolo que tem com o PNL (Plano Nacional de Leitura), para além disso, digamos, poderíamos quase dizer isto, informalmente já está a trabalhar, o SABE [...]”** (BM 3)

As vantagens da existência de um SABE segundo o coordenador da biblioteca municipal são todas. Neste momento, apesar do serviço não se encontrar formalmente instituído, através do PNL, uma parte do SABE está a ser desenvolvido:

**“ [...] com o protocolo do PNL ao fim e ao cabo já tem lá muitas das premissas que vão estar subjacentes à criação do SABE, portanto, estando, no PNL é praticamente, já explícita as necessidades que o SABE, as obrigações, os direitos e deveres que o SABE vai ter para com as Bibliotecas Escolares.”** (BM 3)

O responsável pela Biblioteca Municipal 3 apenas refere uma desvantagem que acaba por ser apenas do ponto de vista operacional:

**“ [...] ou seja se eu não tivesse que apoiar, ou não tivesse que criar o Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares, obviamente que teria mais recursos e mais tempo disponível para outras actividades na Municipal [...] ” (BM 3)**

Contudo, este serviço é fundamental para que seja estabelecida uma cooperação o mais ágil e fluida possível entre estas instituições. As bibliotecas escolares do concelho têm estabelecido uma dinâmica muito activa com a Rede de Bibliotecas Escolares. Isto faz com que haja já um trabalho de base criado e que está a facilitar o acompanhamento e a ligação entre a biblioteca municipal e as bibliotecas escolares.

Segundo este coordenador há que uniformizar uma série de processos. A criação do SABE vai influenciar nesse sentido. A definição comum da tabela da CDU e de um manual de procedimentos de catalogação, que possa ajudar a uniformizar o tratamento documental, ajudará a construir um catálogo colectivo comum e a gerir a colecção de modo a que não se verifique a repetição em excesso de alguns títulos, e colecções nas bibliotecas.

O técnico responsável pela biblioteca municipal 4 refere que foi dado apoio às bibliotecas escolares quando se processou a abertura das mesmas no concelho. No entanto, presentemente não estão a acompanhar o desenvolvimento do trabalho que está a ser realizado pelas bibliotecas escolares do concelho:

“ [...] no início sim fizeram formação de..... a antiga bibliotecária mesmo aqui nesta sala fez formação das pessoas que iam ficar à frente das Bibliotecas para explicar mais ou menos o que era a base, o que é que deviam de fazer, não sei se criar um documento único, que a minha intenção neste momento é fazer um projecto sobre o Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares [...] ” (BM 4)

A ligação entre biblioteca municipal e as bibliotecas escolares vai ser criada, pelo menos haverá essa proposta por parte do técnico da biblioteca, este refere ainda que existem muitas vantagens na criação de um serviço deste tipo (SABE), principalmente para que as bibliotecas escolares possam desenvolver a sua qualidade e incentivar a criação de outras, porque nem todas as escolas possuem ainda biblioteca escolar.

## QUADRO RESUMO IX – CATEGORIAS DE ANÁLISE

Face à análise e interpretação dos resultados do estudo, foi elaborado um quadro resumo acerca das categorias de análise estudadas, onde se caracteriza em traços gerais as categorias analisadas:

CATEGORIAS DE ANÁLISE	PERCEPÇÕES REFERENTES ÀS CATEGORIAS DEFINIDAS
<b>Fundo Documental</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A maioria dos coordenadores entrevistados estão em processo de construção do catálogo;</li> <li>- Os que disponibilizam porventura o catálogo online admitem que o mesmo se encontra desactualizado;</li> <li>- A compra de livros é efectuada através de verbas do PNL e das Câmaras Municipais;</li> <li>- As aquisições de livros não são permanentes;</li> <li>- Os documentos devem de existir em diversos suportes (material livro e não livro);</li> <li>- Existe falta de verbas para aquisição documental, as bibliotecas não têm orçamentos próprios;</li> </ul>
<b>Recursos humanos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os Recursos Humanos são escassos com poucas horas afectas à biblioteca;</li> <li>- Eles podem variar entre os 3 e os 9 elementos;</li> <li>- O horário das equipas é bastante espartilhado, originando uma quebra significativa no ritmo de trabalho;</li> <li>- Os coordenadores têm formação na área (formação contínua e nalguns casos, já concluíram ou encontram-se a efectuar formação superior na área);</li> <li>- Alguns membros da equipa têm formação na área das Tecnologias da Informação e Comunicação;</li> <li>- Pouca formação existente na Rede de Bibliotecas Escolares e no Centro de Formação da Associação de Escolas do Alentejo Litoral para pessoal auxiliar;</li> </ul>
<b>Dinamização e Promoção do Livro e da Leitura</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- São desenvolvidas diversas actividades para o público escolar, têm como objectivo incutir o gosto pela leitura e desenvolver competências no âmbito da leitura e da escrita:</li> <li>- Leituras Partilhadas;</li> <li>- Concursos Literários;</li> <li>- Feira do Livro;</li> <li>- Hora do Conto;</li> <li>- Encontros com Escritores e Ilustradores;</li> <li>- Criação de guiões para facilitar a consulta documental;</li> </ul>

**QUADRO RESUMO IX – CATEGORIAS DE ANÁLISE (Continuação)**

CATEGORIAS DE ANÁLISE	PERCEPÇÕES REFERENTES ÀS CATEGORIAS DEFINIDAS
<p><b>Visão do Trabalho Desenvolvido nas Bibliotecas Escolares</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A organização do fundo documental foi efectuada à semelhança da existente na biblioteca municipal;</li> <li>- A utilização da Tabela de Classificação Decimal Universal;</li> <li>- Foi dado apoio por parte da Biblioteca Municipal;</li> <li>- Relativamente ao espaço físico a maior parte das Bibliotecas do 1.º Ciclo existentes e que ainda não estão integradas nos agrupamentos verticais de escolas, estão instaladas em antigas salas de aula ou em antigos refeitórios que se encontram inactivos;</li> <li>- As coordenadoras entrevistadas preocupam-se com a constituição do fundo documental, utilização do orçamento do PNL;</li> <li>- São bibliotecas dinâmicas, onde são desenvolvidas actividades de promoção do livro e da leitura;</li> <li>- O trabalho de coordenação com a Rede de Bibliotecas Escolares é visível;</li> <li>- A maioria das crianças gosta das Bibliotecas Escolares;</li> </ul>
<p><b>Conceito e “modelo” de Cooperação</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Existem apenas cooperações pontuais entre bibliotecas;</li> <li>- A cooperação não existe, não acontece;</li> <li>- Existe falta de apoio às Bibliotecas Escolares;</li> <li>- Os coordenadores das bibliotecas escolares consideram a cooperação fundamental, a importância do desenvolvimento de projectos em comum;</li> <li>- Existe necessidade de efectuar e formalizar protocolos, entre a Biblioteca Escolar e Municipal;</li> <li>- Construção de um catálogo colectivo;</li> <li>- Construção de um programa de actividades coerente;</li> <li>- Elaboração de instrumentos de trabalho comuns;</li> <li>- Maior abertura entre as Bibliotecas Escolares e a Biblioteca Municipal;</li> <li>- A partilha de conhecimento e experiências é fundamental;</li> </ul>
<p><b>Propostas de Intervenção para o Desenvolvimento de um SÁBE</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Protocolo assinado entre o agrupamento e a autarquia;</li> <li>- Construção de um catálogo colectivo interconcelhio;</li> <li>- Planeamento de actividades em conjunto (Biblioteca Municipal e Escolar);</li> <li>- Estabelecimento de uma <i>Política Colaborativa</i> entre Instituições;</li> <li>- Reuniões de Trabalho permanentes entre as Instituições;</li> <li>- Possibilidade de troca de ideias;</li> <li>- Apoios financeiros;</li> <li>- Rentabilização de Recursos Humanos;</li> <li>- Prestar um apoio activo à Comunidade Escolar;</li> <li>- Definição dos termos em comum da Tabela de Classificação Decimal Universal, entre Bibliotecas Públicas e Escolares;</li> <li>- Manual Comum de Procedimentos de Catalogação;</li> <li>- Gestão da Colecção;</li> <li>- Uniformização do tratamento documental</li> </ul>

Tendo em conta as categorias de análise consideradas, podemos referir que os fundos documentais existentes nas bibliotecas escolares apesar das verbas atribuídas pelo Plano Nacional de Leitura e Câmaras Municipais são ainda bastante deficitários, porque durante um período longo o investimento foi praticamente nulo.

As aquisições de livros não são permanentes, porque as bibliotecas escolares não possuem um orçamento próprio, estando dependentes das verbas que lhes são destinadas pelo Órgão de Gestão da escola onde se encontram inseridas. Contudo, o investimento efectuado em termos de aquisição de fundo documental aumentou devido ao apoio do PNL e Câmaras Municipais, tendo em conta o protocolo estabelecido entre as Câmaras Municipais do Litoral Alentejano, o PNL e escolas destes concelhos em Alcácer do Sal, Novembro de 2007, o que permitiu que as bibliotecas escolares pudessem disponibilizar uma maior oferta informativa, verificando-se assim desta forma, nalgumas bibliotecas, um acréscimo na procura de informação por parte dos professores e alunos.

A grande maioria do fundo documental das bibliotecas escolares é constituído por literatura, havendo escassez de livros de carácter informativo/técnico, notando os coordenadores das bibliotecas escolares que terá de existir um maior investimento no sentido de colmatar esta lacuna que se verifica.

O tratamento do fundo documental é um processo constante, a maior parte das bibliotecas escolares têm o catálogo informatizado, mas desactualizado.

Por outro lado, a gestão deste fundo documental é assegurada pelas equipas de pessoal das escolas destinadas para o efeito, sendo fundamental e imprescindível para que a biblioteca escolar possa funcionar devidamente. As pessoas que constituem a equipa de trabalho da biblioteca escolar devem estar sensibilizadas para este trabalho, no desempenho das suas tarefas, sendo-lhes sempre inculcado que o seu papel é fundamental para o bom funcionamento da mesma.

Podemos constatar através das entrevistas realizadas que na maioria das bibliotecas escolares, os recursos humanos são escassos, estando poucas horas afectos à biblioteca. A constituição da equipa de trabalho varia entre os 3 e os 9 elementos, sendo o seu horário bastante espartilhado, levando isso a uma quebra de ritmo de trabalho, fazendo com que as tarefas se estendam por um tempo indeterminado.

Há um investimento pessoal por parte dos coordenadores das bibliotecas escolares, que têm apostado em formação nesta área, trazendo obviamente uma grande mais-valia, situação

que já não é a mesma no que se refere aos auxiliares e outros membros (professores) que fazem parte da equipa e que, em muitos casos, estão na biblioteca escolar apenas com a finalidade de preencher o restante horário lectivo, sendo uma via de completar as suas 35 horas semanais na escola, não dispondo de qualquer formação na área. A própria rede de bibliotecas escolares e o centro de formação de professores do Litoral Alentejano não estão a dar resposta a estas lacunas formativas. Uma mais-valia fundamental que deverá ser aqui ressalvada é o facto de a maior parte destas equipas de trabalho terem um professor que faz parte área das Tecnologias da Informação e Comunicação, trazendo conhecimentos acrescidos que são essenciais para o bom funcionamento das bibliotecas e muito válidos para os seus utilizadores que as frequentam.

As bibliotecas municipais também não podem disponibilizar recursos humanos porque têm escassez de pessoal, apenas podem efectuar auxílios pontuais. Estes recursos humanos têm que ser canalizados para outro tipo de acções, nomeadamente para o desenvolvimento de actividades de dinamização e promoção do livro e da leitura, actividades essas pensadas pela biblioteca municipal e feitas para as bibliotecas escolares, não havendo, na maioria dos casos, articulação com o Plano Curricular da Escola, nem um plano comum de actividades, de modo a que não haja sobreposição de actividades.

São várias as actividades realizadas, quer sejam elas efectuadas pelas bibliotecas escolares como pelas bibliotecas municipais. As actividades de ambas as instituições devem convergir num plano único, coerente feito em comum, que dê respostas às necessidades de cada escola em particular, através do qual se possam rentabilizar recursos, criar sinergias. As bibliotecas municipais e escolares devem pensar em conjunto no público escolar, sem que nenhuma perca a sua identidade e o seu papel na comunidade local onde se encontram inseridas. O seu desafio é sobretudo transformar a quantidade em qualidade, investindo na criação de competências de leitura e pesquisa da informação:

- a) O objectivo é constituir grupos de leitores (adultos) debater, conversar sobre livros, autores e literatura, e passando da informação ao conhecimento;
- b) O desafio é formar “Ateliers” de leitura e escrita e desenvolver em crianças e jovens competências ao nível da leitura e da escrita;
- c) A finalidade é juntar pais e filhos na mais tenra idade e desenvolver com estes as suas capacidades cognitivas e sensoriais, sensibilizando e formando os pais para desempenhos correctos em casa.
- d) O desafio é desenvolver projectos que possibilitem a aquisição de competências ao nível da pesquisa, selecção, tratamento e divulgação de informação.

Este é um trabalho comum e é imprescindível que seja desenvolvido comumente. É através desta convergência de interesses que o papel das bibliotecas se torna legítimo, ganhando um sentido alargado. O desafio é pensar em conjunto, trabalhar em articulação, não havendo perda de identidade e de legitimidade no trabalho que é desenvolvido pelas bibliotecas escolares e pelas bibliotecas municipais.

Os bibliotecários municipais entrevistados vêem as bibliotecas escolares como espaços agradáveis, organizados à semelhança das bibliotecas municipais, nomeadamente no que diz respeito ao tratamento documental (processamento da cadeia documental). Verifica-se apoio pontual neste sentido e sempre que é solicitado pela equipa da biblioteca escolar. Os bibliotecários encaram as bibliotecas escolares como espaços dinâmicos, onde se desenvolvem inúmeras actividades. As crianças gostam de as frequentar. Há preocupação por parte das coordenadoras na constituição do fundo documental, tentando canalizar as verbas atribuídas pelo PNL e Câmaras Municipais para a compra de material livro e não livro, tentando fazer uma gestão documental da maneira mais racional possível, seguindo as directrizes da RBE<sup>27</sup>. O trabalho desenvolvido com a Rede de Bibliotecas Escolares é visível, mas só do ponto de vista quantitativo, deixando ao acaso a parte qualitativa, que é a essência de todo este processo, tendo em conta que esse é o ponto fulcral de toda a existência das bibliotecas escolares.

Quer os bibliotecários entrevistados como os coordenadores das bibliotecas escolares referem a cooperação como sendo algo fundamental para o bom funcionamento destas instituições e como uma mais-valia para ambas as partes. Os projectos devem ser pensados em comum, para que dessa unidade se construa um plano coerente e sistematizado do trabalho que se pretende realizar de igual modo, não havendo apenas uma parte beneficiada em detrimento de outra. No entanto, apenas verificamos cooperações informais e na maior parte dos casos pontuais entre as bibliotecas escolares e municipais. A maior parte das vezes verificamos a inexistência de cooperação, havendo dúvidas por esclarecer, sobreposição de actividades principalmente por parte de quem está a coordenar as bibliotecas escolares. Contudo, ambas as partes admitem que a cooperação é algo fundamental, a partilha de conhecimento é imprescindível. Estas instituições terão que cooperar, trabalhar cada vez mais em conjunto para que o seu papel faça sentido e para que a noção das bibliotecas seja encarada de maneira assertiva e como um meio disponível ao conhecimento para que a informação fique enraizada e faça parte do dia-a-dia das pessoas.

---

<sup>27</sup> Gestão da Colecção [Em linha]. [Consult. 03 MAR. 2011]. Disponível em WWW: URL: [http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=gestao\\_coleccao.pdf](http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=gestao_coleccao.pdf)

Daí que seja necessário:

- a) Formalizar e efectuar protocolos entre as bibliotecas escolares e municipais;
- b) Construir um catálogo colectivo;
- c) Elaborar um programa de actividades coerente;
- d) Realizar reuniões onde haja partilha de conhecimento, experiências e planos de trabalho comuns, tendo em conta as realidades específicas de cada escola e da própria comunidade escolar;

Só desta forma se conseguem alargar os horizontes, ajudar à construção de saberes sólidos e coerentes, de modo a que todos possam sair beneficiados com isso, alunos, professores, bibliotecários, coordenadores de bibliotecas escolares, conseguindo atingir mais facilmente as metas e objectivos a que se propõem.

Surgem assim desta forma por parte dos entrevistados um conjunto de propostas de intervenção para o desenvolvimento de um Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares, que visam sobretudo estabelecer a cooperação entre bibliotecas públicas e escolares de maneira assertiva e coerente. As relações interpessoais estabelecidas entre as bibliotecas municipais e públicas acabam por ser, segundo o meu ponto de vista, fundamentais. Este será o grande ponto de partida para que esta cooperação se verifique de forma natural, não descuidando, contudo, o seu aspecto formal que pode consistir na assinatura de um protocolo entre as instituições de maneira a que não haja desprendimento. A realização de reuniões previamente agendadas com o grupo de trabalho estabelecido deverá ser periódico. Este grupo de trabalho deverá ser permanente para que não haja falhas ou lacunas de comunicação. É uma maneira de responsabilizar todos os membros. Estabelece-se assim uma política colaborativa e mais densa do que isso, cooperativa que trabalha para objectivos comuns.

O SABE é visto como o serviço que estabelece a ligação e articulação entre as bibliotecas públicas e as escolares, é o “mediador” através do qual é possível estabelecer a cooperação plena entre estas instituições, partindo daqui para aglutinar outras instituições locais, quer sejam elas públicas ou privadas, que a isso estejam dispostas e abertas, tornando o SABE como suporte da cooperação entre as instituições.

---

## **Conclusão**

Tendo como base de partida um conjunto de aspectos que nos parecem fundamentais para perceber e analisar o funcionamento das redes de cooperação existentes entre as Bibliotecas Municipais e Escolares do Litoral Alentejano, tivemos como principal objectivo perceber qual a ligação existente entre as bibliotecas Municipais e Escolares dos cinco concelhos do Litoral Alentejano (Santiago do Cacém, Grândola, Sines, Odemira e Alcácer do Sal).

É necessário salientar que este estudo contém algumas limitações, primeiro porque se trata de uma primeira investigação sobre o assunto, devido às limitações temporais a que está sujeito. A principal preocupação foi sobretudo a de realizar um estudo qualitativo, com base na organização de categorias que nos permitissem uma abordagem interpretativa, de maneira a averiguar as ligações existentes entre as bibliotecas municipais e escolares do Litoral Alentejano. Era fundamental perceber que tipo de cooperação existe entre elas e outras entidades envolvidas, assim como conhecer as perspectivas de desenvolvimento das bibliotecas em questão. É importante referir que tendo em conta as limitações que estão implícitas num estudo deste género, procurámos que os critérios delineados atribuíssem a este estudo legitimidade metodológica neste processo de investigação.

Mais do que a apresentação de soluções, este estudo tem sobretudo como dever e função problematizar a realidade existente nas bibliotecas escolares e municipais da área geográfica referida e caracterizar os tipos de cooperação existente nestas bibliotecas, de modo a que este trabalho possa dar origem a novos trabalhos de investigação.

Tal como foi referido anteriormente, e tendo por base os objectivos determinados para este trabalho, consideramos importante salientar os aspectos fundamentais desta análise tais como:

- a) Caracterizar o papel e a missão da Biblioteca Municipal e Escolar;
- b) Identificar qual a cooperação existente entre as Bibliotecas Públicas e Escolares da área geográfica definida;
- c) Identificar se as Bibliotecas do Litoral Alentejano estão organizadas de modo a prestar serviços de cooperação em Rede entre as Bibliotecas Públicas, Escolares e outras entidades envolvidas;
- d) Conhecer as perspectivas de desenvolvimento das Bibliotecas em questão;

A biblioteca escolar é fundamental para o desenvolvimento das competências ao nível da literacia, assim como na educação, informação, progresso económico, social e cultural, devendo ter meios de sustentabilidade próprios e suficientes para garantir a sua existência

peçoal através de formação, documentação, tecnologias e equipamentos, que deverá ser gratuita e de livre acesso a todos.

Os seus objectivos são sobretudo ao nível do desenvolvimento da literacia, das competências da informação, promovendo o desenvolvimento curricular da escola, dando acesso a informação credível que promova o ensino-aprendizagem, a cultura e a imaginação, defendendo sempre a liberdade intelectual de maneira a que se possa construir uma cidadania efectiva e responsável, com participação activa na democracia.

O desenvolvimento das novas tecnologias e da comunicação visual tornam por isso as crianças e os jovens mais independentes. Estes deixam de estar apenas centrados nos conhecimentos transmitidos pelos professores e passam a ter uma maior autonomia na construção do seu saber e conhecimento.

Compete cada vez mais aos professores organizar e gerir a informação disponibilizada por meios de comunicação social e por redes electrónicas de informação. Eles devem de intervir na constituição do fundo documental da biblioteca escolar, de modo a que haja um espólio diversificado, seja de consulta pertinente para professores ou alunos, facilitando a sua autonomia, quer em termos de actividades de pesquisa documental quer ao nível de elaboração de trabalhos.

No Manifesto sobre as bibliotecas escolares são apresentadas as suas funções, missões e objectivos como recurso fundamental ao serviço do ensino, nunca esquecendo a sua importância ao nível da informação e ideias indispensáveis ao sucesso da sociedade actual, ligadas ao conhecimento e à informação, alargam as competências e horizontes dos alunos e têm a capacidade de poder despertar nos indivíduos competências para a aprendizagem ao longo da vida, tal como o desenvolvimento da imaginação, fazendo com que se tornem pensadores críticos e despertos para os problemas e causas actuais.

O principal papel das escolas e bibliotecas é sobretudo criar e desenvolver nos seus alunos competências de informação, de modo a que tenhamos cidadãos cada vez mais conscientes, que participem e estejam informados de modo a poderem contribuir para o desenvolvimento cultural da sociedade no seu conjunto. A biblioteca deverá ser detentora de fundo documental diversificado (revistas, livros, documentos multimédia (áudio e vídeo), jogos, produções da própria escola), tendo em conta sempre os interesses da comunidade escolar.

Os utilizadores que frequentam o espaço da biblioteca escolar devem estar informados de todas as actividades inerentes à biblioteca escolar, para que possam participar activamente nas tomadas de decisão e ter à sua disposição toda a documentação existente na biblioteca, de modo a utilizá-la consoante os seus interesses.

Pode-se aferir que o principal papel da biblioteca escolar está sobretudo relacionado com o serviço que esta pode prestar, servindo de suporte aos programas curriculares.

A Biblioteca deverá levar os professores a informarem-se acerca dos recursos e fontes de informação existentes na Biblioteca Escolar. Os professores devem dar a conhecer quais as suas necessidades documentais e de informação, participando activamente nos processos de recolha, selecção, aquisição e tratamento da documentação. É fundamental apetrechar a Biblioteca de materiais específicos consoante as necessidades de cada estabelecimento de ensino e tendo em conta a realidade escolar existente.

A ideia de currículo aplicada pelo sistema de ensino português deve estar relacionada com a gestão flexível deste, uma vez que, o currículo não deve ser apenas a soma de todas as disciplinas, mas por sua vez a interligação entre elas. A própria escola tem o dever de proporcionar um ambiente que possa assegurar aprendizagens muito diversificadas, incluindo sobretudo áreas não disciplinares. O currículo não se deve resumir apenas a um plano, a escola deve ser aberta e flexível para vários tipos de aprendizagens que sejam significativas e não planeadas. O currículo deve ser reorganizado face aos desafios da sociedade da informação. A sociedade actual determina novas exigências aos cidadãos e a capacidade de resposta destes acaba por estar dependente do percurso escolar ao qual foram submetidos.

A biblioteca escolar deverá ser o “centro da escola”. Os professores devem estar conscientes da forte colaboração que ela poderá proporcionar na gestão do currículo, de modo a saber utilizar as suas competências de informação na organização do ensino, assim como rentabilizar e tirar o máximo partido dos recursos e equipamentos existentes. Deverá ser uma biblioteca sem fronteiras, estar aberta não só aos agentes educativos, mas à própria comunidade local, sendo difusora da cultura e da própria identidade local, participando nos projectos desenvolvidos pela comunidade.

O êxito da Rede de Bibliotecas Escolares não está na existência física de bibliotecas escolares; passa pela construção da cultura da biblioteca escolar, pelo facto de a tornar importante. Contudo, de que vale ter uma biblioteca escolar se esta não é detentora de profissionais formados nesta área. É necessário referir que alguns dos coordenadores das bibliotecas escolares do Litoral Alentejano têm investido ultimamente em formação na área das

bibliotecas escolares, que será uma mais valia muito grande para estas bibliotecas e para os alunos e professores dos estabelecimentos de ensino onde isso acontece.

No que se refere ao tipo e características das redes de cooperação que se estabelecem entre as Bibliotecas Públicas e Escolares do Litoral Alentejano, a opinião da maioria dos coordenadores de bibliotecas escolares é que a cooperação entre as Bibliotecas Escolares e Municipais não existe, salvo a presença de certas cooperações pontuais. O que acontece na maioria dos casos é que as redes estabelecidas são imperfeitas, e nos ambientes onde existe alguma competição, a perspectiva individualista acaba por não se conseguir superar. Não é fácil gerir redes de cooperação nomeadamente entre as bibliotecas públicas e escolares. No entanto, há que verificar quais os pontos de confluência e divergência possíveis, nunca deixando de distinguir os papéis e as estruturas de relações que envolvem os diversos actores intervenientes. A partilha de recursos é fundamental tendo em conta o facto que isso terá a nível de custos de informação e de coordenação. O trabalho será certamente muito mais profícuo.

Os responsáveis de ambas as tipologias de bibliotecas estudadas salientam a necessidade de estabelecer a ligação entre as bibliotecas municipais e escolares. Existe boa vontade em cooperar entre as escolas e autarquias. Os coordenadores das bibliotecas escolares sentem necessidade de estabelecer esta ligação de uma maneira formal através de um protocolo ou acordo para que ambas cumpram com as directrizes estipuladas. É importante a construção de catálogos colectivos e uma articulação entre os planos de actividades das bibliotecas escolares e municipais. Esta opinião é unânime por parte dos coordenadores. Contudo, no que diz respeito à formalização do SABC (Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares) as opiniões dividem-se. Dois dos responsáveis pelas Bibliotecas Municipais não concordam com a formalização do serviço, porque acham que este deve ser prestado informalmente como tem sido feito até aqui, procurando sempre melhorar a relação existente com as bibliotecas escolares. Em duas das bibliotecas municipais não tem havido continuidade do técnico responsável pela biblioteca municipal, o que faz com que tenha havido uma quebra nas ligações existentes entre biblioteca municipal e escolar.

Em relação à cooperação muito há a fazer. É fundamental para o desenvolvimento das instituições a partilha de conhecimentos, experiências, recursos humanos e financeiros, assim como a construção de ferramentas e outros instrumentos de trabalho, como a elaboração de um plano de actividades em conjunto que vá ao encontro de objectivos comuns das bibliotecas escolares e municipais.

Todas as instituições têm a ganhar com a cooperação, jamais as bibliotecas deverão estar isoladas, isso seria certamente constrangedor para o desenvolvimento e desempenho do trabalho que pretendem levar a cabo. A cooperação entre Bibliotecas é algo fundamental, é até uma questão de sobrevivência das próprias que deverão ser aliadas. Para que haja cooperação é necessário que se verifique uma cultura de confiança entre as instituições e os recursos humanos que delas fazem parte. O objectivo é sobretudo poder dar resposta às finalidades conjuntas destas instituições, assim como responder aos interesses dos indivíduos que elas envolvem. Quando se fala em cooperação sabemos que tem que existir por parte dos interessados e directamente implicados no processo uma certa disponibilidade e receptividade para que a cooperação se verifique na prática, nunca esquecendo que a cooperação é complexa e está intrinsecamente confrontada com os relacionamentos (formais e informais) estabelecidos pelos indivíduos.

Os resultados do estudo revelam que as bibliotecas escolares promovem várias actividades ligadas à promoção e divulgação do livro e da leitura, desenvolvendo e apostando em actividades amplas que possam abarcar vários níveis de escolaridade. Estas actividades têm como principal objectivo inculcar e desenvolver competências no âmbito da leitura e da escrita, de modo a promover o livro e a leitura, estando muitas delas integradas no Plano Nacional de Leitura. As actividades tendem a ser bastante diversificadas e a envolver professores de várias áreas curriculares. A maior parte das actividades são realizadas dentro do espaço das bibliotecas escolares. As bibliotecas escolares 1.º ciclo estão localizadas em antigas salas de aula, antigos refeitórios de escolas ou ainda nalguns casos em pavilhões pré-fabricados com poucas condições físicas para acolher todas as turmas existentes na escola. Contudo, tentam rentabilizar o espaço existente da melhor maneira possível e o mais apelativo possível.

Em relação ao tratamento documental e arrumação das colecções seguem as regras existentes nas bibliotecas municipais. Todavia, na maior parte das bibliotecas escolares muita da documentação existente está ainda por tratar. As bibliotecas existentes que albergam os 2.º/3.º Ciclos e ensino secundário têm espaços próprios para a implementação da biblioteca e seguem também estas os modelos propostos pelas bibliotecas municipais dos concelhos a que pertencem. As suas condições físicas são superiores às das bibliotecas do 1.º Ciclo.

Apesar de há muito se ouvir falar da cooperação entre bibliotecas públicas e escolares, esta efectivamente na prática não se verifica. Poucas são as actividades desenvolvidas em parceria. A boa vontade existe em cooperar entre as instituições, mas na prática não se aplica, salvo situações excepcionais.

O trabalho desenvolvido pelas bibliotecas escolares estudadas parece denotar um perfil de certa credibilidade, na perspectiva dos seus responsáveis, quer no que diz respeito à literacia da leitura quer igualmente no âmbito da literacia da informação, onde tem havido uma preocupação constante, nomeadamente na construção de guiões de pesquisa que auxiliem os alunos nos seus trabalhos escolares. Estes guiões têm sido desenvolvidos principalmente no 1.º, 2.º e 3.º Ciclos, havendo uma necessidade de os implementar nas bibliotecas das escolas de ensino secundário. Apesar de todo o trabalho desenvolvido nas bibliotecas escolares, muito há a fazer. Este trabalho encontra-se ainda numa fase inicial, apesar das novas directrizes implementadas pela Rede de Bibliotecas Escolares, que ajudam uniformizar processos e a orientar procedimentos.

Face aos resultados do estudo, é possível descodificar uma matriz de percepção da estrutura de relações entre as bibliotecas estudadas, onde se denota uma clara debilidade de laços formais e informais no campo da rede de cooperação institucional, tal como ilustra o esquema descrito em seguida.

**Esquema 1-** Síntese da Matriz de Percepção da Rede de Cooperação entre as Bibliotecas Escolares e Públicas do Litoral Alentejano



Contudo, os resultados deste estudo deixa-nos bastantes questões em aberto, que serão pontos de partida para investigações futuras sobre esta temática:

É necessário existir uma maior cooperação entre as bibliotecas escolares, municipais, universitárias e outras instituições que fazem parte do meio envolvente, de modo a rentabilizar sinergias, procurando trabalhar temáticas comuns que sejam transversais a todos, rentabilizando custos e recursos, actividades e saberes. Um dos aspectos muito salientado nas entrevistas efectuadas foi o trabalho em articulação, a elaboração de um plano de actividades entre as bibliotecas escolares e a municipal, assim como a existência de um manual conjunto que leve à normalização de procedimentos biblioteconómicos a ter nas escolas e biblioteca municipal, a importância da rentabilização de competências.

A constituição de serviços de apoio às bibliotecas escolares iriam ajudar na normalização de procedimentos, cooperação verdadeira a nível de iniciativas e até de apoios. Poderia ser criada uma plataforma de suporte ao serviço de apoio às bibliotecas escolares onde houvesse para além da troca de documentação, o contar de experiências de cada uma das instituições, criando assim políticas colaborativas entre as escolas e até mesmo os encarregados de educação, que devem ter uma participação proactiva dentro da comunidade escolar.

Este serviço de apoio às bibliotecas escolares deve ter uma ligação a toda a sociedade envolvente, dando não só apoio técnico-documental, como servindo também de elo de ligação entre a biblioteca municipal e escolar, de modo a conseguir mais facilmente apoios, financiamentos e patrocínios com as empresas locais e associações, promovendo actividades de qualidade para os alunos, envolvendo sempre a comunidade local e demonstrando que todos temos um papel preponderante na difusão do livro e da leitura, devendo promover a nossa identidade local, cultural e sobretudo a nossa língua, tendo sempre como objectivo a educação das crianças e jovens para que possam desenvolver plenamente o seu espírito crítico e o seu papel como cidadãos conscientes e despertados para as causas actuais.

---

## **Referências Bibliográficas**

- ALVES, Marta Paula – Biblioteca Escolar: tecnologias de informação e currículo. *Liberpolis: revista das bibliotecas públicas*. Setúbal. ISSN: 0874-3878. n.º 2 (1999), p. 69 – 80.
- ALVES, Marta Paula, NEVES, Rui – Tecendo a rede de Bibliotecas Escolares. *Liberpolis: revista das bibliotecas públicas*. Setúbal. ISSN: 0874-3878. N.º 1, (1998), p. 79 – 89.
- ALVES, Marta Paula Fernandes Mota – *Intervenção da Biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem: estudo de caso*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 2000. Tese de mestrado.
- BAIRRÃO, Margarida, GOUVEIA, Luís Borges – *Gestão da Informação na Biblioteca Escolar*. [Porto]: Gestknowing, 2007. ISBN: 978-989-95330-0-4.
- BELL, Judith – *Como Realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva, 1997. ISBN: 972-662-524-6.
- Bibliotecas Escolares de Extremadura [Em linha]. [Consult. 12 Dez. 2008]. Disponível em WWW:< URL: <http://bibliotecasescolares.educarex.es/index.php>
- BOGDAN, Robert, BIKLEN, Sari – *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto, 1999. ISBN: 972-0-34112-2.
- BRASÃO, Inês, DOMINGOS, Nuno, SANTOS, Tiago – *Leitores de Bibliotecas Públicas: inquérito à rede de leitura pública na região de Lisboa*. Lisboa: Colibri, 2004. ISBN: 972-772-516-3.
- Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*. Edição da Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, 1996. ISSN: 0007-9421.
- CALIXTO, José António – Biblioteca Pública versus Biblioteca Escolar: uma proposta de Mudança. *Cadernos de Biblioteconomia Arquivística e Documentação*: Lisboa. N.º 3 (1994), p. 57- 67.
- CALIXTO, José António – As Bibliotecas Públicas Portuguesas: transformações, oportunidades e desafios. *Páginas A&B*: Lisboa. ISSN: 0873-5670. N.º 16 (2005), p. 61 – 88.
- CALIXTO, José António – O papel das Bibliotecas Públicas no apoio à aprendizagem ao longo da vida. *Páginas A&B*: Lisboa. ISSN: 0873-5670. N.º 13 (2004), p. 77 – 103.
- CALIXTO, José António – *A Biblioteca Escolar e a Sociedade de Informação*. Lisboa: Caminho, 1996. ISBN 972-21-1047-0.
- CANÁRIO, Rui – Que futuro para as Bibliotecas Escolares? *Noesis: a revista do professor*. Lisboa. ISSN: 0871-6714. N.º 37 (1996), p. 60 – 62.
- CANÁRIO, Rui, OLIVEIRA, Fernando – *Centro de Recursos da E.P. Marquesa de Alorna: Frequência e modalidades de utilização pelos alunos*. Lisboa: Centro de Recursos Educativos da Escola Preparatória Marquesa de Alorna, 1991.
- CARMO, Hermano, FERREIRA, Manuela Malheiro – *Metodologia da Investigação: Guia para a Auto-aprendizagem*. Lisboa: 1998. ISBN: 972-674-231-5.
- CEIA, Carlos – *Normas para a apresentação de trabalhos científicos*. 6.ª ed. Lisboa: Presença, 2006. ISBN: 972-23-1874-8.

CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 6, Aveiro, 1998 - *A Biblioteca Escolar: uma estratégia no limiar da Sociedade da Informação*: actas. Aveiro: BAD, 1998.

CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 6, Aveiro, 1998 - *Bibliotecas e arquivos na sociedade da informação: estratégias para o século XXI*: actas. Aveiro: BAD, 1998.

CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 5, Lisboa, 1995 - *Cooperação entre Bibliotecas Públicas e Escolares: um exemplo no concelho de Loulé*. Multiculturalismo: actas. Aveiro: BAD, 1995.

COUVANEIRO, Conceição S. – *Práticas cooperativas: personalização e socialização*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004. ISBN: 972-771-741-1.

CRAVO, Maria Teresa Brito da Luz de Lima Faísca – *A Biblioteca Escolar/Centro de Recursos Educativos e o Currículo – Que (Inter)Ligação: O caso de Vendas Novas*. Évora: Universidade de Évora – Departamento de Pedagogia e Educação, 2007. Tese de mestrado.

DAGGE, Artur Filipe Morgado – *As bibliotecas escolares e o papel do bibliotecário*. Évora: Universidade de Évora – Departamento de História, 2004. Tese de mestrado.

Despacho normativo n.º 19117/2008, de 17 de Julho de 2008  
Biblioteca escolar, pág. 31736

DIRECÇÃO REGIONAL DO ALENTEJO [Em linha]. [Consult. 28 SET. 2010]. Disponível em WWW:< URL:  
<http://drealentejo.pt/queries/enderecos.asp?distrito=Set%FAbal&saida=HTML>

FERREIRA, David Mourão – *Serviço de Bibliotecas e apoio à Leitura. Cadernos de Biblioteconomia Arquivística e Documentação*: Lisboa. N.º 3 (1994), p. 159-179.

FIALHO, Joaquim Manuel Rocha – *Redes de Cooperação Interorganizacional: O caso das entidades formadoras do Alentejo Central*. Évora: Universidade de Évora – Departamento de Sociologia, 2007. Tese de doutoramento.

FIGUEIREDO, Fernanda Eunice – *Rede Nacional de Bibliotecas Públicas: Actualizar para responder a novos desafios*. Cadernos BAD, n.º 1, p. 60-72. Disponível em WWW:< URL:  
<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/385/38500105.pdf>. ISSN: 0007-9421.

Fins e objectivos da Biblioteca Pública. *Cadernos de Biblioteconomia Arquivística e Documentação*: Lisboa. N.º 1 (1984), p. [95- 96].

Gobierno de Navarra – *Bibliotecas Escolares de Navarra* [Em linha]. [Consult. 12 de Dez. 2008]. Disponível em WWW: URL:  
<http://www.pnte.cfnavarra.es/bibliotecasescolares/directorio.html>

IFLA – *Os Serviços da Biblioteca Pública: Directrizes da IFLA – UNESCO* (2001). Lisboa: Caminho, [2003]. ISBN: 972-21-1567-7.

MANIFESTO IFLA/UNESCO PARA BIBLIOTECA ESCOLAR [Em linha]. [Consult. 12 de Jun. 2010]. Disponível em WWW: URL: <http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>

MANIFESTO DA IFLA/UNESCO SOBRE BIBLIOTECAS PÚBLICAS 1994 [Em linha]. [Consult. 12 de Jun. 2010] Disponível em WWW: URL: <http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>

MELO, Daniel – *A Leitura Pública no Portugal Contemporâneo 1926-1987*. Lisboa: ICS, 2004. ISBN: 972-671-137-1.

MIQUELINO, Cristina Maria Santos – *O Papel Socializante das Bibliotecas Escolares (1.º Ciclo) no Processo de Ensino-Aprendizagem - Vol.I e Vol.II*. Grândola: Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa – Departamento de Sociologia, 2004. Tese de mestrado.

Ministério da Educação – *Rede de Bibliotecas Escolares* [Em linha]. [Consult. 11 de Nov. 2008]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.rbe.min-edu.pt/>

MOURA, Helena – Um dia na Biblioteca. *Noesis: a revista do professor*. Lisboa. ISSN: 0871-6714. N.º 50 (1999), p. 6 – 7.

NUNES, Henrique Barreto - Livros, Crianças, Escolas, Bibliotecas e o mais que adiante se verá. *Cadernos de Biblioteconomia Arquivística e Documentação*: Lisboa. N.º 3 (1994), p. 49-56.

NUNES, Henrique Barreto – *Da biblioteca ao leitor: estudos sobre a leitura pública*. Braga: Autores de Braga. 1996. ISBN: 972-82026-10-2.

O Programa Rede de Bibliotecas Escolares. *Páginas A&B*: Lisboa. ISSN: 0873-5670. N.º 11 (2003), p. 7 – 35.

Portaria n.º 756/2009 de 14 de Julho.

Capítulo I – Disposições gerais, artigo 3.º Conceito Funcional [sobre o papel de professor Bibliotecário].

QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT, Luc Van – *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 4.ª ed. Lisboa: Gradiva, 2005. ISBN: 972-662-275-1.

SANTOS, Dora – Bibliotecas Escolares: um balanço. *Noesis: a revista do professor*. Lisboa. ISSN: 0871-6714. N.º 50 (1999), p. 43 – 45.

SILVA, Augusto Santos, PINTO, José Madureira (org.) – *Metodologia das Ciências Sociais*. 14ª ed. Porto: Afrontamento, 2007. ISBN: 978-972-36-0503-7.

SILVA, Lino Moreira da – *Bibliotecas Escolares e Construção do Sucesso Educativo*. Braga: Universidade do Minho, 2002. ISBN: 972-8746-02-4.

SILVA, Lino Moreira da – *Bibliotecas Escolares: um contributo para a sua justificação e organização e dinamização*. Braga: Livraria do Minho, [2000]. ISBN: 972-98532-1-5.

USERWOOD, Bob – *Biblioteca Pública como conhecimento público*. Lisboa: Caminho, 1999. ISBN: 972-21-1284-8.

VEIGA, Isabel, [et al.] – Programa da Rede de Bibliotecas Escolares. *Leituras: Revista da Biblioteca Nacional*: Lisboa. ISSN: 0873-7045. N.º 1 (1997), p. 219 – 226.

VENTURA, João J. B. – *Bibliotecas e Esfera Pública*. Oeiras: Celta, 2002. ISBN: 972-774-138-X.